



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - LICENCIATURA

MAGDA CAMPOS DE LIMA

**TERRITORIALIDADE RELIGIOSA E A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA A
PARTIR DA CONCEPÇÃO DOS DEVOTOS NA CIDADE DE MATA GRANDE-AL**

DELMIRO GOUVEIA-AL

2019

MAGDA CAMPOS DE LIMA

**TERRITORIALIDADE RELIGIOSA E A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA A
PARTIR DA CONCEPÇÃO DOS DEVOTOS NA CIDADE DE MATA GRANDE-AL**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado ao Curso de Geografia da
Universidade Federal de Alagoas, *Campus* do
Sertão, como requisito para a obtenção do
título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Me. Kleber Costa da Silva

DELMIRO GOUVEIA-AL

2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Larissa Carla dos Prazeres Leobino – CRB-4 2169

L732t Lima, Magda Campos de

Territorialidade religiosa e a representação imagética a partir da concepção dos devotos na cidade de Mata Grande-Al / Magda Campos de Lima. – 2019.
114 f. : il.

Orientação: Kleber Costa da Silva.
Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Geografia. Delmiro Gouveia, 2019.

1. Geografia – Território. 2. Religião. 3. Mata Grande-Al. I. Título.

CDU: 910



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO: GEOGRAFIA – LICENCIATURA

FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTOR(A): **MAGDA CAMPOS DE LIMA**

“TERRITORIALIDADE RELIGIOSA E REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA A PARTIR DA CONCEPÇÃO DOS DEVOTOS NA CIDADE DE MATA GRANDE-AL” - Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia – Licenciatura – da Universidade Federal de Alagoas – UFAL - Campus do Sertão.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do Curso de Geografia – Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em **31 de outubro de 2019**.

Banca Examinadora:

Prof. Me Kleber Costa da Silva – UFAL/Campus do Sertão

Orientador

(Prof. Dr. Cezar Alexandre Neri Santos – UFAL/Campus do Sertão)

Examinador Externo

(Prof. Me. Leônidas de Santana Marques – UFAL/Campus do Sertão)

Examinador Interno

Até aqui nos ajudou o Senhor (1 Samuel 7,12)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da minha vida e ao Espírito Santo onipotente por iluminar a minha mente e assim construir esse trabalho, sempre que o invocava nos momentos de necessidade me vinha um alento. A Nossa Senhora da Conceição por tê-la como minha mãe e a Santa Teresinha que a considero como minha madrinha, por intercederem por mim e me inspirarem a fazer esse trabalho.

Aos meus pais José e Lúcia, principalmente a minha mãe Lúcia que me ensinou as primeiras letras, foi a minha primeira professora na educação básica e sempre contribuiu com a minha formação. E também aos meus irmãos Aline, Daniela, Pablo e a Letícia, que me ajudaram em alguns momentos dessa graduação. Sou grata aos meus tios Luís e Joana Darc por me acolherem em seu lar durante as aulas de campo.

A todos os meus professores da UFAL - Campus do Sertão que contribuíram com a minha formação acadêmica durante todo esse processo de conhecimento e aprendizagem, também ao projeto do PIBID que me conduziu a novas perspectivas. Ao primeiro professor Leônidas de Santana Marques pela orientação na construção desse projeto e por me impulsionar a seguir com essa ideia. Agradeço ao professor e orientador dessa pesquisa Kleber Costa da Silva que contribuiu na concretização desse projeto e que confiou na minha inspiração para produzir esse trabalho.

Obrigado a todas as pessoas que fizeram parte da minha vida durante esses quatro anos na UFAL Campus do Sertão em Delmiro Gouveia-AL e também aos grupos de estudos do GEPAR e GESN por compartilhar conhecimento, também a monitoria que contribuiu com a formação de novos saberes. Obrigada à turma 2014.2 do curso de Geografia sinto falta dos nossos momentos de alegria e companheirismo, guardo todos em meu coração, o incrível é ter um Oceano na aula de Geografia. Amei as aulas de campo, obrigado a todos os professores que proporcionaram esses momentos que vivenciamos a teoria na prática.

Agradeço ao meu amigo João Pedro Avelino pela paciência e cooperação na organização dos mapas, serei sempre agradecida pela dedicação e por me entender. Obrigado a minha amiga Regilma dos Santos da Silva a “princesa” por me incentivar a melhorar, agradeço a Deus por fazer essas duas pessoas especiais estarem próximas a mim; fico grata, Senhor, pela força que me destes mesmo diante de todas as minhas imperfeições, não é fácil superar os desafios.

Ao Padre Gilberto Pereira de Amorim por ceder os livros de tombo da paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Mata Grande-AL para a realização da pesquisa, também aos meus amigos Edivaldo Araujo e Joselito Pereira que forneceram dados importantes para a

construção desse trabalho. E principalmente ao meu amigo diácono Joelder Pinheiro C. de Oliveira que junto com o Cônego Washinton Luiz Bezerra fizeram um documentário sobre a caminhada de evangelização desta paróquia, saibam que foi de extrema importância para a minha pesquisa.

A senhora Josefina Alves Canuto por fornecer informações sobre a sua vida estudantil e a sua formação como professora, e sendo amiga do Monsenhor Aloysio Vianna Martins compartilhou informações das atividades realizadas pelo padre, durante o tempo que passou à frente da paróquia de Mata Grande-AL. Ao padre Sizino Lemos Teles Júnior, por me atender quando fui falar sobre o trabalho que estava fazendo relacionado ao Santuário Teresiano, algumas informações que me passou foram importantes para a pesquisa.

Agradeço ao cartório de Iran Malta por ceder um croqui do mapa das ruas de Mata Grande que não fazem parte das terras do patrimônio da paróquia, como também ao senhor Iran Malta por ser muito solícito em explicar sobre a parte burocrática que envolve esse assunto. A todos os devotos que responderam às perguntas, foram de extrema importância para a conclusão dessa pesquisa, e a todos que direta ou indiretamente ajudaram na construção dessa pesquisa, também sou grata a cada um que caminhou junto comigo nessa trajetória. E também a Rakel Teodoro que foi uma providência de Deus.

Te louvo, Senhor Jesus, por não me deixar desistir, não me deixar desanimar e nem voltar atrás diante dos perigos que passei para concluir esse curso, as humilhações e o desprezo foram degraus da escada que leva à vitória. Obrigado a todos que fazem a UFAL - Campus do Sertão, pois lembro que um dia passei e a universidade estava em construção e desejei um dia estudar nessa universidade, porém com uns três anos depois ingressei com os estudos na UFAL, no curso de licenciatura em Geografia.

RESUMO

Este estudo geotnográfico tem o enfoque de analisar a territorialidade religiosa e a representação imagética a partir da concepção dos devotos na cidade de Mata Grande-AL. Esta pesquisa tem como objetivo geral identificar a representação imagética que simboliza a cidade de Mata Grande-AL e revelar a escolha dos devotos entre a igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e o Santuário Teresiano. O território religioso é usado constantemente pelo devoto para expressar as diversas ações de fé e a construção de templos religiosos sustenta a religião em uma comunidade. A metodologia fenomenológica, utilizada neste trabalho, busca evidências que esclareçam o surgimento de um determinado fenômeno; sendo assim, a construção dessa pesquisa consiste no uso das teorias de fontes bibliográficas e documentais. Os principais autores usados nos levantamentos bibliográficos que nortearam o estudo foram Carvalho (2016), Claval (2010), Corrêa (2011), Diégues Júnior (2012), Herculano e Santos (2011), Rosendahl (2013), Tuan (2012) e Verçosa (2006). As perguntas usadas no questionário da pesquisa foram elaboradas com a intenção de se obter uma noção da concepção dos devotos em relação ao fenômeno religioso analisado. Ademais, o texto foi construído em seis capítulos, de acordo com os objetivos, e estruturado com o uso de pressupostos teórico-conceituais de autores da geografia cultural e da geografia da religião. Foi abordado, ainda, o perfil geo-historiográfico da territorialidade religiosa de Mata Grande-AL e, para um melhor entendimento da formação desse território religioso, foram incluídos conceitos de autores que abordam a temática da territorialidade, religião, lugar. Foi realizada uma pesquisa na festa de Nossa Senhora da Conceição (2018) e na festa de Santa Teresinha (2019), na cidade de Mata Grande-AL. Assim, através dos dados obtidos pelo questionário, as respostas foram relacionadas com a obtenção das informações, o que proporcionou a construção dos gráficos e das tabelas; os resultados demonstraram que os devotos teresianos e marianos escolhem a imagem que representa para si a cidade de Mata Grande-AL.

Palavras-chave: Território. Imagem. Sagrado. Religião.

ABSTRACT

This work is a geoethnographic study that has the focus of analyzing the religious territoriality and the imagetic representation in the city of Mata Grande-AL, from the conception of the devotees. This research seeks to understand which image represents Mata Grande, according to the choice of devotees who frequent this city. Religious territory is constantly used by the devotee to express various acts of faith, and the building of religious temples sustains religion in a community. The phenomenological methodology, used in this work, seeks evidence that clarifies the emergence of a given phenomenon; Thus, the construction of this research consists of the use of theories from bibliographic and documentary sources. The main authors used in the bibliographic surveys that guided the study were Carvalho (2016); Claval (2010); Corrêa (2011); Junior Diégues (2012); Herculanum, Santos (2011); Rosendahl (2013); Tuan (2012); and Verçosa (2006). The questions used in the research questionnaire were designed with the intention of obtaining a notion of the conception of devotees in relation to the religious phenomenon analyzed. In addition, the text was built in six chapters, according to the objectives, and structured using theoretical and conceptual assumptions of authors of cultural geography and the geography of religion. The geo-historiographical profile of the religious territoriality of Mata Grande-AL was also approached and, for a better understanding of the formation of this religious territory, the authors included concepts that address the theme of territoriality, religion, place. A research was conducted at the feast of Our Lady of Conception (2018) and at the feast of Santa Teresinha (2019) in the city of Mata Grande-AL. Thus, through the data obtained by the questionnaire, the answers were related to obtaining the information, which provided the construction of graphs and tables; The results showed that the Teresian and Marian devotees choose the image that represents for them the city of Mata Grande-AL, according to the religious festival in which they participate.

Keywords: Territory. Image. Sacred. Religion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa do desmembramento do Território denominado Mata Grande-AL.....	50
Figura 2 - Cronologia de Paulo Afonso (Mata Grande-AL).....	51
Figura 3 - Mapa antigo do território denominado Mata Grande.....	53
Figura 4 - Termo da demarcação dos limites das terras do Patrimônio.....	58
Figura 5 - Certidão do registro das terras do Patrimônio.....	60
Figura 6 - Mapa do Patrimônio da paróquia de Mata Grande-AL.....	62
Figura 7 - Hino da Padroeira Nossa Senhora da Conceição.....	64
Figura 8 - Relatório da Paróquia de Mata Grande no ano de 1954.....	67
Figura 9 - Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição.....	68
Figura 10 - Santuário Teresiano em Mata Grande-AL.....	72
Figura 11 - Loja do Santuário Teresiano.....	73
Figura 12 - Comércio informal de artigos religiosos na Festa de Santa Teresinha.....	74
Figura 13 - Visita dos devotos Teresiano ao Santuário.....	75
Figura 14 - Mapa do trajeto da procissão na festa de Santa Terezinha 2019.....	77
Figura 15 - Mapa do trajeto da procissão na festa de Nossa Senhora da Conceição 2018.....	78
Figura 16 - Devotos de Santa Terezinha.....	79
Figura 17 - Pagadora de Promessa.....	81
Figura 18 - Agricultores devotos de Santa Terezinha.....	82
Figura 19 - Vendedores informais.....	83
Figura 20 - Sala de Oração.....	84
Figura 21 - Procissão do Santuário Teresiano 2019.....	85
Figura 22 - Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.....	87
Figura 23 - Procissão de Nossa Senhora da Conceição 2018.....	89
Figura 24 - Os devotos matagrandenses na Praça da Matriz.....	90
Figura 25 - Fieis percorrendo a Procissão.....	93
Figura 26 - Sala das Promessas no Santuário Teresiano.....	94
Figura 27 - Pessoas de diversas faixas etárias visitam o templo religioso.....	97
Figura 28 - Imagem de Santa Terezinha.....	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Demonstrativo da participação dos devotos nas festas religiosas.....	91
Tabela 2 - Demonstrativo do lugar que faz os devotos lembrarem de Mata Grande-AL.....	92
Tabela 3 - Demonstrativo sobre o motivo dos devotos frequentarem as festas religiosas.....	93

LISTA DE QUADRO

Quadro 1- Fala dos Devotos.....	101
---------------------------------	-----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Estados de Origem dos Devotos.....	95
Gráfico 2 - Transportes usados pelos Devotos.....	96
Gráfico 3- Ocupação dos Devotos.....	98
Gráfico 4 - Escolaridade dos Devotos.....	100
Gráfico 5 - Mercadorias mais Compradas pelos Devoto.....	101

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 GEOGRAFIA DA RELIGIÃO	18
2.1 Território e territorialidade	22
2.2 Símbolos e lugares sagrados	25
2.3 Imagens e lugares	28
3 PERFIL GEO-HISTORIOGRÁFICO	33
3.1 A evangelização do litoral ao sertão	39
3.1.1 A evangelização para um povo com pouco acesso à leitura	42
3.2 A doação de terras para o patrimônio da Igreja	47
3.3 Os desmembramentos ocorridos na Paróquia de Mata Grande-AL	49
3.4 Os limites do patrimônio paroquial de Mata Grande-AL	56
3.5 Os bens patrimoniais da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição	63
3.6 A instrução religiosa na freguesia de Mata Grande	65
3.7 Registros das vivências na freguesia de Mata Grande-AL	68
4 TERRITORIALIDADE RELIGIOSA DA CIDADE DE MATA GRANDE-AL	72
4.1 Festa de Santa Teresinha em Mata Grande-AL	80
4.2 Festa de Nossa Senhora da Conceição em Mata Grande-AL	86
5 A IMAGEM QUE REPRESENTA A CIDADE DE MATA GRANDE-AL A PARTIR DA CONCEPÇÃO DOS DEVOTOS	91
5.1 A identidade dos devotos frequentadores das festividades religiosas em Mata Grande-AL	95
5.2 O espaço da cidade de Mata Grande-AL é um centro de significados	102
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
APÊNDICE	113

1 INTRODUÇÃO

O título deste trabalho se refere à territorialidade religiosa e a representação imagética a partir da concepção dos devotos na cidade de Mata Grande-AL. Esse assunto foi escolhido com a intenção de identificar como ocorre a territorialidade religiosa e a imagem¹ que para os devotos representa a cidade de Mata Grande-AL. O interesse também é evidenciar a sua importância na geo-historiografia sertaneja, pois sabe-se que existem poucas pesquisas sobre os vínculos de fé ocorridos no território matagrandense. Portanto, buscou-se entender esse lugar de poder, fé e conflito, que é também um ambiente privilegiado pelas riquezas naturais. Mata Grande-AL é uma cidade contornada por serras que criam uma atmosfera singular. A riqueza da paisagem natural e cultural pode ser vista das janelas de várias residências, como também de qualquer outro local; as construções religiosas estão localizadas em um lugar de destaque.

Com o estudo da geografia cultural e da religião, podemos compreender a identidade de uma comunidade; a cultura e a religião podem evidenciar a origem do indivíduo e o local onde vive. O indivíduo está inserido em um ambiente que permite aprender outras culturas, por isso a geografia cultural está voltada para elementos existentes no planeta terra, o homem utiliza esse ambiente para expressar suas práticas. O território religioso é usado constantemente pelo devoto para expressar diversas ações de fé e as construções de templos religiosos garantindo à religião a permanência em um lugar. O sagrado e o profano são elementos que fazem parte da relação do devoto com sua fé, tanto a sacralidade quanto a profanação estão presentes no território religioso, e isso não é diferente em Mata Grande-AL.

Este estudo geo-historiográfico tem o enfoque de analisar a territorialidade religiosa de Mata Grande-AL e verificar qual imagem representa Mata Grande a partir da escolha dos devotos que frequentam os templos religiosos dessa cidade. As construções religiosas impõem seu poder, ocupam espaços de grande visibilidade, criam uma paisagem concreta em homenagem ao santo de devoção. Os geossímbolos² espalhados dentro do espaço geográfico atribuem valor ao lugar e proporcionam um diferencial à comunidade. A religiosidade tem forte influência na vida cotidiana das pessoas e muitos costumes são formados a partir da

¹ Esta imagem está situada a meio caminho entre a imagem física e a mental, já que são essencialmente fenomênicas. (CATALÀ, 2011, p.33).

² “O geossímbolo pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma expressão, que por razões religiosas, políticas ou culturais aos olhos de certas pessoas ou grupos assume uma dimensão simbólica. [...]”. (BONNEMAISON, 2012, p. 292).

devoção às imagens religiosas. O devoto é um homem religioso que tem uma crença na divindade; desse modo, constrói uma cultura de fé e transmite às próximas gerações.

A análise feita sobre as doações de terras busca entender como se formou o território de Mata Grande-AL. Com os desmembramentos de vários municípios, ocorreu a perda de grande parte da extensão territorial desse lugar. As terras do patrimônio paroquial são o principal marco da consolidação religiosa que foi sendo ocupado sem a demarcação dos seus limites causando diversos conflitos com os habitantes. As construções religiosas da cidade fazem parte da dinâmica cotidiana da comunidade, pois atraem visitantes por causa da fé nas imagens, buscam nos templos religiosos significado para sua vida. Em alguns momentos, a sacralidade do lugar foi perturbada com as discórdias entre os líderes religiosos e moradores.

Esta pesquisa tem como objetivo geral identificar a representação imagética que simboliza a cidade de Mata Grande-AL e revelar a escolha dos devotos entre a igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e o Santuário Teresiano. As construções religiosas são os símbolos de fé de uma comunidade e também contribuem na composição de uma imagem para a cidade. Os objetivos específicos têm o propósito de discorrer sobre os elementos formadores da territorialidade religiosa de Mata Grande; explanar sobre o perfil historiográfico do território religioso matagrاندense; diferenciar as festividades religiosas organizadas pelos templos católicos: a igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e o Santuário Teresiano; e mostrar os resultados da pesquisa realizada junto aos devotos sobre a imagem que representa a cidade de Mata Grande-AL.

A metodologia fenomenológica busca evidências que esclareçam o surgimento de um determinado fenômeno, o lugar onde ocorre e os indivíduos envolvidos. Também através da interpretação, é possível descrever os mistérios do sagrado e do profano. A construção deste trabalho consiste em referências bibliográficas livros, dissertações, artigos, algumas dessas informações são de fontes digitais retirados da internet. Também foi realizada uma pesquisa documental com os Livros de Tombo nº 01 e 02 da paróquia de Nossa Senhora da Conceição, a certidão do registro das terras e o croqui das terras do patrimônio.

A pesquisa de campo é a combinação da teoria com a prática. A junção das duas permitiu visualizar a realidade vivenciada no cotidiano. Para conseguir um resultado condizente com essa realidade, foram aplicados questionários semiestruturados durante as festas religiosas da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e do Santuário de Santa Teresinha. As respostas conseguidas com os questionários permitiram obter uma ideia sobre a concepção dos devotos em relação ao fenômeno religioso analisado.

O método fenomenológico foi o escolhido para a construção dessa pesquisa bibliográfica, documental e de campo com o intuito de interpretar o fenômeno das festas religiosas e a experiência que os devotos vivenciam nesse território sagrado, pois, de acordo com Triviños (1987, p.47), “a fenomenologia, baseada na interpretação dos fenômenos, na intencionalidade da consciência e na experiência do sujeito”. Os principais autores usados nos levantamentos bibliográficos que nortearam o trabalho foram Carvalho (2016), Claval (2010), Corrêa (2011), Diéguas Júnior (2012), Gruzinski (2006), Lynch (2011), Herculano e Santos (2011), Rosendahl (2013), Tuan (2012) e Verçosa (2006).

As perguntas usadas no questionário foram elaboradas com a intenção de colher informações dos devotos sobre a imagem que lembra fortemente a cidade de Mata Grande-AL. A aplicação dos questionários foi realizada nas festividades religiosas de Nossa Senhora da Conceição (2018) e de Santa Teresinha (2019); para responder as perguntas foram escolhidos de forma aleatória trinta e um devotos. Durante a pesquisa foi feito o trabalho de observação das ações de fé praticadas pelos devotos dentro do território religioso; os materiais usados no registro da pesquisa foram as folhas A4 com as perguntas impressas, canetas, e o registro das imagens foi feito com um celular. Assim, podemos entender que:

O trabalho dos pesquisadores não é motivado somente pela curiosidade: ele reflete suas ambições de carreira, suas preocupações em serem distinguidos pelo poder, suas convicções religiosas e ideológicas. A geografia deve ser submetida à desconstrução: tradições recebidas e condicionamentos sociais, dessa forma, são colocados em evidência. (CLAVAL, 2010, p.122).

Através das leituras bibliográficas, documentais e da pesquisa de campo, foi possível a elaboração deste trabalho; as informações coletadas possibilitaram fazer interpretações e reflexões sobre o fenômeno religioso. Este texto foi estruturado em seis capítulos de acordo com os objetivos. Como afirma Claval (2010, p.122), “para compreender a experiência geográfica das pessoas, os depoimentos da literatura e da arte são insubstituíveis”. A leitura e a escrita contribuem para o entendimento das experiências geográficas que as pessoas vivenciam dentro do território, a curiosidade do pesquisador o leva a ter a ação de ir a campo, coletar evidências e construir conhecimentos. Os questionamentos são importantes para o planejamento e a execução do projeto, as respostas obtidas ajudam a elucidar e concluir o texto.

A primeira seção foi estruturada com a Introdução. A segunda seção foi construído com os pressupostos teórico-conceituais usando autores da geografia cultural e da geografia da religião. As categorias de análise do espaço geográfico usadas na construção do trabalho foram território e lugar, nisso os autores citados foram Claval (2010), Corrêa e Rosendahl

(2013), Santos, Silveira e Souza (1998), Tuan (2012). No desenvolvimento na segunda seção foram tratados os conceitos de território, territorialidade, lugares sagrados, imagem e símbolos. Os conceitos abordados têm o propósito de discorrer sobre os elementos formadores da territorialidade religiosa. Portanto os principais autores foram: Català (2011), Claval (2010), Corrêa e Rosendahl (2011), Gruzinski (2006), Lynch (2011), Raffestin (1993), Rosendahl (1996), Tuan (2012).

Na terceira seção foi traçado um perfil geo-historiográfico do território religioso de Mata Grande-Alagoas. Para o melhor entendimento da formação desse território, se fez necessário um levantamento bibliográfico e documental. Os trabalhos utilizados foram de autores como Andradre (2011), Carvalho (2016), Corrêa (2011), Curvelo (2011), Diégues Júnior (2012), Santos (2011), Lira (2007), Nunes (2010), Rosendahl (1996), Sampaio (2011) e Verçosa (2006). Na descrição das características territoriais de Mata Grande foram usadas como referências dados do IBGE (2017), Parahyba (2007), Perfil Municipal (2014), dos arquivos paroquiais da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição como os livros de tomo nº 01 e 02 e pelo site da diocese de Palmeira dos Índios.

A quarta seção é intitulada *Territorialidade Religiosa da cidade de Mata Grande-AL*. A escrita do texto está fundamentada em autores que abordam a temática da territorialidade, lugar e religião: Corrêa (2011), Rosendahl (1996; 1999), Santos (2006), Sousa (2011) e Tuan (2012). Baseado nesse contexto relata-se sobre a territorialidade religiosa na cidade de Mata Grande-AL através das práticas de fé realizadas pelos devotos que frequentam a Igreja Matriz de Nossa da Conceição e o Santuário Teresiano. As festividades religiosas organizadas nesses dois templos católicos fomentadores da mobilidade religiosa, atraem para a cidade de Mata Grande devotos vindos de vários lugares em qualquer época do ano. A visita do devoto a esse território religioso é feita com a intenção de cumprir um ritual de fé.

A quinta seção mostra os resultados da pesquisa que tinha o interesse de verificar a imagem que representa a cidade de Mata Grande-AL, a partir da escolha dos devotos. A pesquisa foi realizada com trinta e um devotos que frequentaram as duas festividades religiosas nos meses de dezembro de 2018 e janeiro de 2019. As respostas dos questionários proporcionaram a análise de conteúdo.

Nas considerações finais foi feito um recorte com os fatos conclusivos que norteiam esta pesquisa sobre a territorialidade religiosa matagrاندense, como as práticas de fé realizadas pelos devotos, a doação de terras ao patrimônio de Nossa Senhora da Conceição, as construções dos templos religiosos: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e o Santuário de Santa Teresinha. Constatamos que a religião católica foi implantada no território

matagrandense por motivos de devoção, mas nem tudo foi construído de forma pacífica. Os detentores de poder fizeram dentro desse território várias modificações que mudaram a imagem do município, a exemplo dos geossímbolos sinais visíveis das mudanças ocorridas no território matagrandense.

A primeira seção pretende aprofundar sobre os conceitos da geografia cultural e a geografia da religião. Essas subdisciplinas buscam compreender os fatos sociais e os fenômenos espirituais. Os fenômenos religiosos acontecem dentro de um espaço onde as pessoas convivem umas com as outras, e nessas relações existe a troca de diversos conhecimentos, ao mesmo tempo em que se aprende também se compartilha o que o que foi aprendido. A geografia estuda o território usado pelo homem que tem o poder de modificar esse território adequando às suas necessidades, religiosas, políticas, sociais e econômicas. Sendo assim, a comunidade territorializa o espaço com as suas práticas diárias. Cada território é representado por uma imagem, seja sagrada ou profana, e é reconhecido por conta disso; os símbolos religiosos são os responsáveis por formar a imagem do espaço concreto, ou seja, o território.

2 GEOGRAFIA DA RELIGIÃO

A geografia e a religião são práticas sociais que estão ligadas à dimensão espacial. A geografia é a disciplina responsável por analisar o espaço, e a religião é um fenômeno cultural que ocorre dentro de um determinado espaço. Sendo assim, “A Geografia da Religião é uma subdisciplina da Geografia Humana que tem por objeto o fenômeno religioso visto como um espaço de relações objetivas e subjetivas consubstanciadas em formas simbólicas mediadas pela religião” (GIL FILHO, 2004, p. 2). Como uma subdisciplina da geografia cultural, a geografia da religião interpreta as manifestações religiosas, os objetos simbólicos, os comportamentos e a dimensão social do sagrado.

O espaço é o principal objeto da geografia, é o palco onde ocorrem as expressões dos fenômenos religiosos e culturais; a imagem, sendo fixa ou transitória, é uma referência que serve para comprovar a existência humana, como também as suas ações cotidianas realizadas no espaço sagrado. A fenomenologia religiosa tem o interesse de compreender os fatos religiosos, pois o homem busca dar significado à sua vida, por isso constrói elementos simbólicos para externar os seus sentimentos pelo sagrado.

A ciência geográfica busca compreender o significado dos fenômenos e dos sentidos usando em sua base a fenomenologia, pois nenhuma ciência trabalha sozinha, mas são os cientistas que trabalham para organizar os fenômenos e fazer as leis. Uma ciência se diferencia da outra através do seu objeto de estudo e do método utilizado. A fenomenologia religiosa procura relatar a manifestação do fenômeno religioso, assim sendo, o método fenomenológico concerne em analisar e interpretar os aspectos das manifestações religiosas, que dão sentido à vida do homem.

Por meio dos estudos geográficos podem ser compreendidos os conceitos de sagrado e de profano, o homem entra em contato com o sagrado através dos lugares, templos, ritos, cultos, objetos simbólicos; quando o homem realiza suas preces demonstra que depende e confia em um ser divino. O sagrado é diferente do profano, mas entre eles existe uma interação, o homem vive essa relação entre o que é sagrado e o que é profano.

A religião³ sempre esteve presente nas diversas civilizações ao longo da história. Na contemporaneidade, a religião está presente em todos os continentes e nas mais variadas culturas é tratada como um fenômeno cultural. Com a modernidade, a religião enfrenta os

³ A religião é, simultaneamente, uma atividade social de comunicação simbólica regular, pelos ritos e crenças a fundamentação e a transmissão de um poder carismático, ou seja, de uma autoridade socialmente legitimada para manifestar o sagrado. (LETROS, 2014, p. 218).

desafios do consumismo, uma vez que as pessoas estão cada vez mais interessadas em possuir bens materiais. A globalização está presente de todas as formas, inserida inclusive nas igrejas; já o ateísmo nega a presença de Deus e outros tratam a religião como uma ilusão. Porém, com os estudos sobre a religião, a ciência reconhece os mistérios que existem nos fenômenos religiosos. A ciência também compreende que o homem está procurando o sentido da vida e que as sociedades das diversas classes sempre construíram monumentos sagrados.

A base do conhecimento popular, científico, filosófico e religioso contribui para a formação do conhecimento geográfico; o homem adquire essas experiências no dia a dia, também obtém a compreensão da relação que existe do homem com o meio através dos estudos. O ser humano durante sua vida adquire muitas informações, mas só acumula conhecimentos de assuntos dos quais possui uma proximidade ou interesse, cujas referências são usadas em sua vida cotidiana.

Através dos estudos os autores da geografia da religião conseguem obter várias informações, e com isso fazem as análises para comprovar os fatos, com os conhecimentos obtidos conseguem refletir sobre a realidade dos fenômenos. No entanto, nem sempre é fácil fazer a análise, pois o fenômeno em estudo é tratado por alguns como sendo algo irrelevante, a geografia da religião por vezes foi desconsiderada e tratada como algo desnecessário. Nisso:

A geografia e a religião são em primeiro lugar, duas práticas sociais. O homem sempre fez geografia, mesmo que não soubesse ou que não reconhecesse formalmente uma disciplina denominada geografia. A religião, por outro lado sempre foi parte integrante da vida do homem, como se fosse uma necessidade sua para entender a vida. Ambas, geografia e religião se encontram através da dimensão espacial, uma porque analisa o espaço, a outra porque, como fenômeno cultural, ocorre espacialmente. (ROSENDAHL, 1996, p.11).

Antes do processo de renovação do pensamento geográfico e o surgimento de uma nova perspectiva a geografia humanística na década de 1970, o estudo sobre a religião não despertava tanto interesse. Para Rosendahl (2002, p. 23) que “a pouca ênfase dada aos estudos religiosos na geografia crítica pode ser justificada também pela interpretação de que a religião não era a única culpada de todas as desgraças sociais nas sucessivas etapas da sociedade e, por isso, não merecia ser enfatizada”. Porém com a geografia humanística, os estudos religiosos começaram a despertar o interesse dos geógrafos, surgiram diversos trabalhos que passaram a servir de referências para fundamentar outros trabalhos sobre os fenômenos religiosos.

Esses trabalhos foram importantes, por contribuir com a valorização dos estudos e das pesquisas que abordam as questões fenomenológicas. Com o crescente interesse dos geógrafos em estudar o fenômeno religioso, aos poucos, vários autores fizeram suas

contribuições no campo das experiências geográficas do sujeito. Segundo Rosendahl (2013), na primeira metade do século XX, a temática da religião:

Foi investigada por Paul Fickeler (1999), que realiza um excelente estudo sobre questões fundamentais da geografia da religião, em *Grundfragen der Religions Geographie*; por Pierre Deffontaines, na obra *Géographie et religions*, em 1948; e por Maximilien Sorre, que evidencia os elementos religiosos nos textos geográficos em *Rencontres de la géographie et de la sociologie* (1957). (ROSENDAHL, 2013, p.169).

Assim, a geografia da religião foi legitimada por autores que, cada vez mais, passaram a evidenciar em seus textos os fenômenos religiosos, suprimindo em parte a necessidade de revelar a cultura vivida em cada espaço. Os geógrafos viram que as referências que inspiraram os estudos da geografia da religião vinham da geografia cultural, esta, por sua vez, abordava a relação do indivíduo em que coloca em prática a cultura no ambiente em que vive. Desse modo:

No final dos anos 1960, os estudos geográficos da religião eram fortemente inspirados pela geografia cultural da Escola de Berkeley, sendo David Sopher o geógrafo de maior expressão. Em "*Geography of religions*" (1967), ele analisa os fenômenos religiosos, abordando a interação espacial destes com dada cultura e seu ambiente terrestre complexo entre diferentes culturas. (ROSENDAHL 2013, p.169).

A geografia cultural abrange várias áreas da ciência, os pesquisadores desse campo de estudo conseguem enfatizar em suas pesquisas variadas temáticas, teorias e metodologias. Para Claval (2010, p.125), "Os homens duplicam o mundo em que vivem com espaços que lhe dão um sentido: a geografia se interessa pelas religiões, pelas ideologias que oferecem modelos para ação e indica o que deve ser". Os temas da geografia cultural e da religião se englobam, sendo assim, tem a facilidade de trabalharem juntos com as formas simbólicas, as imagens, a identidade territorial, a paisagem cultural, o urbano, o imaginário espacial, entre outros. As imagens revelam as modificações feitas no espaço, também oferecem variadas possibilidades de estudos baseadas em diversas teorias.

Desta maneira, a geografia está no lugar que o homem escolhe para viver e o orienta a escolher uma direção. Para Claval (2010), esta ciência:

Não é um procedimento acessório na vida dos homens: ela lhes permite ao mesmo tempo se orientar no labirinto dos meios onde eles estão imersos, viver aí, e escolher o caminho correto a cada vez que estes são confrontados a um dilema, a uma situação inédita e onde o melhor partido não se impõe como óbvio. (CLAVAL, 2010, p. 61).

Nisso, a geografia é uma ciência usada pelo homem como um meio para entender a ação da religião no cotidiano das pessoas dentro de um ambiente; e a crença tem o poder de

contribuir com estilo de vida das pessoas e também com o lugar em que vivem. Tuan (2012, p.8) “explica que a geografia oferece esperança, pois a terra é o lar das pessoas, dos seres humanos”. Os lares são decorados com influências culturais, os objetos simbólicos são valorizados pela importância e pelo significado que possuem na vida das pessoas. E assim os símbolos alimentam as experiências interiores, criam uma ligação afetiva das pessoas com o lugar.

As práticas sociais analisadas pela geografia são o espaço e a religião em que os dois se unem nas espacialidades. A religião está ligada à cultura dos povos; as crenças nas divindades fazem surgir alguns rituais e essas práticas constantes se enraízam como uma tradição e são realizadas em determinada época do ano. A cultura religiosa é formada por atividades que expressam a decisão de um indivíduo em cultuar a sua divindade preferida, e espera que ela realize algum benefício em favor das suas necessidades pessoais ou da comunidade.

Nessa perspectiva, a cultura explica como uma comunidade ocupou o espaço, o modo como as pessoas vivem nesse lugar, se as características permanecem as mesmas ou houve alguma mudança. A cultura também revela a forma como a comunidade mantém as tradições, o modo como falam, a linguagem que usam para comunicarem, as crenças e os símbolos que cultuam. A convivência tem o poder de influenciar na propagação da cultura de um povo através da fala, também nas atitudes de fé em algo que acredita; com a convivência a pessoa começa a valorizar as mesmas coisas que o outro; a cultura também tem o poder de interferir até no modo como as pessoas pensam.

Portanto, a convivência transmite às pessoas um determinado tipo de conhecimento religioso, filosófico, empírico e científico, o compartilhamento de informações entre pessoas, leva-as a se identificarem ou não, com o modo como uma comunidade vive. O homem constrói um lugar dentro de um espaço natural e os produtos extraídos da natureza são usados pela cultura em objetos simbólicos. Os materiais retirados da natureza como a argila, a madeira, as rochas entre outros, são usados pelas pessoas na confecção de objetos simbólicos que ocupam um lugar de destaque dentro do espaço religioso.

A terra é ocupada por gerações de povos que escolheram um espaço para fazer dele um território. Alguns espaços continuaram parecidos enquanto outros sofreram tantas modificações que, ao ser comparado com o de antes, parece não ser o mesmo espaço. Tuan (2013, p.77) afirma que “O espaço, uma necessidade biológica de todos os animais, é também para os seres humanos uma necessidade psicológica, um requisito social e mesmo um atributo espiritual”. As pessoas precisam ter um espaço concreto que atenda às suas necessidades

biológicas, psicológicas, sociais e espirituais, por mais que as pessoas vivam em comunidade e compartilhem dos mesmos espaços, as pessoas vão aos templos religiosos que é um espaço de recolhimento interior.

2.1 Território e territorialidade

Território não é a mesma coisa que espaço: o território é uma parte de terra que pertence à determinada pessoa ou grupo social, que se apropriou do território em alguns casos por conta da religião. Para Corrêa (1996, p. 251), “território constitui, em realidade, em um conceito subordinado a um mais abrangente, o espaço, isto é, à organização espacial. O território é o espaço revestido da dimensão política, afetiva ou ambas”. É no território que a comunidade gera relações sociais, políticas, culturais e religiosas, além poder construir novos espaços. A comunidade é a responsável por instituir elementos simbólicos que identificam o seu território e revela qual é a sua identidade. O indivíduo é capaz de territorializar o espaço com ações que transformam o que está ao seu redor; também é capaz de construir um lugar e adornar com símbolos de acordo com suas ideias.

O espaço é anterior ao território é essencial compreender que o território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço. (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

O estudo dos conceitos de território e a sua historicidade são importantes na compreensão das relações sociais, como também na criação das raízes culturais. Já a análise ajuda a identificar as características territoriais e as fronteiras que separam o território. É importante para o estudo da geografia obter o conhecimento do território usado pelo homem; o território ganha visibilidade devido às atividades que são praticadas e isso contribui com a sobrevivência da comunidade.

O modo como o território é usado pode levar ao desenvolvimento como também causar a destruição do lugar, o homem sente que pertence ao lugar e o lugar lhe pertence, ou seja, um pertence ao outro. O homem cria no território laços espirituais e materiais, nisso residir e trabalhar são meios que o homem encontrou de dominar o território. A natureza também tem força para destruir a ação humana, e essa relação de poder já existia dentro do espaço muito antes do espaço ser também visto como um território. As mudanças que ocorrem dentro do território geram diversos vínculos:

O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência. A geografia passa a ser aquela disciplina tornada mais capaz de mostrar os dramas do mundo, da nação, do lugar. (SANTOS, 1998, p. 13).

A partir do momento em que o território ganhou destaque, procurou superar as diferenças entre a geografia física e humana, incluiu criticidade nas ações humanas com a transformação do espaço e da natureza. Os indivíduos constroem os seus territórios, cada um possui as suas particularidades, e o que diferencia um território do outro é o desenvolvimento e a mobilidade que os indivíduos realizam no seu cotidiano. Os sentimentos do indivíduo também estão presentes nas atividades cotidianas, porém o indivíduo deve pensar se há motivos para permanecer no território ou se deve partir, mas, na decisão de optar por um futuro incerto, surge a dúvida sobre o que pode encontrar em outro lugar.

É da natureza do homem querer explicar a religião, a vontade de querer conhecer o ser supremo leva o homem a sair em busca de respostas, seja para falar mal ou bem, a inquietação faz procurar um motivo que responda como acontece a criação das coisas. A interpretação do fenômeno religioso ocorre a partir da relação do homem com o território, e os aspectos do sagrado com o profano, para Rosendahl (2013, p. 170), “Parte-se da revelação que o território é dividido em lugares do cosmo, que estão profundamente comprometidos com o domínio do sagrado e como tal, marcados por signos e significados, e em lugares do caos, que designam uma realidade não divina”. Ainda de acordo com Rosendahl (2013, p. 170) o “cosmo qualifica-se como território sagrado, enquanto o caos representa a ausência de consagração, sendo um território profano, não religioso”.

Mesmo o sagrado, sendo oposto do profano, acaba sendo próximos, entretanto, existe uma linha divisória que separa os dois, o sagrado é caracterizado pelo divino é algo tido como incomum que se manifesta a pessoas sensíveis à sua presença. O profano é característico da relação entre o homem e os bens materiais, essa relação pode impor uma resistência ao sagrado e faz o indivíduo não acreditar na sacralidade. Para o indivíduo que vive apenas voltado para a realidade material ao não viver uma espiritualidade, passa a não acreditar na sacralidade de uma imagem, porém não sabe que antes de tudo ser profano existe em tudo uma sacralidade.

Segundo Corrêa (2011, p. 187) “O conceito de sagrado e sua representação simbólica remete-nos, inevitavelmente, à perspectiva do poder mantido e reproduzido pela comunidade em suas territorialidades religiosas ou quase sagrada”. A sociedade assume atitudes que demonstram a sua aproximação com o sagrado e em outros momentos com o profano, a

escolha em optar por um ou por outro depende, muitas vezes, da situação que o indivíduo está vivendo.

É no território que estão presentes as dimensões econômicas, políticas e de lugar, essas dimensões contribuem no fortalecimento do poder de atores institucionais. O território religioso é ocupado e apropriado por atores institucionais. Portanto, é a instituição religiosa que impõe os seus interesses dentro do território religioso. Esse espaço delimitado é carregado de significados importantes, pois é ornamentado com os símbolos e imagens.

A instituição religiosa tem resistido ao tempo, busca sempre conservar o caráter político e cultural. Esse comportamento é adotado no momento que a instituição religiosa exerce o controle sobre os santuários e sobre as igrejas. Nesses territórios visíveis também são incluídos os caminhos percorridos e vivenciados pelos devotos durante as procissões. Administrados pela autoridade religiosa, Rosendahl (2013, p. 174) menciona que “território religioso se constitui, assim, dotado de estruturas específicas, incluindo um modo de distribuição espacial e de gestão de espaço”. Para explanar sobre território, a autora cita que:

Nos tempos atuais o território, impregnado de significados, símbolos e imagens, constitui-se em um dado segmento do espaço, via de regra delimitado, que resulta da apropriação e controle por parte de um determinado agente social, um grupo humano, uma empresa ou uma instituição. (ROSENDAHL, 2013, p. 174).

As unidades territoriais que mais atuam para manter a fé na instituição católica são as dioceses e as paróquias, porém a comunidade religiosa é um espaço de unidade entre a hierarquia regional e o universal. Rosendahl (2013, p. 175) complementa que “o território favorece o exercício da fé e da identidade religiosa do devoto. Sendo assim, a paróquia é sempre evocada como território principal da vida das comunidades locais”.

A paróquia é um território de convivência diária dos paroquianos, é um lugar administrado pelo padre, enquanto a diocese é a sede regional administrada pelo bispo e o Vaticano é a sede mundial comandada pelo Papa. Os territórios religiosos podem mudar, seja por conta da criação ou desmembramento de paróquias, todavia, essas mudanças não prejudicam o poder da instituição religiosa. A territorialidade acontece devido às atividades cotidianas realizadas pela comunidade de fé dentro do território religioso, essas atividades formais e informais são dinâmicas que podem ocorrer em vários momentos.

A territorialidade religiosa é realizada por estruturas que existem dentro das instituições religiosas, essa hierarquia cria seus próprios territórios e o seu poder é exercido de maneira burocrática. As ações de fé ocorridas dentro do território religioso revelam a identidade dos atores institucionais que tem a posse e o controle do espaço sagrado. Nisso,

Rosendahl (2013, p. 176) ressalta que “a territorialidade é fortalecida pelas experiências religiosas coletivas ou individuais que o grupo mantém no lugar sagrado e nos itinerários que constituem seu território. De fato, é pelo território que se encarna a relação simbólica que existe entre cultura e espaço”. A cultura está presente no território por meio da participação dos devotos em atos de fé, como as procissões, as novenas, as missas e os cenáculos, esses atos são realizados por membros da instituição religiosa ordenados para o ofício.

Tanto a comunidade religiosa como a instituição Católica fazem uso do território, suas ações se constituem na territorialidade, as duas exercem poder dentro do território religioso, quando a instituição religiosa impõe regras, normas e doutrinas. E começa a instruir a comunidade a seguir o comportamento com valores cristãos, entretanto isso não significa que a comunidade segue a todos os preceitos. O herdeiro espiritual é um fiel que frequenta o território religioso, e tem uma proximidade com símbolos da cultura religiosa como as igrejas e os santuários.

Desta forma, Rosendahl (2013, p. 176) menciona que “é por intermédio de seus geossímbolos que a religião de um grupo imprime marcas que identificam e delimitam um dado território religioso”. A diminuição do tamanho, ou a reorganização dos territórios, não impede a instituição religiosa de exercer seu poder, seja construindo símbolos e criando lugares sagrados para a comunidade cristã exercer atos de fé.

2.2 Símbolos e lugares sagrados

Os símbolos religiosos revelam a sacralidade dos lugares sagrados são também considerados objetos que carregam grande significado mesmo que não esteja exposto. Segundo Rosendahl (2013, p. 171), “os bens simbólicos são mercadorias que possuem valor de uso e que, em determinado contexto social, passam a ter associado o valor simbólico”. Os objetos simbólicos também se incluem na dimensão econômica, a partir do momento que são comercializados com a promessa de possuir uma sacralidade e que pode trazer benefícios para as pessoas que os compram.

Nessa perspectiva, “a instituição religiosa tem a capacidade de atender à demanda dos devotos na oferta de bens, por intermédio da rede de distribuição, envolvendo diversos agentes sociais” (ROSENDAHL, 2013, p.171). A instituição religiosa é uma das responsáveis por espalhar o pensamento que a imagem religiosa possui alguma sacralidade, também é responsável, em parte, pela comercialização das imagens.

As diversas redes simbólicas atuam de maneira formal ou informal. As redes formais são as lojas de artigos religiosos, vendidos nos santuários e nas igrejas, a comercialização dos objetos simbólicos dentro do território religioso, gera renda para a manutenção dos templos. As redes informais são as barracas dos feirantes que, nas festividades religiosas, comercializam artigos religiosos e com isso obtém renda para seu sustento. Desse modo, Rosendahl (2013, p. 171) explica que “a produção desses bens é fortemente suscetível de variação intra-anual e interanual a partir de especificidades da demanda vinculada ao sagrado, como diversas festas e cerimônias definidoras de tempos sagrados específicos”. Durante as festividades religiosas, o lugar deixa de ser apenas para a oração: a venda de artigos religiosos e outras mercadorias tornam mais explícita a dimensão econômica.

A dimensão política une a religião ao território, a igreja é uma dimensão simbólica enriquecida de valores, sagrados e culturais; a comunidade vive dentro de um território com políticas e normas. As instituições religiosas também criam suas normas para assegurar que os fiéis vivam sua fé, sem serem influenciados por outras coisas que os desviem do caminho da salvação. Portanto, Rosendahl (2013, p. 172) explica que o território religioso é um símbolo da identidade do devoto “reconhecer o homem religioso significa dizer que ele é motivado pela fé em sua experiência, que é ao mesmo tempo individual e coletiva. Ela tem um significado original para cada devoto, uma relação direta entre uma só divindade e o crente”. Esse homem religioso reconhece os dogmas da igreja, vive sua crença no dia a dia com as orações pessoais, que é um ato de fé individual, como também faz as experiências de fé na comunidade.

A instituição religiosa exerce seu poder dentro do território, mesmo sendo visto como um espaço rígido, seguro e alienante. A igreja desempenha uma posição de poder e tenta fazer um diálogo conciliatório com a comunidade. A igreja busca a colaboração da comunidade religiosa, faz campanhas de arrecadação para a construção de um monumento religioso, símbolo de fé e da afirmação do poder da instituição. Na visão de Rosendahl (2013, p. 172), “a comunidade religiosa constrói a Igreja e esta, na função político-social, sustenta a própria comunidade. Quer seja na ordem religiosa, quer pela ordem política, o território responde a duas funções”. O território religioso é um espaço propício às regras, quando impostas espera-se que sejam obedecidas e a aproximação da comunidade religiosa com a igreja, consegue fazer com que algumas concepções se tornem mais flexíveis, no entanto são baseadas nas antigas.

A sociedade atual tem uma nova visão de mundo, na qual não está tão ligada à religião, mas sendo construída pelas instituições sociais, pelo mercado e pelas novas

tecnologias. Para Rosendahl (2013, p. 172), “essa nova forma de pensar o mundo passa pelo desencanto do sagrado, pelo abandono das práticas religiosas e também pela diminuição do interesse pelo sagrado na busca de um sentido para a vida”. São vários os caminhos oferecidos ao homem: o dinheiro, as tecnologias e outros modismos distantes das práticas religiosas. Essas facilidades suprem momentaneamente a necessidade humana que está sempre em busca de um sentido para a vida, entretanto o homem sempre quer mais. Assim, a secularização está presente na vida cotidiana das pessoas e as instituições religiosas veem que as tecnologias podem ser aliadas no processo de propagação da fé na sociedade.

As pessoas desenvolvem uma ligação com os lugares sagrados. Esse território é definido pelo poder hierárquico que exerce uma dominação religiosa na comunidade, que anda lado a lado com as dimensões geográficas do lugar, da política e da economia e agem em toda extensão territorial. Nisso, a comunidade vive no território cercado por elementos do sagrado e do profano. Rosendahl (2013, p. 173) explica que “sagrado, profano e território contribuem para que o grupo religioso reforce o sentido de pertencimento à instituição religiosa. O exercício do poder religioso ocorre na vivência da fé”.

O lugar sagrado é onde ocorrem as experiências religiosas do cristão. A comunhão da comunidade com a instituição religiosa fortalece os laços afetivos e o lugar faz parte da identidade de uma comunidade e as pessoas nutrem um sentimento de que pertencem ao lugar. A comunidade é a responsável pela sacralidade ou pela profanação de um lugar, nesse sentido, a relação das pessoas com o lugar gera sentimentos de cuidado ou de desprezo. Desta forma, o poder religioso se dedica a cuidar da sacralidade do lugar e desperta na comunidade um sentimento de fé.

As pessoas têm uma reação emotiva diante dos lugares em que vivem que percorrem regularmente ou que visitam eventualmente. Alguns lhes agradam, lhes parecem agradáveis acolhedores ou calorosos; outros os seduzem por sua beleza, pela impressão de calma e de harmonia que deles emana ou pela força das emoções que eles suscitam. (CLAVAL, 2010, p. 39).

Tal lugar dá sentido à vida cotidiana das pessoas, o que faz alguém se sentir no seu lugar são os sentimentos de afeto que uma pessoa tem pelas outras, o cultivo das tradições, as relações sociais, comerciais e religiosas. Além disso, o clima e a paisagem dão um sentido todo especial ao lugar; a mudança da paisagem modifica o cotidiano das pessoas e, em alguns casos, o lugar passa a ser mais valorizado. A convivência diária com o lugar cria um vínculo, à medida que o tempo vai passando o sentimento de afinidade com o lugar cresce, as pessoas se tornam mais apegadas ao lugar mesmo que não haja muitas novidades. A ligação com o lugar, seja grande ou pequeno, gera laços afetivos capazes de estabelecer raízes permanentes,

o homem constrói as residências e os monumentos religiosos. Esses lugares servem de referência e de descanso tanto para o físico como para o espiritual. É o lugar, pode-se dizer que nos faz ser quem somos.

Como apontado por Mello (2008):

O fervor simbólico, como se sabe, resulta do incentivo cultivado pelo estoque de conhecimento e dos esforços emocional, ideológico ou intelectual. Decorre de acontecimentos corriqueiros e notáveis; do orgulho; das tradições e do bem comum ocorrido no chão dos ancestrais, fonte de vida; dos conflitos; das bênçãos dos céus; do sol e das tempestades; das façanhas; dos frutos; do suor; do regozijo; das permutas; das agruras e dos sonhos proporcionados nesses lares/lugares, apenas simbolicamente apropriados, cujas dimensões se perdem no horizonte e no íntimo de cada ser ou da coletividade. (MELLO, 2008, p. 181).

Assim, os símbolos despertam nas pessoas sentimentos por um lugar em que viveu ou visitou; acreditar em um objeto religioso desperta nos devotos o afeto pelas celebrações festivas e provoca lembranças de ocasiões especiais. A valorização de um objeto simbólico é incentivada pela cultura, o poder atribuído à imagem desperta o interesse das pessoas e inspira um sentimento espiritual. O afeto ao santo de devoção leva inúmeras pessoas a saírem do seu lugar de origem em peregrinação, romaria ou procissão para os lugares sagrados, e na visita a igrejas e santuários encontram a imagem do santo símbolo de devoção. O interesse que as pessoas têm por determinado lugar ou imagem pode mudar ao surgir outro ambiente, que desperte um novo apreço.

Uma cidade passa a ser reconhecida pelos símbolos que possui; é a sua imagem singular que faz ser diferente de outras cidades. Lynch (2011, p. 4) cita que “a imagem é um produto tanto da sensação imediata quanto da lembrança de experiências passadas, e seu uso se presta a interpretar as informações e orientar a ação”. A imagem proporciona sentimento de segurança emocional e desenvolvimento individual, o seu papel social é de ajudar as pessoas a se orientar e se locomover, ou seja, ensina a encontrar caminhos. Segundo Lynch (2011, p. 14), “Ampliar e aprofundar nossa percepção do ambiente seria dar continuidade a um longo desenvolvimento biológico e cultural que avançou dos sentidos do tato para os sentidos distantes, e destes para as comunicações simbólicas”. As pessoas percebem o ambiente e a cultura que está ao seu redor. O símbolo serve de orientação como também é um sinal de comunicação que expressa mensagens.

2.3 Imagens e lugares

A ideia de imagem está associada ao que vemos como também ao que a imaginação é capaz de criar; a imagem não é separada do objeto, mesmo estando oculto ou evidente, ao ver

o objeto se está, também, vendo a sua imagem. O tempo de duração de uma imagem pode implicar na maneira como as pessoas enxergam a mesma imagem; é também capaz de produzir diferentes expressões, reflexões e conhecimento, dependendo da maneira como as pessoas pensam e enxergam os objetos ao seu redor. Para Català (2011, p. 163), a imagem tem enfrentado “novos desafios comunicativos nos quais misturam expressão, reflexão e conhecimento”. A complexidade da imagem está na sociedade, pois é ela quem imagina, cria e usa as diferentes formas de imagens que foram criadas a partir de algo material. Deve-se observar que, com a tecnologia, a imagem também passou a ser virtual.

A imagem representa algo visível que está exposta e tem uma influência estética que produz diferentes modelos. Nisso, a materialização da imagem é obra do imaginário humano, a interferência humana na imagem pode mudar a maneira como é vista, as pessoas que conhecem a imagem original percebem a mudança. Criadas para comercialização, as imagens são réplicas da original e ao serem reproduzidas podem sofrer algumas mudanças positivas ou negativas, a depender da aparência e do material com que foi produzido. Muitas imagens produzidas e consumidas no mundo todo correm o risco de serem confeccionadas com materiais de baixa qualidade, isso causa sérios danos prejudicando a sua estética. Visível a todos, a imagem causa diversos efeitos, criada para transmitir um discurso social, estético, político, religioso e econômico e o seu poder está na capacidade de ser uma referência e de espalhar uma mensagem com a intenção de promover algo.

A cultura aborda diversas formas de imagens, para Català (2011, p.33) “a complexidade dos meios contemporâneos e o incremento da cultura visual [...] ampliaram consideravelmente o campo da imagem”. Não existe somente um conceito para a imagem, mas vários; as imagens clássicas e as contemporâneas enfrentam as mesmas situações possuem várias interpretações. Català (2011, p.33) ainda cita que “cada imagem pertence a um meio determinado e é um produto de uma técnica concreta [...]”. Uma escultura, uma pintura ou uma fotografia pertencem, respectivamente ao meio escultórico, ao meio pictórico e ao meio fotográfico, e a fenomenologia de todos esses meios ultrapassa os limites da imagem.

As imagens estão relacionadas à estética de um lugar, espalhada por espaços físicos e mentais. A paisagem criada pela natureza é vista como uma imagem natural, a pintura criada pelo homem é vista como uma imagem cultural. A fotografia revela a imagem de um momento que já passou, retrata as lembranças do que as pessoas viveram. A escultura pode ser tratada como uma imagem, pois representa a aparência física de determinada pessoa ou

objeto. Na religião, a imagem está relacionada ao sagrado, a imagem religiosa pode despertar o sentido das pessoas; a fé, na imagem, faz o devoto refletir sobre sua vida.

As discussões em torno da devoção às imagens têm se perpetuado ao longo dos tempos. A complexidade do assunto tem dividido opiniões e existem pessoas que não concordam como também há pessoas que aprovam a devoção às imagens. Cada pessoa tem seus motivos que a faz discutir o assunto, muitos formaram suas convicções baseadas nas escrituras bíblicas. Essas teses definem se aceitam ou rejeitam a notoriedade das imagens religiosas. Os católicos são acusados de adorar as imagens, porém afirmam que isso é uma inverdade, pois, para o devoto, a imagem representa uma lembrança da virgem Maria e de santos do hagiológico romano.

Para Gruzinski (2006, p. 101), “uma imagem da Virgem não é Deus, assim como não deve ser confundida com a própria Virgem. É apenas um instrumento da lembrança e da memória”. Para os devotos, ao verem imagem religiosa vem à memória a virgem Maria, que não deve ser considerada como Deus, nem mais que Deus, mas o que sentem é uma ligação espiritual de mãe com o filho.

No século VIII desencadeou uma famosa “querela” que abalou o império bizantino. Iconoclastas e iconodualistas travaram ásperas discussões nessa época sobre o culto das imagens. No século XVI, a Reforma protestante e a Contra Reforma Católica fizeram opções distintas e decisivas para os tempos modernos, uma delas culminou na apoteose barroca da imagem católica. (GRUZINSKI, 2006, p. 15).

A opção da Igreja Católica em seguir com a devoção as imagens foi um dos motivos para uma ruptura dentro da igreja. Então surgiu a Reforma Protestante e a Contra Reforma Católica. A escolha da Igreja Católica pelas imagens teve um propósito: o uso das imagens ajudava a instruir os povos e a manter a devoção aos santos. Visto que a população não era alfabetizada, a função pedagógica das imagens era de grande contribuição na catequização de vários povos.

Por não saber ler e a dificuldade para ter acesso a livros, os povos eram tidos como ignorantes e o uso das imagens foi o principal suporte no ensino oral da devoção católica. Na tradição medieval, as imagens eram usadas para instruir os europeus analfabetos, pois, quando viam a imagem, os analfabetos conseguiam compreender a instrução. Essa tradição foi trazida para o Brasil pelos colonizadores e usada na catequização dos indígenas.

O ocidente cristão conhecia havia muito tempo a função pedagógica e mnemotécnica atribuída à imagem, amplamente justificada pelo analfabetismo das massas europeias e, mais tarde, dos índios. Segundo a tradição medieval, as imagens contribuem para a “instrução das pessoas simples porque são instruídas por elas como se o fossem pelos livros [...]. É que um livro é para os que podem ler, uma imagem é para o povo ignorante que a olha”. Os franciscanos exploram essa

faculdade da imagem nas campanhas de evangelização. (GRUZINSKI, 2006, p. 101).

A veneração às imagens teve uma influência na ocupação dos territórios. O uso das imagens religiosas teve uma função importante, usado pelos europeus como instrumento na aculturação dos povos indígenas, africanos e depois com as populações que aqui se formavam. Como realça Gruzinski (2006, p. 121), “Se a imagem cria tantos percalços, é por ser a manifestação de uma estrutura que a ultrapassa por todos os lados, a expressão de uma ordem visual e, mais ainda, de um imaginário cuja assimilação consciente e inconsciente é sinônimo de ocidentalização”. Os colonizadores levavam as imagens em suas viagens, as suas conquistas eram sempre batizadas com nomes referentes ao catolicismo, por exemplo, os rios, montes e lugares recebiam os nomes de acordo com o calendário religioso; por conta dessa tradição, muitos lugares foram influenciados pelas práticas ocidentais.

O uso das imagens tem um propósito. Gruzinski (2006, p. 196) identifica que “A inserção da imagem num ambiente físico nunca é indiferente”. A imagem gera vínculos dentro da comunidade, como também pode ser motivo de rivalidades, porém o papel principal que as pessoas esperam e buscam nas imagens é que produzam milagres. São diversos os fatores que compõe as práticas de fé. Com isso, Gruzinski (2006, p. 259) salienta que “a expectativa, o milagre, a aura que se difundem não bastam para sustentar solidamente um imaginário. Ele ainda precisa de uma estrutura capaz de orientar os fiéis e seus olhares, regulamentar sua prática e garantir sua reprodução”. Tanto nas igrejas como nas casas dos devotos, as imagens estão em diversos lugares do ambiente, mas a devoção ao santo não garante um aprofundamento espiritual, nem o fervor dos fiéis, se não vier de uma consciência cristã.

Nem todos os lugares permitem a presença de imagens religiosas, portanto o lugar tem que ser adequado. Existem algumas coerências, geralmente é visto em ambiente silencioso, que desperta um sentimento de paz e transmite uma sacralidade. Em lugares públicos também são usadas várias imagens religiosas, a importância que uma pode possuir em relação à outra pode causar desentendimentos.

Portanto, Gruzinski (2006, p.78) explica que, “De modo mais implícito, se essa guerra das imagens traz o germe da imposição de uma ordem visual que passa prioritariamente pela representação monopolista do sagrado, num prazo mais longo ela carrega um imaginário que ainda nos resta explorar”. A presença de imagens religiosas em espaços públicos pode não agradar a todas as pessoas, seja por não professar a mesma religião, como também pela disputa do território religioso.

Dependendo do grau de importância que uma imagem religiosa possui em determinado lugar, a imagem vai ocupar uma posição de destaque, diferente de outras imagens que ocupam uma posição secundária. Quando uma imagem é eleita padroeira de um lugar, a escolha é feita pela comunidade ou pelo devoto que construiu o templo dedicado ao santo, cuja motivação para a escolha é sempre religiosa, seja por devoção ao santo ou para pagar promessa. Todas as imagens têm sua importância no ambiente religioso, por ser escolhida pelos fiéis como a padroeira de uma cidade pode ocupar uma posição de destaque, mas não significa que a mesma imagem religiosa terá o mesmo tratamento em outro lugar, independente da posição em que a imagem está exposta não diminui a sua importância.

A imagem é um instrumento de referência que pode ser usada para indicar a localização de uma pessoa dentro de um determinado espaço, já a imagem sacra é um instrumento usado na propagação das práticas e crenças religiosas. Mesmo depois que grande parte da população mundial passou a ler e a escrever, a Igreja Católica continua a cultivar nos fiéis a devoção às imagens religiosas. No passado, as imagens sacras eram usadas para a evangelização dos analfabetos; nesses novos tempos, são usadas para representar a fé daqueles que dedicaram a sua vida a Deus. Os cristãos católicos, por não terem leitura, foram tratados como um povo sem instrução e acusados de idolatrar as imagens religiosas. Já os apreciadores da arte visual, são tratados como intelectuais por serem admiradores de quadros e esculturas. Para os católicos, a devoção às imagens é uma maneira de demonstrar fervor e fé ao santo⁴.

Todos os elementos que ajudam a construir alguma imagem são importantes. Desta maneira, a organização de uma cidade é um elemento relevante para a construção da sua imagem; a aparência deve ser levada em consideração, pois pode influenciar no modo como a cidade é vista pelas pessoas. O lugar em que uma cidade é construída pode determinar o grau de importância que tem dentro do território, pois a cidade pode ser conhecida pela sua imagem. Lynch (2011, p. 1) menciona que “cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, e imagem de cada uma está impregnada de lembranças e significados”. As pessoas percebem a cidade de maneira fragmentada, o seu olhar não consegue visualizar

⁴ Cân. 1186 — Para fomentar a santificação do povo de Deus, a Igreja recomenda à veneração peculiar e filial dos fiéis a Bem-aventurada sempre Virgem Maria, Mãe de Deus, que Jesus Cristo constituiu Mãe de todos os homens, e promove o verdadeiro e autêntico culto dos outros Santos, com cujo exemplo os fiéis se edificam e de cuja intercessão se valem. (CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, 1983, p.207).

cidade de forma ampla, pois é uma obra construída por muitos construtores e a aparência das ruas de uma cidade muda de acordo com a classe social de seus moradores.

A estrutura urbana passa a ser um diferencial que as pessoas observam em uma cidade. As particularidades impressas na estrutura podem agradar ou não as pessoas que observam, portanto, certos detalhes não passam despercebidos. A cidade pode significar um espaço de prazer e de refúgio, onde as pessoas ocupam um determinado espaço que expressa seu modo de vida e a sua cultura, para que se sintam confortáveis e acolhidas. As pessoas têm necessidade de ter um lugar que possibilite alguma forma de sobrevivência, para que os seus sucessores consigam se perpetuar, onde também possam estar protegidos, repousar seu corpo, seus pensamentos e viver com tranquilidade. Querem, portanto, ter a privacidade de ficar sozinho ou com alguém, poder sair sem se preocupar e, quando distante, ter um espaço pra chamar de seu e poder retornar com segurança.

A familiaridade que uma pessoa tem com determinado espaço faz dele um lugar e dá as pessoas condições para viver; a necessidade de trabalhar faz uma pessoa se mudar ou ser impedida de sair do lugar. O que uma pessoa considera como um lugar pode não ser um lugar para outra, o indivíduo geralmente valoriza mais o lugar que está ocupando e que desperta em si interesse. Podemos pensar que a visão de uma pessoa nascida ou criada em um lugar é diferente das outras que não são do lugar. Dois indivíduos, ao olharem a mesma paisagem ou uma construção, podem não ter o mesmo sentimento, a percepção não é a mesma, pois os conhecimentos que cada um carrega alteram no modo como os objetos são enxergados. Para algumas pessoas, as imagens têm um grande significado, mas para outras podem não produzir a mesma percepção, o que atrai uma pessoa pode não encantar a outra.

A próxima seção pretende aprofundar a respeito do perfil Geo-historiográfico da cidade de Mata Grande – Alagoas; o assunto abordado busca entender como a religião católica foi inserida no território brasileiro e também em Alagoas. Com essas informações foi elaborada uma base sobre a formação da territorialidade religiosa de Mata Grande. Tal pesquisa pretende revelar os motivos das doações de terras para o patrimônio de Nossa Senhora da Conceição. O território paroquial de Mata Grande passou por vários desmembramentos, o que resultou na sua atual configuração, as terras do patrimônio foram ocupadas indevidamente e a demora na demarcação, resultou em conflitos e prejuízos para a igreja.

3 PERFIL GEO-HISTORIOGRÁFICO

O território matagrandense surgiu através de uma doação de terras para o patrimônio de Nossa Senhora da Conceição, em 1791. Esse fato da doação das terras ocorreu antes da separação de Alagoas com Pernambuco, em 1817. Portanto, Mata Grande, essa cidade sertaneja que faz parte do Estado de Alagoas, no passado já fez parte da capitania pernambucana, como cita Carvalho (2016, p. 146): “Em 16 de setembro de 1817, D. João VI assina o Alvará Régio no qual emancipa a Comarca de Alagoas”. Mas até ser efetivado como território Alagoano, os invasores portugueses levaram mais de dois séculos para ocupar essas terras. Por conta dessa lentidão, deram espaço e tempo suficiente para que os franceses pudessem se fixar no litoral.

Nos séculos XVI e XVII, antes de seu primeiro passo rumo a autonomia, o território foi sendo desenhado pelos movimentos de disputa e ocupação- como a luta contra a presença francesa no litoral, a guerra de extermínio aos indígenas, a resistência aos holandeses e a mobilização contra o Quilombo dos Palmares. (CARVALHO, 2016, p. 11).

Por conta da demora na ocupação dos territórios, como cita Verçosa (2006, p. 25), “o atual Estado de Alagoas, a extensão das terras que foram produtos dos descobrimentos, até meados do século XVI, o território livre para a cobiça de navegadores não veio a ser efetivamente ocupado, a não ser a partir de então”. No primeiro momento, Portugal não estava interessado na colonização do Brasil, mas a partir do instante em que viu que poderia perder o território para outros países tratou de buscar garantir a posse das terras, com o sistema político de capitanias hereditárias.

Por carta régia de 20 de janeiro de 1699, a coroa se dirigia ao governador de Pernambuco, ordenando que qualquer pessoa que denunciasse a existência, em sesmarias, de terrenos incultos ou despovoados, fosse dada, sumariamente, uma área de três léguas de comprimento e uma de largura ou légua em meio em quadro. O excedente seria doado a quem o procurasse. (DIÉGUES JÚNIOR, 2012, p. 88).

Os donatários eram pessoas que recebiam as terras, mas, como não tinham a total posse dessas terras, estavam subordinadas às ordens reais do rei de Portugal D. João III. Verçosa (2006, p. 27) destaca que “Dom João III instituiu as capitanias hereditárias, surgindo, pelo foral de 24 de outubro de 1534, a de Pernambuco, com a extensão de 60 léguas de terras situadas entre o Rio São Francisco e o de Santa Cruz de Itamaracá, incluindo nos seus domínios o território de Alagoas”. As capitanias hereditárias não eram totalmente ocupadas, apenas uma pequena parcela era concedida aos donatários, a grande parte das terras foram

divididas em sesmarias e doadas não somente a quem pedisse, mas para vários sesmeiros que tivessem posses e pudessem explorar o território.

Pelas cartas de doação das sesmarias, que uma condição primordial para sua concessão era o assentamento de engenho nas terras ocupadas. Claro que não é possível se sustentar ter sido a cana de cultivo exclusivo na região, nos primeiros tempos, pois os registros existentes afirmam o contrário. (VERÇOSA, 2006, p. 41).

As terras de uma sesmaria eram divididas para formar outra sesmaria, essas concessões eram dadas aos sesmeiros que tinham a intenção de trabalhar e formar um povoamento. Para Verçosa (2006, p. 40), “ao repartir terras vão constituir outras sesmarias de menor porte, mas ainda assim imensas, além de fundar engenhos e levantar a povoação de Alagoas”. Com essas doações, o território de Alagoas se expandiu devido ao aumento na quantidade de terras usadas na plantação da cana-de-açúcar; havia engenhos que logo deixaram de moer, porém as regiões continuavam a ser ocupadas. A criação de gado incentivou para que o território alagoano avançasse em direção ao sertão, com isso obteve uma conquista importante e alcançou Mata Grande na divisa com Pernambuco.

O sertão foi à última área a ser alcançada pela pecuária extensiva, que obteve grande êxito no semiárido. O ponto extremo do território – o futuro município de Mata Grande foi ocupado com a distribuição de sesmarias em 1658 e, no século seguinte, algumas de suas fazendas possuíam cerca de duas mil cabeças de gado e dezenas de escravos. (CARVALHO, 2016, p. 20).

A pecuária foi um dos fatores que levou os invasores a adentrarem o sertão, com a distribuição de terras os sesmeiros passaram a ocupar o território e as populações indígenas que ocupavam a região foram dizimadas. Segundo Verçosa (2006, p. 41), “o cultivo da cana foi também a meta, muito embora ela venha logo depois a ser suplantada pela criação do gado, graças à conformação geográfica das áreas próximas ao rio São Francisco, propícias a pastagens”. O território da futura Mata Grande visava à exploração das terras e à criação de gado, nessa sesmaria ocorreram várias subdivisões e as terras foram distribuídas a vários sesmeiros. Com a ocupação desse território, foram surgindo as fazendas que concentravam uma vasta extensão de terras, algumas tinham engenhos com a presença de escravos, plantavam alimentos que serviam para a subsistência dos moradores, depois foram surgindo as povoações.

A terra foi doada aos produtores na forma de sesmarias muitas vezes sem limites definidos. Havia algumas cujos limites eram os rios, já outras possuíam em torno de 32 mil quilômetros quadrados. Por essas dimensões, percebe-se o tamanho exageradamente grande da propriedade onde a cana de Açúcar começou a ser cultivada. (LIRA, 2007, p. 11).

O donatário que recebeu uma capitania hereditária tinha a função de defender esse território, nomeado com cargos importantes, tinha a obrigação de relatar os acontecimentos que ocorriam na povoação; também podia resolver algum tipo de conflito e tomar decisões relacionadas à sesmaria. De acordo com Lira (2007, p. 11) “Em muitas delas, os seus proprietários, que as recebiam como doação, tinham de conquistar, na prática, cada quilômetro da propriedade, pois os índios que ali viviam também se consideravam donos”. A doação de uma sesmaria devia seguir uma norma que era a de doar somente para pessoas que fizessem o cultivo, porém, muitas vezes, isso não acontecia. Mesmo assim, como o intuito era ocupar o território, as pessoas que tinham um título de nobreza, ou mesmo quem não o tivesse, recebiam as terras e não cumpriam as normas.

Nesse processo de ocupação, os lusitanos organizaram a economia da parte sul da Capitania de Pernambuco, com a distribuição das sesmarias, iniciativa que permitiu a instalação dos dois principais elementos produtivos desse período de estruturação da colônia: os primeiros engenhos de açúcar, todos localizados na faixa litorânea, e o rebanho bovino, formador das fazendas de gado que ocuparam o interior. (CARVALHO, 2016, p. 12).

Os sesmeiros, como também os membros de sua família, tinham várias sesmarias, bastavam possuir o documento de doação feita pelo rei aprovando a apropriação do território. Para aumentar a criação de gado era preciso de novas pastagens, para isso avançaram cada vez mais para o interior, as grandes extensões de terras que ficavam sem uso, quando não eram cultivadas eram destinadas a formar povoamentos. Como diz Carvalho (2016, p. 16), “A formação da sociedade alagoana, em sua mais importante base econômica, a atividade agrícola, foi iniciada pela distribuição das sesmarias”. O território alagoano, desde sua gênese, foi formado pela distribuição das sesmarias.

Os povoados, com o tempo, concentrariam os comerciantes e as moradias de fazendeiros da região, transformando-se nos centros da vida política e de abastecimento da população rural. Nessas vilas também se instalaram, desde o século XVI, as missões religiosas dos jesuítas, dos franciscanos, dos beneditinos e dos carmelitas. (CARVALHO, 2016, p. 18).

As terras das sesmarias também eram usadas para diversas finalidades, como cita Diégues Júnior (2012, p. 87), “partilhado entre os herdeiros do proprietário, já porque este, em vida, separava um quinhão para o filho, construindo-lhe o engenho, já porque doações de outra natureza se fizeram, já mesmo pela venda de pedaços de terras para satisfazer compromissos financeiros”. Essas propriedades estavam nas mãos de poucas famílias que também não conseguiam usar toda extensão das terras e esses latifundiários, quando não tinham o interesse de povoar o território, recorriam à doação ou a venda das terras.

A expansão povoadora para o interior, feita através dos currais de gado, não foi menos latifundiária, pela razão mesma das terras imprescindíveis à criação de gado. Currais se alastravam pela região franciscana, daí prolongando-se em direção ao Oeste, à região mineira, ao Norte. Proprietários havia que desconheciam a extensão de suas terras, propriedades enormes eram as dos Guedes de Brito, da casa da Torre, mesmo as dos S.J, estas nos sertões do Piauí. (DIÉGUES JÚNIOR, 2012, p. 90).

As disputas por terras e cargos eram sempre motivo de conflitos, para Curvelo (2011, p. 84), “o posicionamento geopolítico do Rio São Francisco entre as capitanias de Sergipe e de Pernambuco é bastante propício ao conflito, às autoridades locais e régias puderam disputar esse espaço em benefício de seus interesses”. Em Alagoas, conflitos por cargos aconteciam constantemente, mas, para manter o controle de seus territórios, era importante formar um povoamento; a ação da igreja teve papel importante na consolidação da vida social. De acordo com Rosendahl (1996, p. 60), “Os senhores ricos fundavam igrejas e doavam propriedades para seu sustento e como retorno, queriam assegurar o controle sobre elas”. Os portugueses foram os responsáveis por introduzir no Brasil a religião católica, era uma prática corriqueira doar terras para construção de templos religiosos.

A grande propriedade, assegurada pelo sistema das Capitanias Hereditárias, redundou na constituição do mandonismo rural, forma de poder alicerçada na sociedade patriarcal cuja expressão emblemática é a realidade dos sertões nordestinos. Nos ermos sertões, onde a lei se personificava no grande proprietário, a força do Estado se traduziu- nos séculos da Colônia e do Império- na ação dos clãs familiares detentores de grande extensão territorial e na prática sócio-religiosa e cultural-educativa das diferentes ordens religiosas atuantes nesses espaços. (SAMPAIO, 2011, p. 110).

A religião oficial estava a serviço do interesse da colônia portuguesa, o catolicismo foi inserido e assumiu características distintas, envolveu elementos de outras culturas no percurso da formação cultural e religiosa dos brasileiros. Para Herculano e Santos (2011, p. 44), “A ação católica nas suas mais diversas formas de manifestação teve um efeito profundo na formação do povo Brasileiro”. Os sesmeiros doavam as terras para a igreja católica com algum interesse, seja pela devoção a divindade católica, como também com o interesse de atrair pessoas, para ocupar o território e com isso poder arrecadar o pagamento de impostos.

A comarca não possuía capacidade para criar tributos. Todas as receitas pertenciam à Fazenda Real, e os impostos cobrados na colônia eram enviados para o Rio de Janeiro ou diretamente para Lisboa. Os ouvidores não tinham orçamento próprio, e a Fazenda Real cobria suas despesas. (CARVALHO, 2016, p. 112).

A doação das terras à divindade católica ajudou a semear a fé católica e contribuiu na fixação dos novos povoamentos. Com a falta de uma organização política, começaram a

surgir conflitos nessas terras, os missionários eram chamados e por meio das ações catequéticas, conseguiam apaziguar as hostilidades, tanto que:

Em 1706, as missões franciscanas, estabelecidas no século XVI, estavam em companhia de carmelitas, beneditinos, capuchinhos e jesuítas, realizando a catequese e organizando os aldeamentos indígenas, inicialmente na área canavieira, depois à margem do São Francisco; expandindo-se por todo território, pelos povoados com suas missões evangelizadores, onde se fixavam construindo capelas e igrejas. (CARVALHO, 2016, p. 22).

Os portugueses tinham o costume de nomear suas conquistas de acordo com as datas religiosas. A devoção era tão presente que se inspiravam na escolha do santo padroeiro de igrejas, lugares e rios. Com as ações missionárias, a devoção aos santos católicos cada vez mais foi sendo incorporada nos povoamentos, gerando o aumento do número de adeptos, assim, a devoção criava raízes. Corrêa (2011, p. 195) afirma que “A religião só se mantém se sua territorialidade for preservada e neste sentido, pode-se acrescentar que é pela existência de uma religião que se cria um território e é pelo território que se fortalecem as experiências religiosas ou individuais”. O catolicismo era a religião oficial do império, atos de doar terras para a igreja mantinham a boa relação dos doadores com a coroa portuguesa, além de enraizar a religião dos seus antepassados.

Quanto à filiação a esse segmento religioso o que se verifica é que se declarar católico apostólico romano-inserção adquirida através do batismo e outros sacramentos ministrados pela Igreja é suficiente para que se sintam integrados à religião socialmente aceita, pelo que não terão de enfrentar nenhum tipo de perseguição. (RAFAEL, 2000, p. 136).

Para Corrêa (2011, p. 251), “A territorialidade, por sua vez, refere-se ao conjunto de práticas e suas expressões materiais e simbólicas capazes de garantirem a apropriação e permanência de um dado território por um determinado agente social”. Os sesmeiros, ao adquirirem as terras, tinham de realizar práticas agrícolas para solidificar a posse do território, a formação do povoamento simbolizava a apropriação e a permanência nas terras.

O século XVII ficou marcado por dois movimentos significativos para a economia local: a ampliação dos engenhos na zona da mata e a chegada da pecuária do sertão, que aconteceu nos anos iniciais. Depois, no final do século, os portugueses ocuparam o espaço palmarino; este foi distribuído por dezenas de sesmarias, entregues principalmente aos militares que participaram da guerra contra a insurreição liderada pelos antigos escravos africanos, concluindo assim, a ocupação do atual território de Alagoas. (CARVALHO, 2016, p. 17).

A concessão de terras era uma ação usada para obter o controle das sesmarias, os donatários se comportavam como bem feitores, doavam as terras para a fixação de templos cristãos, os donatários também alteravam os limites territoriais e delimitavam o espaço.

Entretanto, em 13 de julho de 1822, a concessão de terras é suspensa por D. Pedro I, segundo Treccani (2001, p. 59): no “Brasil o regime de sesmaria foi suspenso em 1822” por conta de que a organização e o uso da área territorial não tinham um controle. Os sesmeiros usavam o território de forma desordenada, o ambiente natural sofreu com a exploração dos recursos naturais, o espaço natural foi sendo tomado pelos povoamentos.

3.1 A evangelização do litoral ao sertão

Na época da independência do Brasil, em 07 de setembro de 1822, D. Pedro I assegurou o catolicismo como religião oficial do Império. Nunes (2016, p.33) afirma que “Dom Pedro I, no início da Constituição de 25 de março de 1824, jurava que a Igreja Católica continuaria a ser a religião oficial do Império. O primeiro anunciado da Constituição política do Império do Brasil”. O governo e a Igreja contribuíram em propagar a evangelização que saiu do litoral e percorreu até o sertão, cumprindo o desejo de expansão e domínio do território. O autor relata que “a evangelização nestas terras foi acontecendo a partir do Litoral passando, posteriormente, à Zona da Mata até chegar à região sertaneja do território de Alagoas, como se sabe, o interesse civilizatório dos portugueses era menor que o exploratório” (NUNES, 2016, p. 27). Desta maneira, o trabalho missionário avançava para o interior à medida que os exploradores ocupavam novos territórios.

Não obstante haver interesses comuns, nas relações entre Igreja e Estado, facilmente surgem tensões. Se o Governo imperial, por causa do Padroado, tinha autoridade de erigir novas Paróquias, esta concessão não deixava de ser fonte de conflitos. Alguns Bispos exigiam que antes da criação de Paróquias houvesse uma consulta prévia. Eles desejavam está bem informados dos assuntos eclesiásticos, ainda que não pudesse interferir legalmente. (NUNES, 2016, p. 38).

A instituição religiosa tinha o intuito de propagar a religião Católica, mas também trabalhava para suprir os interesses do governo que administrava o dízimo arrecadado. Esses aliados trabalhavam com o propósito de assegurar o território, fixar povoações, defender suas fronteiras e formar patrimônio. A respeito disso, Carvalho (2016) afirma que já:

Em 1749, quatro décadas depois de alcançar sua autonomia relativa, a burocracia civil, a organização militar e religiosa da futura província já estava avançada. [...] No âmbito eclesiástico, a comarca evoluía e apresentava 10 freguesias, todas com igrejas, várias capelas e muitos clérigos. (CARVALHO, 2016, p. 115).

A expansão pelo sertão foi conflituosa; os povos originários que viviam nessas terras foram dizimados. Com isso, perdeu-se muito da sua cultura e de suas tradições. Segundo Carvalho (2016, p. 45), “Na expansão para as áreas sertanejas, num processo violento de

ocupação, os currais invadiram os espaços comunitários indígenas, expropriando suas terras, nesses tempos, sem seus ritos, sem seus campos de caças, os indígenas perdiam suas identidades”. Os núcleos de povoamento à medida que surgiam contribuíam financeiramente ao pagar o dízimo, também apoiava o governo na defesa do território. Até a ordem religiosa dos capuchinhos franceses tinha que ser aliada do governo e fazer juramento de fidelidade, pois eles já tinham sido expulsos anteriormente do país acusados de traição, devido a rompimentos diplomáticos entre Portugal e França.

O fato de os missionários estarem a “serviço do governo” os impedia de aspirarem as melhorias e desenvolvimento social e econômico da população, uma vez que o propósito era, aos olhos do governo, manter a ordem social e política, ainda que o princípio não fosse inteiramente cumprido, ou pelo menos, tentavam manter a mesma situação assistencial ao povo e cumprindo o pacto estabelecido pelo governo. (HERCULANO e SANTOS, 2011, p. 45).

Os freis italianos, por onde passavam, deixavam suas contribuições espirituais e sociais construindo igrejas, orfanatos, cemitérios, também tinham a função de apaziguar a população revoltosa; o trabalho missionário evitava revoltas mais sangrentas. Os freis, para Herculano e Santos (2011, p. 45), “não se tratavam de meros apaziguadores e obedientes aos governos civis nacionais, mas participantes e incentivadores de algumas contestações”, nisso, alguns freis e padres foram assassinados. Novamente, os freis foram expulsos do Brasil por impedir a entrada dos bispos e dos portugueses nas aldeias; os índios só obedeciam aos missionários e sempre surgiam revoltas contra o Estado. Depois de uma sucessão de revoltas, os missionários foram trazidos novamente para conter os ânimos dos revoltados, as missões eram usadas para converter os católicos que se afastavam da sua fé.

Esses freis eram conhecidos como homens de extrema dedicação e firmeza e nem sempre se dobravam aos ditames do governo brasileiro, como ocorrera com o frei Plácido de Messina, quando indicado a apaziguar o conflito que ficou conhecido como *Cabanos*, ocorrido entre 1832-1885, na província de Alagoas. (HERCULANO e SANTOS, 2011, p. 49).

A situação das igrejas em Alagoas e em outras regiões eram precárias: construídas com madeira e barro não tinham a mínima condição de funcionamento, de acordo com os superiores da Igreja Católica, não atendia às exigências. Nunes (2016, p. 40) cita que “O estado deplorável dos Templos e Capelas eram reclamações frequentes durante todo período do Padroado”; o governo monárquico também não disponibilizava recursos para a manutenção das capelas e das igrejas. Os padres cobravam ao estado auxílio financeiro, por outro lado, o governo exigia mais empenho dos padres na arrecadação de fundos, os que não

conseguiam arrecadar o valor estipulado pelo estado, eram acusados de não fazer o trabalho pastoral.

Os padres como funcionários públicos, no tempo do Padroado, deveriam exercer outras atividades de interesse do Estado. Não somente as funções religiosas, como a administração dos Sacramentos, mas deveriam cumprir outras funções civis como registrar os nascimentos (batismos), os casamentos, registros dos óbitos, administração dos cemitérios [...]. (NUNES, 2016, p. 42).

Os religiosos que não eram políticos e não estavam ligados ao Estado, ganhavam pouco quando comparado com outros cargos importantes. Os padres eram funcionários públicos que tinham a obrigação de registrar todas as atividades, os casamentos, batizados e óbitos.

A relação de grupos religiosos com o Governo brasileiro sempre foi uma relação inconstante e de interesses, onde ora a administração os repelia, ora os apoiava. Certo é que essa relação paradoxal não ajudava a vigorar o trabalho missionário, impedindo-os até certo ponto de terem iniciativa própria. (HERCULANO e SANTOS, 2011, p. 68).

Com o interesse de manter o poder político e a ordem nas províncias, os fazendeiros e senhores de engenho que faziam parte da política alagoana, eram nomeados coronéis e passavam a fazer parte da guarda nacional, criada no período imperial em 1831, que durou mais de noventa anos. Para Verçosa (2006, p. 67), “Essa verdadeira institucionalização do poder privado, junto com as prebendas e os títulos de nobreza concedidos pelo Governo Imperial, irão, no dia-a-dia da Província trazer um aumento descomunal do poder dos senhores rurais que irá se concentrar em algumas poucas famílias”. Alagoas possuía centros políticos fortes que influenciavam nas decisões políticas do litoral ao sertão, essa base política estava restrita a poucas famílias: era a oligarquia ruralista.

A oligarquia matagrandense da família Malta dominou o Estado de Alagoas por doze anos. Em 1908, mudou a jurisdição de Pão de Açúcar para sua terra natal Mata Grande, foi a responsável por vender grandes extensões de terras públicas aos latifundiários. As terras alagoanas mudavam de dono, mas sempre continuava nas mãos dos senhores de engenho, de políticos e de ricos empresários. Desta maneira, essa má distribuição fazia perpetuar no Estado a pobreza, já que os pobres não tinham quase onde plantar. Lira (2007, p. 17) expõe que o “resultado da má distribuição da propriedade da terra, iniciada a partir das sesmarias e fortalecida com a lei de terra, de 1850, que só permitiu a posse da terra através da compra ou herança”. O governo dos Malta foi substituído, mesmo assim a situação alagoana não teve muitos avanços.

Entretanto o Sertão continua produzindo quase que só para o seu consumo, por lhe terem faltado até então os mais elementares meios de transporte e fretes, e a situação sanitária ainda tem a tuberculose, o impaludismo e doenças gastrointestinais liderando as causas dos óbitos que são superiores aos nascimentos. (VERÇOSA, 2006, p. 125).

As terras alagoanas, em sua grande parte, estavam ocupadas pelas plantações da cana de açúcar, muitas árvores foram derrubadas e pequenos proprietários tiveram suas terras invadidas. A monocultura da cana de açúcar foi a responsável pela redução da plantaçaõ agrícola, gerando a escassez de alimentos básicos como o feijão e a farinha. O Estado comprava produtos agrícolas de outras regiões para suprir a necessidade da população. Se a situação da parte desenvolvida do Estado passava por privações, as condições de vida dos sertanejos também eram precárias: a falta de estrutura em saúde, educação, segurança e transporte, afetava a população que, sem saneamento, quando acometidas por doenças chegavam a óbito.

3.1.1 A evangelização para um povo com pouco acesso à leitura

Com o fim da Monarquia e a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889, a separação do Estado com a Igreja só foi oficializada em 07 de janeiro de 1890 pelo Decreto 119-A. Nunes (2010, p. 23) informa que “houve por influência do positivismo a secularização do ensino, o ensino público no Brasil deixava de ser religioso e surge também o casamento civil”. A ruptura do Estado com a Igreja contribuiu para que, a igreja tivesse a autonomia em tomar suas próprias decisões; as contribuições dos fiéis não eram mais divididas com o Estado, acabando com as contendas referentes à arrecadação das taxas.

Caracterizada como uma civilização de natureza eminentemente rural, de base latifundiária, será assim, com um perfil profundamente arcaico que Alagoas irá ingressar na República, que ali vai chegar, como em outras partes do país, sem grandes alaridos e com certo atraso-só no dia 18 de novembro é que o comandante do já extinto Império se afaste do Governo, organizando em seguida uma junta de Governo. (VERÇOSA, 2006, p. 97).

O Estado laico passou a ser responsável por ofertar ensino, no entanto, apenas uma pequena parcela da população tinha acesso à educação, como cita Verçosa (2006, p. 71): “o ensino público era apenas um departamento administrativo sob a égide da politicagem”. Portanto, a grande parte da população que ainda não tinha acesso à alfabetização era a população pobre. Verçosa (2006, p. 93) confirma ao mencionar que “na área da Educação fazendo-se um balanço geral do que no Império se realizou em toda a Província, se constate

que na República não irá herdar uma situação animadora em termos relativos ela será, no que diz respeito à instrução primária, ainda pior de que quando começou”. As consequências do baixo nível de instrução mantinham o poder na mão de poucos, visto que a maior parte da população não tinha muita informação e acabava acatando as ordens dos que estavam no poder.

No âmbito das ambiguidades do catolicismo popular cabe considerar a presença de homens letrados, intelectuais constituídos no ventre da igreja e atuando no interior de suas diretrizes (aqui denominamos de missionários) [...]. Em paralelo com a ação dos missionários, à margem da igreja, atuavam homens de origem popular (que, em regra, não tiveram acesso ao mundo letrado), aqui denominamos de beatos, penitentes, peregrinos. Uns e outros (missionários e beatos) causavam algum mal-estar nas relações entre Igreja e Estado, alimentando tensões no âmbito da hierarquia eclesiástica e na apropriação-utilização do cristianismo como ideologia, concepção geral de mundo. (SAMPAIO, 2011, p. 131).

A instrução no território alagoano não era uma prioridade do governo, as instruções de civilidade, política e religiosa até mesmo ensinar a ler e escrever acabavam sendo a função de alguns missionários, freis, padres e pessoas letradas. Mesmo fazendo parte da mesma matriz ideológica do catolicismo as atividades praticadas pelos missionários, freis e padres dentro das povoações eram diferentes. Cada um atuava de acordo com o carisma da sua ordem religiosa, os missionários e freis trabalhavam mais na edificação dos povoados construindo igrejas, escolas, etc. eram servidores do coletivo ajudaram a espalhar o catolicismo popular. Houve também a atuação de padres na formação de escolas e igrejas que contribuíram na territorialidade religiosa de Alagoas. De acordo com Sampaio:

Tensões e contradições são aspectos inerentes às relações entre o catolicismo popular e a igreja católica. Se há, por um lado, uma mesma matriz ideológica no que se refere à concepção de mundo, é variante o modo de ver: a Igreja Católica toma como pressuposto sua “superioridade natural” na relação com as massas [...], enquanto os beatos assumem a condição de servidores do coletivo numa postura de quase horizontalidade. São modos diferentes de ensinar, de marcar a consciência e o agir em síntese, o modo de ser das populações sertanejas. (SAMPAIO, 2011, p. 131).

A grande parte da população não tinha acesso à leitura, mesmo com os esforços de missionários, padres e freis para construir escolas, infelizmente, uma grande parte da população não conseguia ingressar na escola, os filhos das elites eram os que conseguiam vaga para estudar. Verçosa (2006, p. 62) menciona que o atraso da educação alagoana foi por conta da “natureza eminentemente rural e escravagista do meio não requeria, ainda, grandes esforços educacionais”. A educação da população pobre não era uma preocupação para o Estado, os pobres estavam fadados ao trabalho e o analfabetismo; era a Igreja que transmitia as instruções para um dado comportamento social.

A República encontrou analfabeta a grande massa proletária. Analfabeta e sem educação profissional. Ao finar-se o regime monárquico, já havia em Alagoas, um núcleo notável de educadores e professores. Esses agiam por si mesmos, sem a ajuda do poder público. Quase que se lhes deve tudo que a monarquia legou à República em matéria de ensino. (COSTA, 2011, p. 46).

Os que podiam pagar tinham instrução, como cita Verçosa (2006, p. 87), “os jovens cujas famílias tinham recursos continuavam saindo para fazer fora seus estudos preparatórios para exames que lhes permitiriam ingresso no ensino superior”, enquanto os pobres eram dependentes do que o Estado ofertava. O mesmo autor diz que “a ação educacional continuava como antes: a criação da escola e a nomeação do professor eram de acordo com o desejo dos chefes políticos” (VERÇOSA, 2006, p. 102). No interior, ocorriam várias dificuldades: a falta de prédios escolares fazia professores e alunos percorrerem grandes distâncias até um local improvisado e sem mobiliário adequado.

As casas escolares eram “infectos casebres”, privadas de todo o conforto, onde se mobilizavam, diante de um indivíduo arvorado em professor, algumas dezenas de crianças, nas rotineiras tarefas do silabário, da tabuada e do catecismo. Não havia uma só escola instalada em prédio próprio, todas funcionavam em casas comuns, de aluguel, desprovidas dos requisitos mais elementares de higiene. (COSTA, 2011, p. 49).

Os pais, muitas vezes, pagavam um professor para dar aula aos seus filhos. A frequência de muitos na escola durava até o momento que conseguiam ler, escrever e calcular; nas escolas também era ensinado o catecismo, ou seja, a doutrina do catolicismo era transmitida aos alunos.

A província de Alagoas se tornou independente de Pernambuco em 1817, mas, mesmo assim, a Igreja Católica de Alagoas, durante o período de 1837 até 1900, pertencia à diocese de Olinda, em Pernambuco. Com um forte sentimento religioso, a população sertaneja não era tão assistida por padres, cabia o serviço cristão aos freis e missionários disseminar a devoção aos santos e promover o culto religioso. Como dissertam Herculano e Santos (2011, p. 54), “Todos esses aspectos favoreciam as formas populares de devoções que eram traduzidos pelos freis. Dessa maneira ganham espaço às devoções aos santos, as promessas, os sacrifícios, as romarias, os oratórios caseiros, as esperanças de milagres, etc.” Devido à dificuldade de locomoção dos padres, a evangelização ficava sobre a responsabilidade de pessoas da própria comunidade e a chegada de um líder religioso era sempre motivo de grande alegria.

A origem do catolicismo no Brasil normalmente está associada à construção de uma capela. Embora nessas situações, as práticas religiosas possam ainda estar fortemente influenciadas pela participação de pequenos agricultores que suprem a ausência do pároco com a realização de eventos de menor porte. (RAFAEL, 2000, p. 137).

Era importante para Maceió ter uma sede religiosa, a decisão impulsionou a criação da sua diocese; com isso atenderia aos diversos interesses, pois a capital possuía melhores condições econômicas, políticas, religiosas e culturais. Para Tuan (2012, p. 132), “A construção de uma catedral despertava o entusiasmo em uma grande comunidade de crentes”. Dom Antônio Brandão iniciou os trabalhos da construção de instituições educacionais e religiosas; o patrimônio religioso foi constituído com a colaboração financeira do bispo, da sociedade católica e de aliados políticos, adeptos da manutenção da aliança do Estado com a Igreja. Nunes (2010, p. 36) informa que “O governador do Estado, Euclides Vieira Malta, uniu-se ao movimento de campanha, tomando medidas para que o patrimônio necessário à criação da Diocese fosse sendo formado”. Nesse sentido, os matagrândenses contribuíram na construção de estruturas religiosas que ajudaram a formar a territorialidade religiosa e a fortalecer o catolicismo alagoano.

Os espaços apropriados efetiva ou afetivamente são denominados territórios. Territorialidade, por sua vez significa o conjunto de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território. É nesta poderosa estratégia geográfica de controle de pessoas e coisas, ampliando muitas vezes o controle sobre espaços, que a religião se estrutura enquanto instituição, criando territórios seus. (ROSENDAHL, 1996, p. 59).

O precursor Dom Antônio Manoel de Castilho Brandão, nascido na freguesia de Mata Grande, foi batizado em 27 de setembro de 1849, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Oficialmente em 02 de julho de 1900, ocorre o desmembramento da Igreja Católica do Estado de Alagoas da diocese de Olinda em Pernambuco, a paróquia de Mata Grande passa a pertencer à diocese de Maceió até o ano de 1918. O matagrândense Dom Antônio Manoel de Castilho Brandão, no dia 23 de agosto de 1901, é declarado o primeiro bispo de Alagoas. Nunes (2010, p. 64) diz que “O primeiro bispo ao chegar à nova Diocese encontrou um patrimônio de pequenas proporções, fruto da doação do Governo Estadual e da própria comissão que havia trabalhado para a sua criação”. O novo bispo buscou trabalhar para melhorar as condições da Igreja alagoana, anteriormente, por não ter a presença constante de um líder, a Igreja de Alagoas se encontrava dispersa.

Nesse sentido há um paradoxo no contexto geral da ação do catolicismo popular: se por um lado, produzia práticas e símbolos umbilicamente associados aos interesses e ao atendimento às necessidades populares, por outro lado, se coadunava com a estrutura de mundo marcado pela grande propriedade, o mandonismo rural. (SAMPAIO, 2011, p. 131).

A sociedade urbana de Alagoas achava que o Estado deveria sair do atraso ruralista e acompanhar os modos europeus. Como relata Herculano e Santos (2011, p. 56): “Sem um

Estado legal, imperava a lei do mais forte, assim como a ganância e a usura. Aos olhos da Igreja e da sociedade urbana que buscava os ideais da civilidade segundo os critérios europeus, todos esses problemas deviam ser resolvidos”. Para isso, se empenharam na criação da diocese de Alagoas.

Verçosa (2006, p. 109) informa que “logo vão ser trazidos para Maceió irmãos e irmãs franceses que se encarregarão da educação da juventude bem nascida do Estado”. A população rica de Maceió usufruía de uma educação baseada no ensino europeu, em que os professores franceses vieram para proporcionar o desenvolvimento educacional e com a criação da diocese, houve a necessidade de construir um seminário.

O seminário, bem consolidado, fez com que aumentasse o número de vocações como já previa o Prelado. Os seminaristas chegavam de diversas regiões, inclusive de outras dioceses, fato que se tornou tradição no seminário de Maceió. Dom Antônio Brandão supervisionava eficazmente as atividades do seminário [...]. Suas preocupações estavam orientadas, para a qualidade da formação espiritual e intelectual de seu Clero. (NUNES, 2010, p. 54).

No entanto, a educação dos alagoanos continuava precária, o governo tentava solucionar o problema, com novos métodos pedagógicos que pusesse aumentar o número de alunos matriculados no ensino primário. A educação institucional que na época teve um bom êxito e que se sobressaiu foi a do seminário Diocesano, criado por Dom Antônio Brandão, que ofertava educação aos seminaristas alagoanos. Para Verçosa (2006, p.117), esse seminário, “irradiando-se a partir dele, portanto, um tipo de saber que chegou a atingir até os mais longínquos rincões do território alagoano”. Essa educação conseguiu obter para Alagoas dados significativos; lamentavelmente, a educação pública ofertada à população continuava enfrentando os mesmos problemas de precarização, mesmo quando em alguns lugares as casas foram substituídas por grupos escolares.

A escola era lóbrega e os processos de educação, em geral, embrutecedores. Criar a escola e nomear o professor era o encargo único do governo; mas, a instalação escolar, os métodos de ensino, a fiscalização pedagógica e a eficiência educacional não entravam nas cogitações oficiais. (COSTA, 2011, p. 45).

A educação alagoana passou por períodos difíceis que acarretaram problemas estruturais dentro dessa sociedade, mesmo realizando-se várias reformas no ensino, ainda não foi o suficiente para obter a excelência na educação. Porém, todas as tentativas para melhorar seu nível educacional foram válidas à medida que pôde proporcionar alguma aprendizagem, mesmo que em muitos momentos a sociedade alagoana parecesse não ter pressa de mudar. A religião Católica teve uma atuação decisiva na sociedade alagoana, sua forte influência junto à

esfera política, conseguiu colaborações importantes para a construção de monumentos religiosos que consolidaram a territorialidade religiosa alagoana.

3.2 A doação de terras para o patrimônio da Igreja

No dia 20 de junho de 1791, foi registrada uma escritura no cartório de Tacaratú, que pertencia capitania de Pernambuco. Nessa época, Alagoas ainda não tinha sido emancipada. Segundo o Livro de Tombo nº2 (1910 fls. 06), o documento foi feito por Francisco Gonçalves Teixeira e sua esposa Luiza Maria, doando uma parte das terras do Cumbe nas Matas de Santa Cruz, termo da vila de Penedo, comarca das Alagoas do Sul. O casal morador das Matas de Santa Cruz, motivados pela devoção, fez a doação de terras para o patrimônio de Nossa Senhora da Conceição com a incumbência de ser construída uma capela. Como cita Lira (2007, p. 16), “o costume de doar terras era um presente dado aos mais queridos, com o tempo as medidas de léguas sofreram diminuições”. Foi para o serviço de Deus e o bem comum dos católicos que os responsáveis possuidores livres das terras doaram um quarto de légua de terras em quadro dentro das terras do Cumbe para patrimônio da capela.

Em Alagoas, Duarte Coelho foi o primeiro colonizador a plantar cana e também doar terras aos amigos. Procurou escravizar os índios e conseguiu financiamento para a instalação de engenho, mas, de acordo com Andrade (1998, p.50), as sesmarias podiam ter dimensões ilimitadas. A partir de 1695, porém, passaram a ter extensões máximas de 4 léguas de comprimento por uma légua de largura. No século XIX, passaram a ser de uma légua em quadrado. (LIRA, 2007, p. 16).

Transferido o domínio das terras para o patrimônio da capela, os doadores pedem que os rendimentos que possam ter dentro das terras devam ser cobrados e entregues ao tesoureiro ou aos responsáveis por administrar a capela. Os doadores tiveram a preocupação de deixar documentada a doação, para que, no futuro, nem familiares ou outras pessoas interessadas pudessem recorrer da doação e alegar o pertencimento na justiça. Os primeiros sesmeiros da sesmaria Mata Grande receberam enormes extensões de terras. Com o tempo, as terras dessa sesmaria foram divididas com outros sesmeiros. Uma parte dessas terras que se encontrava no Cumbe nas Matas de Santa Cruz, localizado no território de Mata Grande, foi doada por Francisco Gonçalves Teixeira e sua esposa Luiza Maria para a veneração de Nossa Senhora da Conceição.

Que todos os rendimentos dos foros que se tenham dentro do dito quadro de léguas das terras para o prefixo patrimônio da capela de Nossa Senhora da conceição que sejam anualmente cobradas e entregues ao tesoureiro ou fabriqueiro que exerce para tudo o juramento ou que for preciso na dita Igreja, dizem ambos os doadores que

assim querem por ser de livre espontânea vontade e que de hoje em diante transfere todo o poder e domínio que lhes tem quarto de légua das terras do Cumbe. (ESCRITURA DE DOAÇÃO *apud* LIVRO DE TOMBO, P.N^a. S^a. C⁵., n^o 02, fls.06).

As dimensões das sesmarias deixaram de ser ilimitadas em 1695, as demarcações passaram a possuir quatro léguas de comprimento por uma légua de largura, novamente no século XIX, os limites geográficos foram alterados para uma légua em quadrado. Com as alterações das medidas, o que antes era considerado como medida para légua passou a não ser, mesmo com as reduções das medidas, os sesmeiros tinham terras a perder de vista.

Era tanta terra na mão de poucos donos que se tinha o costume de arrendar algumas delas, vender ou doar. As terras doadas da sesmaria Mata Grande possuíam a extensão de um quarto de légua de terras em quadrado. Tinha mais que suficiente para construir a capela, portanto, por anos as terras ficaram abandonadas, os superiores da Igreja Católica faziam várias reclamações, por não ter uma pessoa designada a administrar e organizar o patrimônio.

Se pensarmos que uma légua corresponde hoje a 6 quilômetros (a légua de sesmaria correspondia a 6.600 metros), mesmo sem o conhecimento dos pontos geográficos que foram indicados como limites das sesmarias, dá pra imaginar a imensidão dos latifundiários que são outorgados oficialmente aos primeiros colonizadores que, por sua vez, irão subdividir seus domínios impossíveis de serem tocados como uma empresa única. (VERÇOSA, 2006, p. 40).

Nas terras doadas, foi construída uma capela de taipa e em frente, segundo o Registro Paroquial (2010, p. 04), foi erguida uma cruz feita de madeira de uma enorme árvore chamada Maçarandubeira que, mais tarde, serviu de referência para a escolha do nome da cidade de Mata Grande. A localização da capela se situava onde hoje se encontra a casa da senhora Lourdes, vizinha à Escola Estadual Demócrito Gracindo, na Rua Eustáquio Malta de Sá. Na época, havia um cemitério e, por isso, era chamada rua da Cruz. O local em que situava a capela de taipa estava na parte baixa do terreno, com a ação dos fenômenos naturais das fortes chuvas, acabaram destruindo a capela. Diante dessa situação, houve a necessidade de construir uma nova capela em um lugar que não sofresse danos e que suportasse as intempéries do clima.

Os ventos que sobem do vale do São Francisco e as regiões aplainadas vizinhas transportam umidade até atingir serras como as de Mata Grande e Água Branca, localizadas muito no interior. Daí ser o Sertão alagoano, de modo geral, bem mais úmido do que o Sertão pernambucano, paraibano, norte rio-grandense, cearense ou baiano, e ser Alagoas, por dispor de menor área semiárida e oferecer, em geral, melhores condições à agricultura do que as semiáridas dos outros Estados nordestinos. (ANDRADRE, 2011, p. 45).

⁵ Livro de Tombo P. Ns^a. Sr^a. C. (Paróquia Nossa Senhora da Conceição).

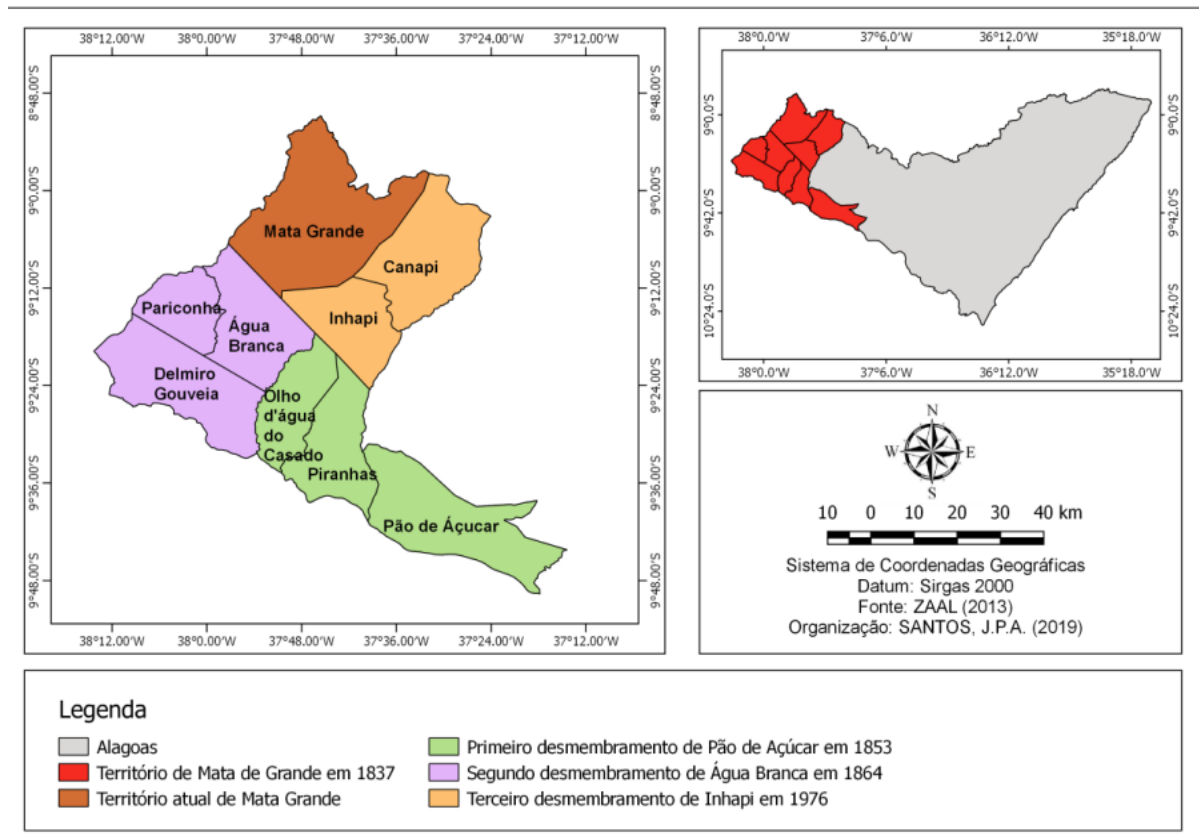
A região serrana de Mata Grande possui um relevo suave ondulado, com clima tropical semiárido. Com precipitações chuvosas, a mudança da capela foi motivada pela incidência de alagamentos nos terrenos baixos. A nova capela foi construída em uma parte alta do terreno localizada na Praça Nossa Senhora da Conceição.

No dia 17 de Dezembro de 1939, Segundo o Livro de Tombo nº2 (1939, fls. 03), a Imagem de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade foi abençoada diante de uma imensa multidão de fiéis. Tal imagem de Nossa Senhora da Conceição esculpida na madeira foi feita na cidade de Penedo. O motivo dos doadores escolherem Nossa Senhora da Conceição para doar as terras foi justificado pela devoção através do gesto concreto de doar seus bens em prol da construção do templo religioso, a intenção está explícita no documento de doação.

3.3 Os desmembramentos ocorridos na Paróquia de Mata Grande-AL

Com o tempo, a capela precisou ser ampliada, depois passou a ser uma Igreja e alguns anos mais tarde, em 18 de março de 1837, foi elevada à Paróquia; um marco importante para Mata Grande: a elevação da Capela para Freguesia (Paróquia). Pertencendo ainda à diocese de Olinda, todo o território denominado de Mata Grande passa a fazer parte oficialmente da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição. Segundo o Registro Paroquial (2010, p.6), de acordo com a Resolução da Assembleia Legislativa da Província de Alagoas, Mata Grande foi elevada à categoria de Vila e Paróquia em 18 de março de 1837. A sesmaria Mata Grande, além de Paróquia, nessa mesma data, passa à categoria de vila. Era um território paroquial extenso na época, abrangiam todo o território que hodiernamente situa-se em Pão de Açúcar, Piranhas, Olho d'Água do Casado, Água Branca, Delmiro Gouveia, Pariconha, Inhapi e Canapi. O mapa da (Figura 1) ilustra os territórios que ao serem criadas suas paróquias foram desmembrados do território denominado de Mata Grande-AL.

Figura 1: Mapa do desmembramento do território denominado Mata Grande-AL (1853-1976)



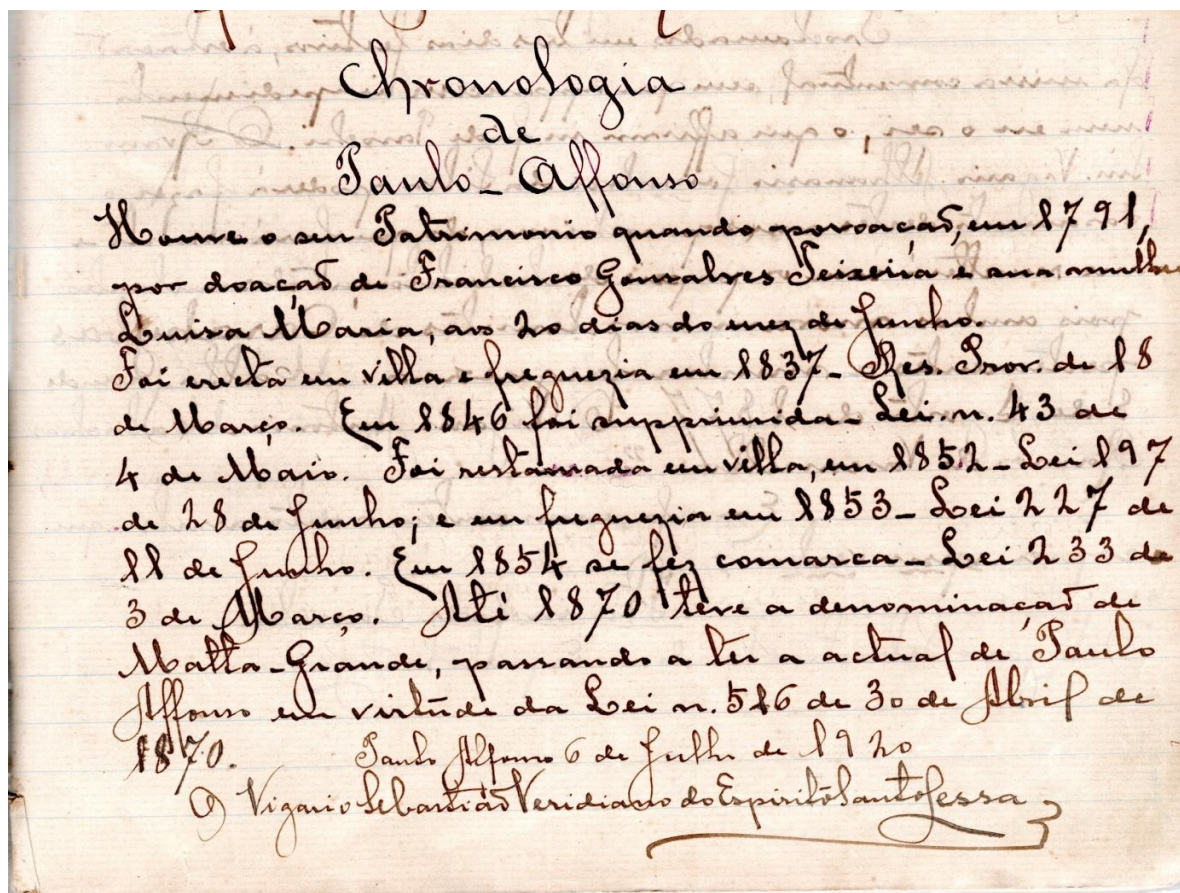
Fonte: ZAAL (2013)

Elaboração Cartográfica: SANTOS, J.P.A (2019).

Na época, as povoações que existiam nesse território, como também as capelas e as igrejas, faziam parte da Paróquia de Mata Grande por questões burocráticas e eclesiásticas, portanto, todo o território era tido como sendo Mata Grande. Entretanto, mesmo todo território sendo chamado de Mata Grande, existiam as subdivisões das terras, pois pertenciam a vários sesmeiros. As terras que foram doadas por Francisco Gonçalves Teixeira e sua esposa Luiza Maria para Nossa Senhora da Conceição não abrangia todas as terras da sesmaria Mata Grande. O território ficou dividido em terras doadas para o patrimônio de Nossa Senhora da Conceição e as terras que estavam no território paroquial, juntas formavam a sesmaria Mata Grande.

O documento apresentado na (Figura 2) mostra a cronologia de Mata Grande na época era chamada de Paulo Afonso. Esse documento relata informações sobre a doação de terras feita por Francisco Gonçalves Teixeira e sua mulher em 20 de junho de 1791. Como também a elevação de Mata Grande como vila e paróquia em 18 de março de 1837. Estas informações estão registradas no Livro de Tombo nº 1 da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, na folha 169-A.

Figura 2- Cronologia de Paulo Afonso (Mata Grande-AL)



Fonte: Acervo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição (2019).

Para reforçar essas informações referentes a criação da vila e freguesia de Mata Grande, o IBGE também faz menção a esse fato:

Elevado à categoria de vila com denominação de Mata Grande, pela lei provincial nº 18, de 18-03-1837, desmembrado de Porto da Folha (mais tarde Traipú). Pela lei provincial nº 43, de 04-05-1846, a vila é extinta. Elevado novamente à categoria de vila com a denominação Mata Grande, pela lei nº 197, de 28-06-1852. Reinstalada em 27-09-1852. Pela lei provincial nº 516, de 30-04-1860, Mata Grande passou a denominar-se Paulo Afonso. Elevado à condição de cidade com a denominação de Mata Grande, pela lei estadual nº 328, de 05-06-1902. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município de Paulo Afonso é constituído do distrito sede. Pela lei estadual nº 1144, de 25-05-1929, o município de Paulo Afonso passou a denomina-se Mata Grande. (IBGE⁶, 2017).

A partir do momento em que foi criada a freguesia (Paróquia) de Mata Grande, essa deixou de fazer parte da paróquia de Porto da Folha (Traipú), mas ainda pertencia à diocese

⁶ IBGE instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

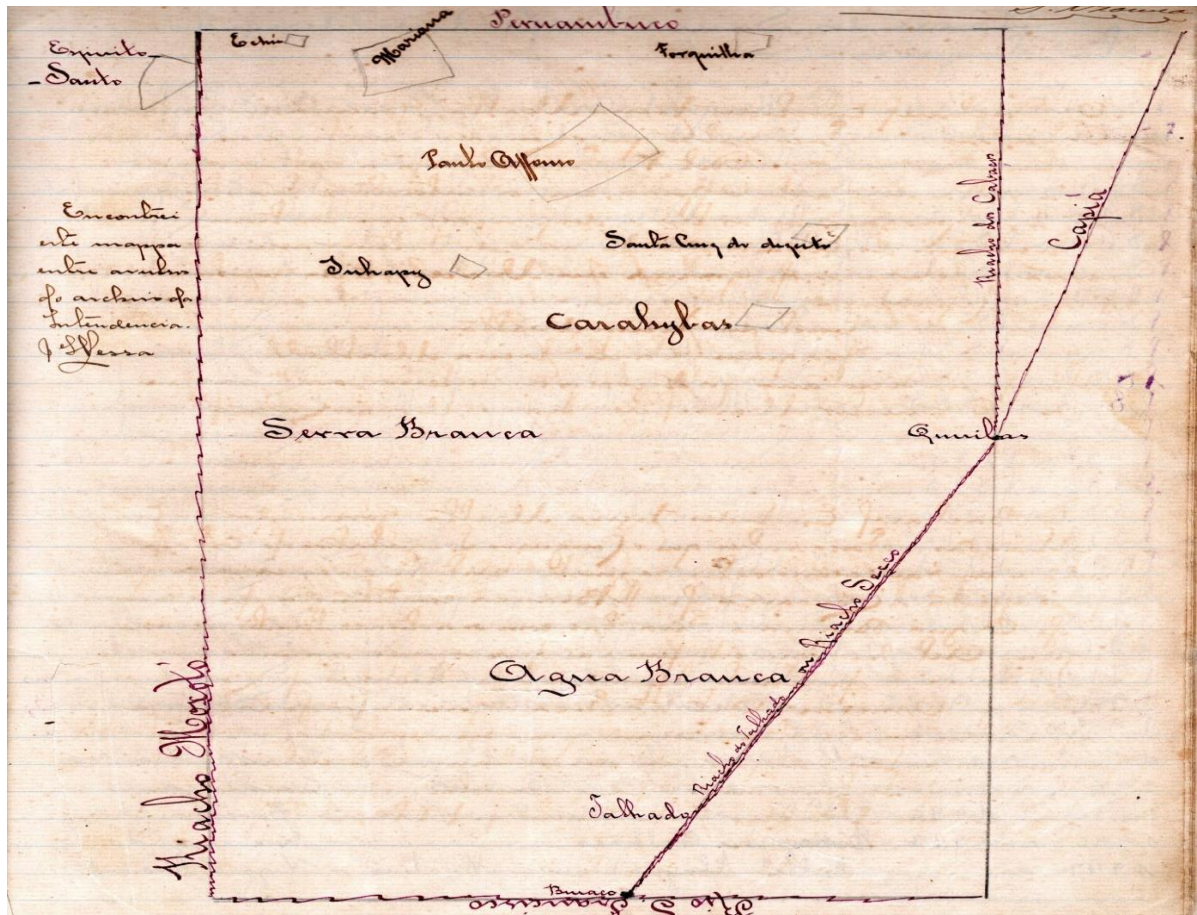
de Olinda. Para Verçosa (2006, p. 70), “A província das Alagoas: no ano de 1838 já estava inteiramente povoada, inclusive no alto sertão, onde foi criada a vila de Mata Grande”. Segundo o Registro Paroquial (2010, p. 21), em 1843 chega à paróquia de Mata Grande o seu primeiro padre com o nome de Miguel Arcanjo Torres, que iniciou as suas atividades religiosas no qual permaneceu apenas por um ano; logo depois vieram outros padres para dar continuidade nos trabalhos paroquiais.

Em 11 de julho de 1853, foi criada a paróquia de Pão de Açúcar o que ocasionou o seu desmembramento da paróquia de Mata Grande-AL, como também diminuiu a extensão desse território paroquial, é o que relata Espíndola (1871, p.161-162 apud NUNES, 2010, p. 19):

[A freguesia de Mata Grande] limitava com a freguesia de Pão de Açúcar pelo riacho Cabaços a começar na fazenda da Branquinha e de riacho acima até encontrar o riacho Capiá, que a separa da freguesia da Sant`Ana e seguindo esse riacho até a sua cabeceira onde limitava-se com Pernambuco, deste ponto segue rumo direto à fazenda do Espírito Santo (atual Inajá), na margem do Moxotó e daí riacho a baixo até a fazenda Serra Branca, onde limita-se com a freguesia de Água Branca e dessa serra rumo direto para a nascente a sair na Branquinha. A sua sede dista de Pão de Açúcar 18 léguas ou pouco menos e 6 de Água Branca.

Assim sendo, o mapa antigo do território denominado Mata Grande a que se refere à (Figura 3), mostra os seus limites com a freguesia de Pão de Açúcar que nessa época já tinha sido criada a sua paróquia, portanto já tinha sido desmembrada da paróquia de Mata Grande. O território matagrandense fazia limite com o riacho Cabaços e a fazenda da Branquinha até encontrar com o riacho Capiá, que separa a freguesia de Mata Grande da freguesia de Santana, a cabeceira do riacho Capiá se limitava com Pernambuco.

Figura 3: Mapa antigo do território denominado Mata Grande



Fonte: Acervo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição (2019).

Cabe mencionar que o território de Mata Grande também fazia limite com a fazenda do Espírito Santo que atualmente é conhecida pela cidade de Inajá, na margem do rio Moxotó daí a baixo até a fazenda Serra Branca onde se limita com a freguesia de Água Branca. Dessa serra rumo direto para a nascente a sair na Branquinha a sua sede em Pão de Açúcar 18 léguas ou pouco menos e 6 de Água Branca.

Em 02 de junho de 1864, foi criada a paróquia de Água Branca, fato que provocou o seu desmembramento do território paroquial de Mata Grande; na época era chamada de Paulo Afonso. Portanto, Costa e Cabral (2016, p. 201) relatam que “Em 1875 pela Res.n 681 de 24 de abril, sendo criada a comarca de Pão de Açúcar, cujo termo foi desmembrado de Paulo Afonso, passou a pertencer a esta o da nova Vila, que a mesma Resolução criou na povoação e freguesia de Água Branca”. Com a perda considerável de seu território paroquial, os serviços missionários nessas comunidades não estavam mais sob a responsabilidade da paróquia de Nossa Senhora da Conceição. Visto que as longas distâncias, a dificuldade de

transporte e as condições das estradas dificultavam a realização de assistência espiritual que as comunidades precisavam receber.

Com o desmembramento, o padre da paróquia de Mata Grande estava incumbido de realizar apenas as funções pastorais dentro dos limites da sua sede. De acordo como Rafael (2000, p. 136), “Com a transferência definitiva do padre para a localidade e com a transformação da capela em igreja matriz, é que essas práticas pré-existentes, ganham ares oficiais. Isso marcaria a consolidação do catolicismo erudito em detrimento das manifestações de cunho popular”. Os municípios desmembrados passaram a ser assistidos por outros padres designados para a função, com isso, as comunidades passaram a ter com mais frequência à atuação da Igreja na realização de casamentos, batizados, crisma, missas.

Relatos de 1871 identificam as atividades paroquiais realizadas em Mata Grande, citam o quantitativo de batizados. Conforme Espíndola (1871), citado por Nunes (2010, p. 20), “foram entre 120 e 130 por ano os casamentos foram 20 e os óbitos entre 16 a 20. Mata Grande possuía três capelas filiais: Santa Cruz do Deserto, a capela na Serra do Echú e a da Divina Pastora de Capiá”. Com o crescimento das povoações, a freguesia passou a contar com 6.040 habitantes, sendo 5.484 livres e 556 escravos, o que intensificou as práticas agrícolas e a criação de animais. Na vila e freguesia Mata Grande, houve a necessidade de funcionar um órgão comandado pelo Estado. Assim, em 1875, deu-se início à construção da Cadeia Pública – lugar que o poder legislativo exerceu a sua função. Localizada próxima à Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, na parte superior da Cadeia Pública funcionava a Câmara Municipal e o Tribunal do Júri e no térreo ficavam as celas dos presos.

Com a criação do Bispado de Alagoas, em 1900, a Igreja de Alagoas foi desmembrada da diocese de Olinda. Na época, já havia 225 igrejas para atender aos 511.440 habitantes com 34 paróquias, entre elas estava a paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Mata Grande (NUNES, 2010, p. 42). A sede episcopal passou a ser na cidade de Maceió e a Igreja Matriz tornou-se Catedral de Nossa Senhora dos Prazeres. Como Olinda ainda não era Arquidiocese, a recém-criada Diocese das Alagoas passou a fazer parte da Arquidiocese de Salvador na Bahia. Atendendo aos apelos da população alagoana, Dom Antônio Brandão como era conhecido por todos, iniciou uma nova era na vida religiosa de Alagoas.

No decreto Consistorial de desmembramento do Estado Civil de Alagoas e a criação do mesmo Estado em Diocese no dia 2 de julho de 1900, encontram expressas as manifestações populares dos alagoanos que, segundo o relevante documento: insistiram muitas vezes, com veementes pedidos à Santa Sé Apostólica, para que o mesmo Estado ou região, que pertence ao território e a jurisdição espiritual da Diocese de Olinda, fosse dela separado e constituído em diocese própria e autônoma. (NUNES, 2010, p. 41).

O bispo Dom Antônio Manoel de Castilho Brandão, em 07 de outubro de 1904, segundo o Livro de Tombo nº1 (1904, p. 87), chegou para uma visita pastoral à cidade de Mata Grande – sede da paróquia de Nossa Senhora da Conceição, acompanhado do reverendo cônego Joaquim Antônio de Siqueira Torres. O Pároco de Água Branca e o Bispo encarregados desta visita encontraram o templo em péssimo estado; devido à reconstrução e com as obras paradas, a Igreja precisava de tudo; e, por conta da chuva, não puderam visitar o cemitério. Nunes (2010, p. 29) explica que “O padre Antônio Brandão foi escolhido para ser o primeiro Bispo nascido em Alagoas. A Diocese de Maceió da qual a paróquia de Mata Grande fazia parte, teve por pouco tempo o matagrandense Dom Antônio Manoel de Castilho Brandão na função de bispo”.

Mesmo passando pouco tempo na função de bispo, de 1901 até 1910, quando faleceu de diabetes aos 60 anos, Dom Antônio Manoel de Castilho Brandão deixou um legado, as construções ajudaram a fortalecer a territorialidade religiosa dos alagoanos. Segundo o Registro Paroquial (2010, p. 08), Dom Manoel Lopes Arcebispo de Alagoas assumiu a sucessão episcopal de 1911 até 1922 a então Arquidiocese de Maceió e em 1916 ocorreu criação a Diocese de Penedo. Já em 1918, a paróquia de Mata Grande muda de diocese e passa a pertencer à diocese de Penedo até 1962; por ter um território muito extenso houve a necessidade de fundar outra diocese, para ajudar a desenvolver o trabalho missionário em todo território Alagoano. Em 10 de fevereiro de 1962, foi fundada a diocese de Palmeira dos Índios, localizada no centro do território alagoano, esta mais próxima ao sertão; logo, a paróquia de Mata Grande passou a fazer parte da diocese⁷ de Palmeira dos Índios.

O território paroquial de Mata Grande passou por vários processos históricos e geográficos com a fundação das paróquias de Pão de Açúcar em 1853, Água Branca em 1864 e Inhapi em 1976. A data da criação dessas paróquias é diferente da data de emancipação política; todos esses desmembramentos levaram Mata Grande a atingir a sua atual configuração. A priori, Mata Grande era uma sesmaria, segundo o Livro de Tombo nº1 (1920, p. 169) conseguiu ser elevada à vila e freguesia em 1837, o seu território abrangia a cachoeira do rio São Francisco, e logo passou a ser chamada de Paulo Afonso, em 1870. Com a emancipação política de Água Branca, em 1875, Mata Grande perdeu o vínculo com a

⁷ Cân. 369 — A diocese é a porção do povo de Deus que é confiada ao Bispo para ser apascentada com a cooperação do presbitério, de tal modo que, aderindo ao seu pastor e por este congregada no Espírito Santo, mediante o Evangelho e a Eucaristia, constitua a Igreja particular, onde verdadeiramente se encontra e atua a Igreja de Cristo una, santa, católica e apostólica. (CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, 1983, p.67).

cachoeira do rio São Francisco, mas recebeu a categoria de cidade em 1902. O governador de Alagoas, na época, o matagrandense Euclides Vieira Malta preferiu manter o nome de Paulo Afonso, porém, em 1929, volta a ser chamada de Mata Grande.

Desta maneira,

A sede municipal de Mata Grande-AL está localizada entre 09° 07' 06" de latitude sul e 37° 44' 04" de longitude oeste de Greenwich, situada numa altitude de 633 metros. O clima é tropical semiárido, com chuvas de verão. O período chuvoso se inicia em novembro com término em abril, com precipitação média anual de 431,8 mm. A vegetação natural é caatinga hiperxerófila, apresentando alguns trechos com floresta caducifólia, sendo encontrada ainda a caatinga hipoxerófila em alguns pontos da área. (PARAHYBA, 2007, p.1).

O município de Mata Grande está localizado no extremo NW do estado de Alagoas, está inserido numa microrregião serrana pertencente à mesorregião do Sertão Alagoano. O município também faz parte de duas unidades geoambientais: a Depressão Sertaneja na parte sul com divisa a Inhapi e o Planalto da Borborema na parte norte do estado com divisa a Pernambuco. Limita-se ao norte com os municípios de Manari e Inajá (PE), ao sul com Inhapi ao leste com Canapi e a oeste com Água Branca. A população estimada, de acordo com o IBGE em 2018, é de 25.226 habitantes, a área da unidade territorial de 908,3km². Todo o município de Mata Grande faz parte do território paroquial da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição que pertence à diocese de Palmeira dos Índios.

3.4 Os limites do patrimônio paroquial de Mata Grande-AL

A doação das terras e a construção da Igreja Católica foram ações importantes que contribuíram para o crescimento da comunidade matagrandense e efetivou o reconhecimento desse território. Os símbolos religiosos são tidos como referência que transmite segurança e atraem as pessoas elevando o número populacional, assim, “a posse do território é seguida de um ritual que simboliza o ato da criação. O território é ocupado e dessa forma, consagrado, protegido e reconhecido pela comunidade” (ROSENDAHL, 2013, p. 173). As terras do patrimônio foram sendo ocupadas de forma irregular, pois não era permitida a venda sem autorização da Igreja; a falta de organização da paróquia em demarcar e fiscalizar essas terras levou várias pessoas a adquirirem os terrenos sem autorização.

O Livro de Tombo nº1, da paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Mata Grande na folha 45-B art.11º, em 14 de novembro de 1886, está de acordo com o regimento das fábricas paroquiais do palácio Episcopal da Solidade do Recife. A freguesia nem por si nem por interposta pessoa poderia sem autorização competente comprar, permutar, arrendar ou

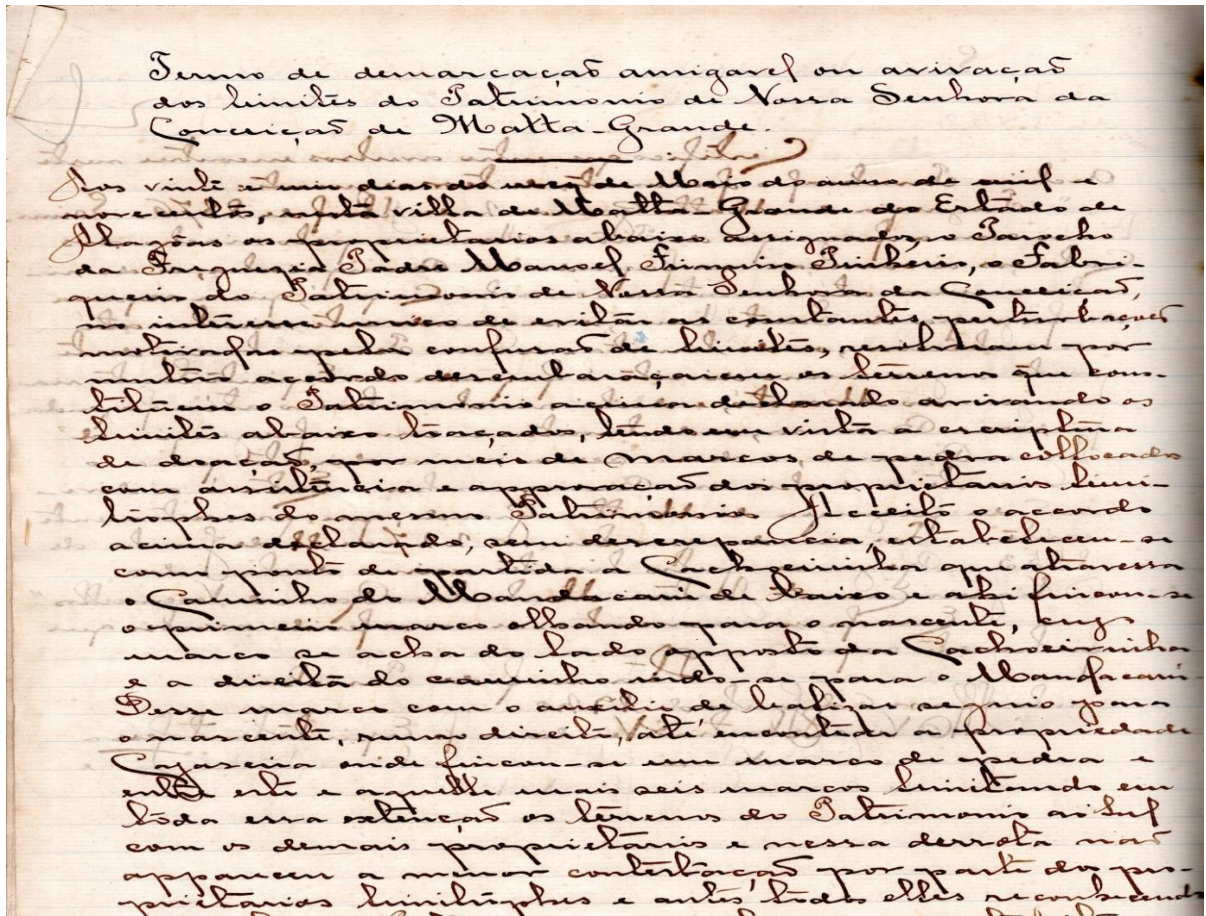
aforar os bens de qualquer natureza, pertencentes ao patrimônio da matriz e capelas. O visitador padre Jonas de Araujo Batista, ao visitar a paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em 20 de fevereiro de 1896, determina a demarcação das terras do patrimônio pelos limites conhecidos para evitar dúvidas futuras, garantindo assim o que pertence à padroeira.

No dia 20 de fevereiro de 1896, a situação da paróquia de Mata Grande era lastimável, conforme está escrito no Livro de Tombo nº1, na folha 54-B, da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição. O visitador padre Jonas de Araujo Batinga examinava os serviços prestados pelo vigário Cícero Joaquim de Siqueira Torres no zelo da paróquia, observou que os arquivos da paróquia, os registros de casamentos, óbitos, batizados, crisma, os paramentos estavam todos em conformidade. Lamentavelmente, uma freguesia como esta não possuía o necessário: a pia batismal e o sacrário. O intuito da visita na igreja era corrigir os defeitos e incidir os abusos. Assim, padre Jonas determinou que obtivessem meios de conseguir, conforme a determinação diocesana, a pia batismal e o sacrário, caso o fabricante encarregado não recolhesse os rendimentos da paróquia⁸, deveria ser trocado por outro.

Nas folhas 170 e 171 do Livro de Tombo nº1 consta que, no dia 21 de maio de 1900, o padre Manoel Firmino Pinheiro da vila de Mata Grande, resolveu em acordo com os proprietários os limites do patrimônio. Lavrado e reconhecido como legítimos todos os marcos, cuja área mede um quarto de largura em um quadro no terreno. A demarcação das terras do patrimônio é vulnerável, as modificações do tempo e as referências usadas são sensíveis à deterioração, as medidas usadas naquela época não são mais usadas nas demarcações. A paróquia possui um sistema para receber uma taxa pela ocupação das suas terras, na qual é cobrada de acordo com as medidas do terreno. Porém esse sistema é falho, pois as pessoas nem sempre pagam. Cabe ressaltar que os doadores das terras expressaram no documento de doação que consta na (Figura 4) o desejo de que as pessoas ocupantes das terras fizessem uma contribuição para a Igreja.

⁸ Cân. 515 — § 1. A paróquia é uma certa comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, cuja cura pastoral, sob a autoridade do Bispo diocesano, está confiada ao pároco, como a seu pastor próprio. (CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, 1983, p. 95).

Figura 4: Termo da demarcação dos limites das terras do Patrimônio da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Acervo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição (2019).

Os bens imóveis pertencentes à paróquia de Nossa Senhora da Conceição, conforme escrito no Livro de Tombo nº1 na folha 151-B em 04 de maio de 1919, descreve que o patrimônio estava constituído em 29 marcos: Partindo da cachoeirinha até a Cajazeira, dali até a cancela dos Tócos, destes dividindo-se com as terras da pipa até Joaquim Ruiz dos Santos seguindo pelo agreste até Antônio Leitão e dali ao primeiro ponto – Cachoeirinha. Nessa época, a Paróquia possuía outros imóveis, o Presbitério, a construção de tijolos na Rua de Lima, a casa em construção de tijolos destinada à escola paroquial, na mesma rua, a casa de tijolo e taipa na Rua da Cruz, casebre de taipa e cercado no Mandacaru. Esses bens, entre outros, foram encontrados no inventário do padre Sebastião Veridiano do Espírito Santo Lessa que ocupou, em 30 de janeiro de 1919, o cargo de vigário encomendado da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Paulo Afonso.

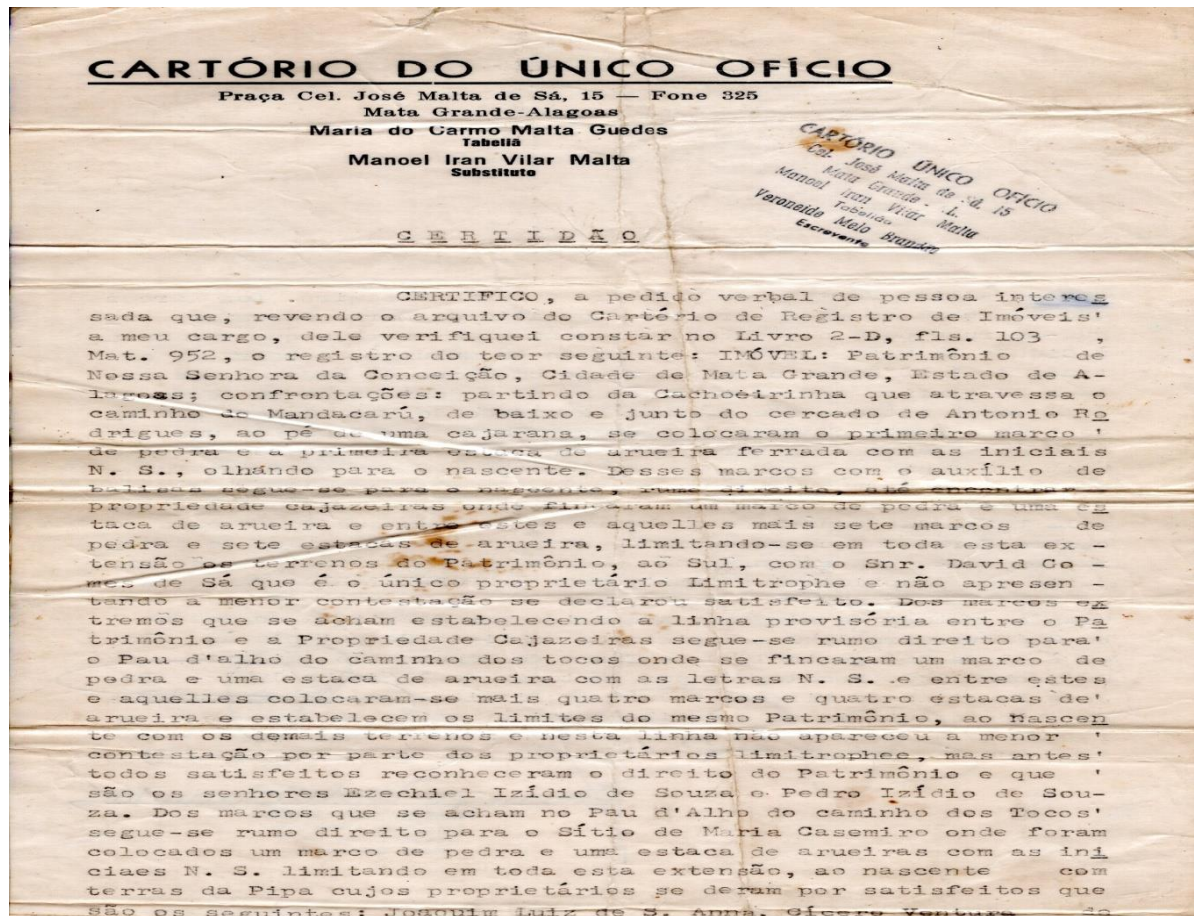
No dia 14 de agosto de 1939, segundo o Livro de Tombo nº2 (1939, p. 3-B), o padre Dumouriez constatou que os arquivos da paróquia estavam incompletos, o livro número nove foi roubado na época em que o padre Manoel Firmino Pinheiro estava na paróquia. Em 1900,

o referido padre entrou em acordo com os proprietários de terrenos que faziam limites com as terras do patrimônio. Esse fato poderia ter sido a motivação do sumiço do livro, geralmente nos livros paroquiais constavam diversos registros, entre os mais comuns, casamentos, batizados, óbitos e crisma. Ao assumir a paróquia de Mata Grande, o padre Dumouriez Monteiro do Amaral ficou indignado, pois verificou que havia tido um descuido com os arquivos paroquiais, além de não encontrar a certidão de demarcação das terras, faltava o livro número nove com importantes documentos.

O padre Dumouriez Monteiro do Amaral registrou no Livro de Tombo nº2 na folha 05-B e 06-A, nos dias 14 e 16 de fevereiro de 1940, a vontade de regularizar os negócios do patrimônio e buscou certificar o valor jurídico do termo de demarcação amigável. Como o termo de demarcação não estava homologado em cartório e não sendo possível fazer o termo a não ser como amigável, pois não foi assinado pela maioria dos habitantes, cujas terras faziam limites com as terras da paróquia. Sendo assim, o pároco Dumouriez teve que aceitar o registro com o termo amigável, sem esse termo o documento não tinha valor jurídico e a igreja corria a risco de perder as terras por não possuir documento comprobatório. O padre Dumouriez, procurando documentos que pudessem garantir a Matriz um bem de tanto valor, soube que o senhor José Malta de Sá possuía uma escritura autêntica do patrimônio, como era proprietário de terras vizinhas às da paróquia, cedeu à Igreja uma cópia da escritura.

De acordo com a certidão de registro do imóvel, que está ilustrado na (Figura 5) foi transferido para o livro 2-D, fls.103, mat.952, em 02 de dezembro de 1981, consta-se as terras pertencentes ao patrimônio de Nossa Senhora da Conceição na cidade de Mata Grande. Adquirido por escritura de doação em 22 de fevereiro de 1940, o termo de demarcação amigável de 08/junho/1940, homologado por sentença de 31 de julho de 1941 registrado no livro competente as fls.90 a 91 de 06/agosto/1940. Os limites do patrimônio foram demarcados por marcos de pedras e estacas de aroeira grafadas com as iniciais N.S. Com o auxílio de balizas, seguiam marcando toda a extensão das terras, portanto, os proprietários que faziam limites com as terras reconheceram o direito do patrimônio.

Figura 5: Certidão do registro das terras do Patrimônio



Fonte: Acervo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição (2019).

A respeito da demarcação de terras, pode-se compreender que:

Partindo da Cachoeirinha atravessa o caminho do mandacaru de baixo, e junto ao cercado de Antonio Rodrigues ao pé de uma cajarana, se coloca o primeiro marco, segue a nascente até a propriedade Cajazeiras, finca outro marco e mais outros setes, limitando toda está extensão. Ao Sul com David Gomes de Sá o único proprietário limite, estabelece uma linha provisória, entre o patrimônio e a propriedade Cajazeira, segue rumo direto, para o Pau d'alho do caminho dos tocos, estabeleceram os limites do patrimônio. Ao nascente, com demais terrenos limites, dos proprietários Ezechiél Izídio de Souza e Pedro Izídio de Sousa, do Pau d'alho do caminho dos tocos, segue para o sítio de Maria Casemiro. Ao nascente, com as terras da pipa no sítio de Maria Casemiro, segue rumo ao poente até a estrada, que vai para Mata Grande, do lado direito da estrada segue até a fonte do professor, seguindo para o poente pela baixa da Januária, e na estrada que desce para o Cumbre, foram colocados marcos de pedra e uma estaca de arueira. (CERTIDÃO DE REGISTRO, 1940).

Realizada a demarcação em 1900, cem anos depois da doação das terras ao Patrimônio de Nossa Senhora da Conceição, feita por Francisco Gonçalves Teixeira e Luiza Maria em 1791, verifica-se que na documentação da doação consta apenas a quantidade das terras, mas não informa os seus limites. Essa indefinição causava constantes confusões referentes aos

limites em que situavam as terras do patrimônio; durante cem anos as terras foram sendo ocupadas sem um limite determinado. O visitador também exigia essa demarcação para evitar mais conflitos, finalmente o padre Manoel Firmino Pinheiro demarcou os limites de acordo com a extensão de um quarto de légua de terras em quadrado descrito na escritura. Em 1940, a certidão das terras do Patrimônio foi registrada no cartório de Mata Grande para não restar dúvidas sobre os seus limites e a legitimidade da doação.

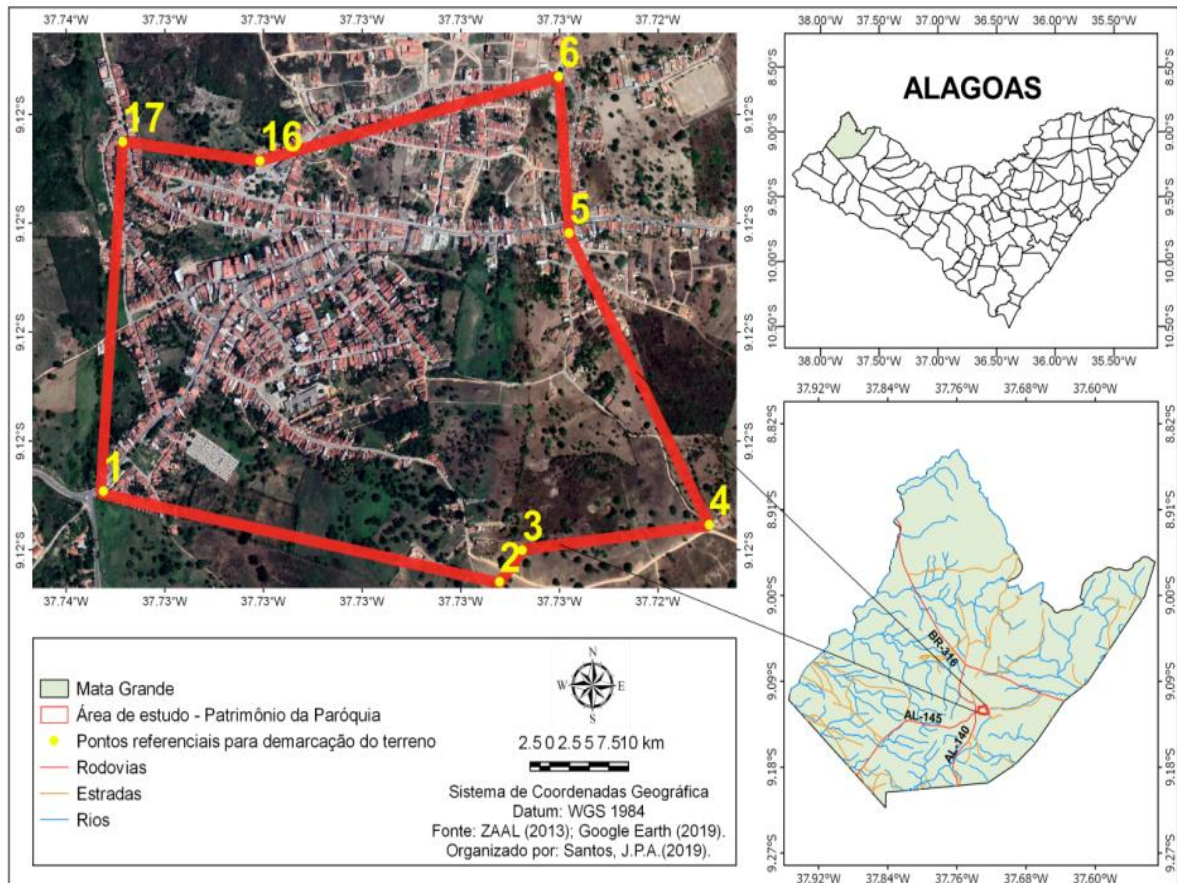
Depois desse registro, a paróquia não fez mais nenhuma atualização dos limites das terras do patrimônio, deste modo, a paróquia não tem o controle das terras e a doação é praticamente simbólica. Na medida em que a cidade vai crescendo e a população passa a ocupar os terrenos que ficam dentro e fora dos limites do patrimônio, quando é necessário regularizar os terrenos, a população se dirige até a paróquia e o cartório.

Em 2005, o município de Mata Grande aderiu ao Programa Moradia Legal I, que regularizou várias propriedades, para as pessoas de baixa renda que receberam o documento sem pagar nada pelo serviço. Esses terrenos ficavam fora dos limites do patrimônio, para fazer a comprovação desses limites, foi realizado um levantamento topográfico e fotográfico e assim ser representado no mapa. Esse programa era uma parceria com o Tribunal de Justiça de Alagoas, a Prefeitura Municipal, (ANOREG) Associação dos Notários e Registradores de Estado e a Corregedoria Geral de Justiça, que produziram o mapa da área que não faz parte das terras do patrimônio. Com essas informações, elaborou-se a documentação dos proprietários que moram nas terras que não fazem parte do patrimônio, sendo registrados no cartório de Iran Malta, na cidade de Mata Grande.

A partir do levantamento topográfico de 2005, fez-se uma atualização dos marcos que foram realizados na época da demarcação, em 1900. Através dessas informações, também foi possível fazer o mapa das terras do patrimônio da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, tal mapeamento permite uma noção da área ocupada. O Mapa do Patrimônio da paróquia de Mata Grande-AL, mostra que o primeiro ponto tem como referência a ponte do Mandacaru (bairro localizado na entrada da cidade), depois segue à direita em direção sul onde está localizada a Vila da Cohab do Mandacaru. Seguindo para o segundo ponto localizado no sítio Cajazeira; indo em direção ao leste, encontra-se o terceiro ponto que faz limite com Manoel Barbosa Silva; continuando na direção leste, encontra-se o quarto ponto o Pau D'elho Velho. Rumo em direção ao norte, o quinto ponto está localizado no Bonsucesso seguindo para a praça do Colosso, no qual se localiza o sexto ponto e, indo para o oeste, na rua Dr. Dumouriez Monteiro do Amaral são demarcados dez pontos. (REGISTRO DE DEMARCAÇÃO, 2005).

Conforme podemos observar na (Figura 6) o Mapa do Patrimônio da paróquia de Mata Grande-AL:

Figura 6: Mapa do Patrimônio da paróquia de Mata Grande-AL



Fonte: ZAAL (2013)

Elaboração Cartográfica: SANTOS, J. P.A (2019).

Ainda pode ser observado que o mapa a que se refere à figura 6, as ruas do ponto dezesseis não estão especificadas, assim segue para o ponto dezessete com a referência do depósito de gás do Ginaldo; novamente não se usa as ruas como referência; indo em linha vertical para o sul encontra o ponto inicial a ponte do Mandacaru. A Rua da Matriz está localizada dentro da área do patrimônio, mesmo assim, tanto nessa rua como em outras, existem algumas residências que não fazem mais parte do patrimônio, pois há pessoas que buscaram a isenção do patrimônio fazendo a declaração nos órgãos municipais como se os terrenos fossem públicos. Conforme o mapeamento de 2005, o patrimônio de Nossa Senhora da Conceição possui atualmente uma área de 103.320,9 Hectares (ha), ou 341.556,7 Tarefas de terras, todas as ruas que estão dentro dessa extensão são do patrimônio.

3.5 Os bens patrimoniais da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição

Para abrigar os padres na paróquia em Mata Grande no ano de 1913, começou a ser construída a casa paroquial. Segundo o Registro Paroquial (2010, p. 11), o padre Francisco Xavier de Macedo foi o responsável pela construção que, ao longo do tempo, a casa passou por algumas reformas. O salão paroquial foi construído entre os anos de 1937 a 1946 pelo padre Dumouriez Monteiro do Amaral para o uso da comunidade católica e da sociedade matagrandense. A secretaria é o local destinado a guardar os livros de registros de batismos, casamentos e outros documentos de interesse da paróquia, o responsável pela edificação foi o Padre Aloysio Vianna Martins (natural de Mata Grande) nasceu 22 de outubro de 1917, foi ordenado padre na sua terra natal em 1941 e realizou sua primeira missa no dia 14 de dezembro de 1941.

Em 1947, assumiu a paróquia de Nossa Senhora da Conceição até 2001, faleceu em 16 de março de 2004 e recebeu o título de Monsenhor em reconhecimento aos trabalhos prestados à paróquia; também em sua homenagem uma escola da cidade foi contemplada com o seu nome. Foi durante o exercício do ministério do Padre Aloysio Vianna Martins que ocorreram as reformas na Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Desta maneira, o projeto era reformar e ampliar a Igreja para se tornar uma Matriz. Segundo o Registro Paroquial (2010, p. 15), a obra começou em 1956 e durou cerca de trinta anos, sendo finalizada em 1986. Atualmente, o imóvel preserva a mesma arquitetura interna e externa, contudo, para a melhoria da estrutura, em alguns momentos são realizadas pequenas reformas.

Outro bem patrimonial da paróquia é o Centro Paroquial, sendo construído em 11 de novembro de 2008, pelo Cônego Washington Luiz Bezerra, que comprou o terreno em nome da paróquia – o Cônego foi transferido para a paróquia de Pariconha-AL em 2011. Segundo o Livro de Tombo nº2 (2011, p.149), o padre Gilberto Pereira de Amorim assumiu a paróquia de Mata Grande no dia 2 de março de 2011, dando prosseguimento à construção do Centro Paroquial. A obra foi finalizada e no dia 21 de dezembro de 2014 recebeu a bênção do bispo Dom Dulcênio Fontes de Matos. O local é usado pelos paroquianos nas diversas atividades, reuniões, eventos, formação, outras reformas realizadas na Igreja Matriz ajudam a manter e a conservar, esse templo religioso símbolo da fé dos católicos matagrandenses.

O Livro de Tombo nº2 na folha 155-A relata a situação que se encontrava a casa paroquial. O Padre Gilberto Pereira de Amorim, no dia 19 de setembro de 2011, inicia a reforma da casa paroquial com os recursos da paróquia adquiridos com a doação dos paroquianos. As reformas ocorreram no interior do domicílio e preservaram a arquitetura

original, ao conservar a fachada com os seus elementos tradicionais. Os bens que atualmente a paróquia de Mata Grande possui são a casa paroquial, a secretaria da paróquia, o centro paroquial, o salão paroquial, a igreja Matriz com seus móveis e objetos sagrados.

Segundo o Registro Paroquial (2010, p. 18), o território paroquial matagrandense é administrado pelo padre que é designado pela diocese para atender a mais de 34 capelas existentes nas comunidades, como também a capela de Nossa Senhora do Rosário e a capela de São João Batista, na sede paroquial. Desde a sua criação, a paróquia recebeu 32 padres que prestaram serviços cristão e social à comunidade, de modo a empenhar-se na edificação e manutenção do templo religioso. Mata Grande é uma cidade vocacional foram ordenados nove sacerdotes, quanto ao número de freiras não se tem a quantidade exata. O Monsenhor Aloysio Vianna Martins foi o único que nasceu na cidade de Mata Grande e exerceu seu ministério por mais tempo na paróquia cinquenta e quatro anos.

A (Figura 7) ilustra o convite da festa de Nossa Senhora da Conceição que é uma tradição da cidade de Mata Grande-AL.

Figura 7: Hino da Padroeira Nossa Senhora da Conceição

HINO DA PADROEIRA

I

FOI A VIRGEM DO CÉU,
FOI NOSSA SENHORA
QUE ESCOLHEU ESTE CHÃO
E QUIS NELE HABITAR,
NO ALTAR ONDE VIVES,
NO ALTAR ONDE MORAS,
ÉS DOS FILHOS DA TERRA,
VENTURA SEM PAR.

II

DESTES VALES E SERRAS
E VERDES CAMPINAS,
SOBE AOS CÉUS, VIRGEM MÃE
O AMOR DOS FILHOS TEUS,
TEU OLHAR DE TERNURA,
A NÓS TODOS ENSINA
A VIVER COMO IRMÃOS
COMO FILHOS DE DEUS.

Refrão

EIA SUS MATA GRANDE,
EIA SUS GLORIOSA,
REVIVENDO FELIZ
TEU ANTIGO ESPLENDOR,
SOB O MANTO REAL
DESTA VIRGEM FORMOSA,
HOJE CANTA COM FÉ
O TEU HINO DE AMOR.

III

GUARDA A TODOS DO MAL
Ó VIRGEM MARIA,
MÃE DO CÉU, PROTEGIDA
DA CULPA PRIMEIRA,
ÉS A NOSSA ESPERANÇA,
VEM SER NOSSA GUIA
E ABENÇO A TEU POVO
OH! EXCELSA PADROEIRA.

Diocese de Palmeira dos Índios - Alagoas
Paróquia de Nossa Senhora da Conceição
Praça Coronel José Malta de Sá, S/N
Centro - Mata Grande - AL
CEP: 57540-000 Fone: (82) 3642-1442

Festa de Nossa Senhora da Conceição
De 22 de dezembro de 2018 a 01 de Janeiro de 2019

Tema "A minha alma glorifica o Senhor"

Lucas 1,46

Letra e música - Mons. Rosevaldo Caldeiras de Souza.
Fonte: Acervo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição (2019).

A paisagem da cidade inspirou a escrita do hino da padroeira: o autor descreve a sua territorialidade religiosa ao mencionar que a padroeira tinha escolhido esse lugar para habitar. Também faz referência ao seu espaço físico quando ressalta que o relevo de Mata Grande possui vales e serras e o seu clima propício à chuva faz a vegetação ser de verdes campinas. A paisagem natural que era tomada pela vegetação com o tempo foi modificada pela paisagem cultural, feita de concreto, foi construída conforme a tradição da comunidade.

A religião teve um papel importante no surgimento da cidade. O sagrado é tido como algo divino que diferencia o espaço por meio da celebração do culto religioso. A distribuição das imagens dentro da Igreja, os sentimentos de fé e a preservação das tradições estão presentes na vida urbana da cidade.

3.6 A instrução religiosa na freguesia de Mata Grande

Na freguesia de Mata Grande, em 01 de julho de 1914, a escola paroquial do Sagrado Coração foi fundada pelo padre Francisco Xavier de Macedo e funcionava em casa alugada, tendo como professor Antônio Gonçalves do Nascimento. De acordo com o Livro de Tombo nº1 da paróquia, nas folhas 110 e 111 no dia 28 de fevereiro de 1915, foi lançada a primeira pedra para a construção de uma escola para a educação dos matagrandenses. Em março de 1915, foram ofertadas aulas de música nessa época foi formada uma banda marcial intitulada de Santa Cecília. A instrução dada na escola era para crianças desvalidas, mas em razão do método de ensino usado, noventa meninos de todas as classes sociais passaram a frequentar a escola.

O ensino era gratuito e, devido aos bons resultados, o padre Francisco Xavier teve a iniciativa de construir uma escola que ofertasse aulas primárias, secundárias e um teatro. Era obrigação dos poderes públicos auxiliar no progresso material e moral da população, assim, o município doou instrumentos musicais ao patrimônio de Nossa Senhora da Conceição, para a formação da banda marcial. O Livro de Tombo também relata que todos os noventa alunos matriculados eram assíduos na frequência das aulas. A edificação da escola e do teatro infantil era tida pelo padre como uma forma eloquente do espírito religioso e progressista dos seus paroquianos.

Na folha 193-B do Livro de Tombo nº1, o prefeito do município de Mata Grande, na época, pediu ao patrimônio a dispensa dos pagamentos de um terreno destinado à construção da escola estadual em 23 de abril de 1934. Em 1940, foi construída a escola estadual Demócrito Gracindo, que ofertou o ensino primário para a população matagrandense

localizada próximo ao local onde foi construída a primeira capela de Nossa Senhora da Conceição. Por certo período não apareceu mais o registro do funcionamento da Escola Paroquial do Sagrado Coração no relatório paroquial de Mata Grande, mas em 1944, é identificado o funcionamento de dez escolas, nesse período, o padre Dumouriez Monteiro do Amaral estava no comando dos trabalhos da Igreja.

Nos anos seguintes, no relatório da paróquia de Mata Grande, aparecem anotações com o registro da quantidade de escolas, o número de alunos e os professores que ensinavam como também os que não ensinavam catequese. Na folha 58-B do Livro de Tombo nº2, o relatório anual consta no registro que não há nenhuma escola em 1949. O relato do padre Aloysio Viana Martins, no dia 28 de fevereiro de 1952 na folha 73-A do Livro de Tombo nº2, cita que a escola paroquial fundada em 1915, pelo padre Francisco Xavier de Macedo, passou alguns anos inativa. De acordo com os relatórios anuais da paróquia, foram constatados que aumentou o número de escolas para quarenta e dois, no entanto, a escola paroquial que foi a pioneira fechou por um tempo, porém foi reaberta no ano de 1960; por conseguinte, não aparece nos relatórios e também nenhuma justificativa foi encontrada.

De acordo com o Livro de Tombo nº1 folha 104-A da paróquia de Nossa Senhora da Conceição, percebeu-se a necessidade da comunidade em possuir uma escola que pudesse ensinar as crianças desvalidas a ler e a escrever. O padre Francisco Xavier de Macedo teve a iniciativa de alugar uma casa e criar uma escola em 01 de julho de 1914; a iniciativa teve um grande êxito dentro da comunidade, pois em pouco tempo aumentou o número de alunos estudando na escola. No ano seguinte, em 1915, foi iniciada a construção da escola para dar continuidade aos estudos desses alunos, cujo ensino gratuito oferecido pela escola seria de aulas primárias e secundárias. O poder público tinha a tarefa de ajudar com os materiais, a relação da Igreja com o Estado sempre foi de cooperação e isso não foi diferente dentro do território religioso matagrاندense. O relatório (Figura 8) que revela a quantidade de escolas na paróquia de Nossa Senhora da Conceição, a igreja proporcionava a comunidade matagrاندense, além da instrução catequética tinham a oportunidade de aprender a ler e escrever.

Figura 8: Relatório da Paróquia de Mata Grande no ano de 1954

Relatório da Paróquia de Mata Grande no ano de 1954			
Sacramentos	Diversos	Associações Religiosas	Obras Católicas
Batizados	Catecismo	Apostolado da Oração	Obras das Vocações
Sexo masculino - 879	Centros - 2	Trabaladoras - 22	Centros - 1
Sexo feminino - 849	aulas por semana - 5	Entraram este ano - 1	Trabaladoras - 22
Filhos ilegítimos - 195	Catequistas - 8	Reuniões - 12	Celíbros sab. sac. - sim
Adultos - 3	Alunos - 120	Média de com. mensais - 400	Média com. n. t. dia - 50
Total - 1728	Alunos - 195	Associados - 240	
	Total - 315	Média de com. 1ª sexta tentativas - 150	Prop. da Fé
			Centros - 1
Comunhões	Escolas	Congregação Mariana	Trabaladoras - 22
Na Matriz - 8 215	Quantas há - 42	Sócios - 30	Fes a festa Missões - Não
Nas Capelas - 1 234	Quantos professores - 42	Entraram este ano - 5	
De homens - 1 295		Reuniões - 12	
De mulheres - 8 753		Média de com. mensais - 15	
1ª Comunhões - 150			Coletas
Total - 10 046			Obras Vocações - 68 2.000,00
			Prop. Fé - " 500,00
Enfermos	Escolas Paroquiais	P. U. Filhas Maria	Obras Bicas - " 125,00
Confissões - 106	Quantas - 1	Sócios - 50	Missões África - " 30,00
Visiticos - 95		Entraram este ano - 15	Langues Santos - " 30,00
Unções - 100		Reuniões - 12	Obulo S. Pedro - " 100,00
		Média com. mensais - 30	Iga. Oriental - " 30,00
Cepsemenes			Boa Imprensa - " 35,00
Na Matriz - 458			Missões - " 100,00
Nas Capelas - 70			Colégio Brasil - " 80,00
Em or. part. - 54			Total - " 3.030,00
Batizados - -			
In articulo mortis - -			
Total - 2 58			
		Cruzada Eucarística	
		Sócios - 15	
		Entraram este ano - -	
		Média com. mensais - 55	
		Reuniões - 24	

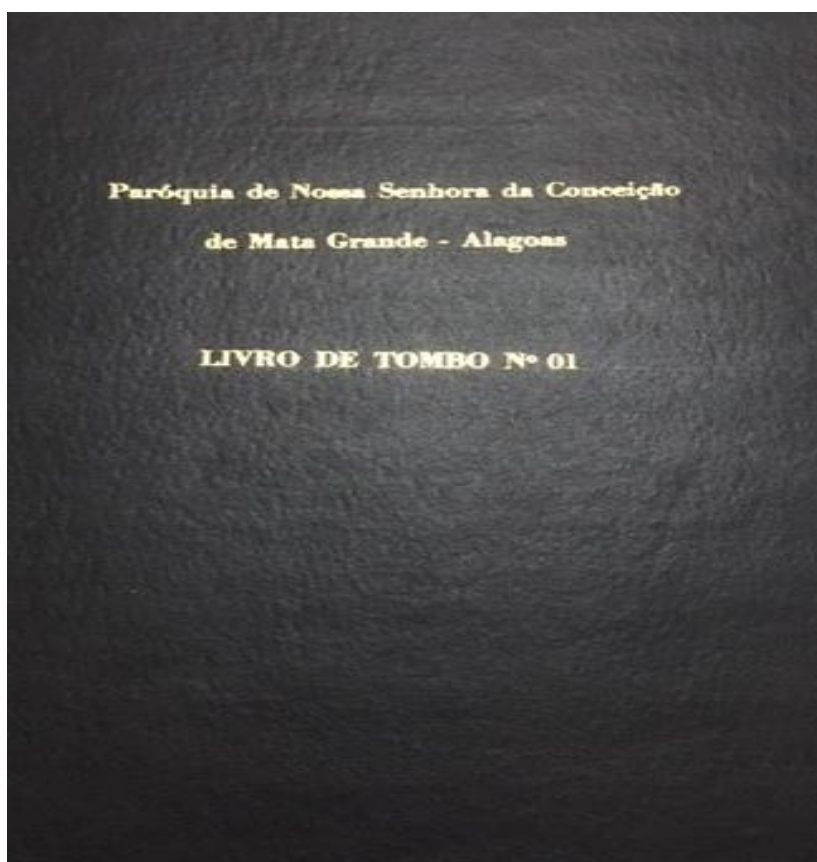
Fonte: Acervo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição (2019).

A iniciativa de construir uma escola em Mata Grande foi da Igreja Católica que, com a sua influência, conseguiu a cooperação de um aliado forte: era o Estado que doava os materiais necessários para a escola funcionar. A Igreja via que os seus devotos necessitavam de instrução tanto religiosa quanto social, isso ocorreu em um período que a educação no interior não era uma prioridade para o Estado. No entanto, em pouco tempo aumentou o número de alunos na escola fundada pela Igreja e, depois de vinte anos de existência, o Estado pede à Igreja que doe um terreno para a construção de uma Escola Estadual. Esse terreno é vizinho à primeira capela construída em homenagem a Nossa Senhora da Conceição; após cinco anos da construção da Escola Estadual, ocorreu a desativação da Escola Paroquial. Seus dados não constam nos relatórios da paróquia, somente em 1952 foi reaberta para a instrução religiosa, porém o município já contava com escolas. Diante desse fato, é percebido que a Igreja exercia práticas religiosas e sociais consolidando a sua territorialidade.

3.7 Registros das vivências na freguesia de Mata Grande-AL

Fatos citados no Livro de Tombo nº 1 na folha 154-A relatam que, em 09 de fevereiro de 1919, uma situação confirma a presença de freis na freguesia de Mata Grande, devido a uma disputa pelo direito à propriedade de um cemitério, se ela pertencia à Igreja ou ao poder público. O cemitério de Mata Grande (na época Paulo Afonso) foi construído no início do século XIX, por um missionário capuchinho auxiliado pelos fiéis da Freguesia. Terminada a sua construção, foi entregue à Igreja, que o administrou até ser decretada a secularização dos cemitérios em todos os municípios no ano de 1870; depois dessa lei os cemitérios passaram a ser civis. Nunes (2010, p. 23) informa que “O Brasil se tornou uma República Federativa, as antigas províncias se transformaram em Estados. Neste período, ocorreu a separação do Estado e da igreja, a liberdade de cultos religiosos e a secularização dos cemitérios”. O livro de Tombo (Figura 9) é um documento importante em que estão registrados, os acontecimentos ocorridos na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição.

Figura 9: Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Acervo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição (2019).

A presença dos freis nesse território contribuiu por gerações nos trabalhos missionários, como consta em vários relatos dessa presença missionária, cujo registro está no Livro de Tombo nº1 da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, na folha 175-A. Também consta que, em 15 de fevereiro de 1923, o visitador diocesano frei Eduardo Herberhold junto a outros companheiros padres fizeram uma visita de sete dias à cidade de Paulo Afonso (Mata Grande). De acordo com o Livro de Tombo nº2 da paróquia Nossa Senhora da Conceição, a folha 03 cita que o frei Boaventura (guardião do convento de Penedo) realizou missão na paróquia em 24 de fevereiro de 1939. Outra visita pastoral realizada em sete de novembro de 1943, na cidade de Mata Grande, pelo Bispo, três freis e quatro padres engajados em realizar os trabalhos das santas missões; como consta no livro, a paróquia planejava brevemente ser reconstruída e graças ao empenho do padre Dumouriez os arquivos paroquiais estavam em ordem.

A folha 75-B no Livro de Tombo nº2 descreve, em setembro de 1955, a presença do frei Damião e do frei Fernando, esses missionários capuchinhos que vinham de Pernambuco para realizar as santas missões e, ao chegar à Mata Grande, eram recebidos pela comunidade e por vários dias pregaram a palavra de Deus, enfatizavam a conversão e a penitência. Outra visita é registrada na folha 92-B do Livro de Tombo nº2 sobre a presença desses freis que chegaram em 19 de janeiro de 1961, para realizar as santas missões em Mata Grande. As santas missões duraram uma semana e nos primeiros dias Frei Damião estava sozinho, quatro dias depois chegaram Frei Fernando, e os padres de Delmiro Gouveia e Água Branca para auxiliar nas confissões. Novamente Frei Damião retornou à cidade de Mata Grande em 03 de outubro de 1976, e mais uma vez a multidão ouvia atentamente suas pregações, como consta o registro do Livro de Tombo nº2 na folha 122.

Depois desse registro, Frei Damião retorna à Mata Grande na década de 90 para realizar as missões, portanto com a idade avançada cada vez mais ficava difícil para o frei realizar o seu ofício e, por conta de problemas de saúde, faleceu em 31 de maio de 1997. Na folha 140-B do Livro de Tombo nº 2 está registrada a realização da semana missionária na paróquia de Nossa Senhora da Conceição em Mata Grande, entre 15 e 22 de outubro de 2006, organizada pelos frades capuchinhos, padres, religiosos e leigos em geral. Nesse período, o cônego Washington Luiz Bezerra era o responsável pela paróquia, tais ações contribuem para o devoto exercer sua fé além das atividades cotidianas como missas, novenas, procissões, batizados, casamentos; assim, a participação do devoto fortalece as relações de convivência com o sagrado.

Durante a visita pastoral de 02 a 07 de março de 2010, na paróquia de Nossa Senhora da Conceição, o bispo diocesano Dom Dulcênio Fontes de Matos visitou escolas e comunidades. No relatório escrito no Livro de Tombo nº2 da paróquia folha 144 -B em 07 de março de 2010, o bispo relata com tristeza a constatação da desobediência do padre Sizino Lemos Teles Júnior em manter a romaria do Santuário Teresiano. A presença do sacerdote na cidade de Mata Grande e a construção do Santuário dedicado a Santa Terezinha desagradaram ao bispo Dom Dulcênio Fontes de Matos. Nessa época, o bispo chegou a pedir que os padres das paróquias da Diocese de Palmeira dos Índios, combatessem e também procurassem orientar os seus fiéis sobre o interesse do Padre Sizino (popularmente conhecido como Sizo) de arrecadar dinheiro das centenas de pessoas que visitam o Santuário Teresiano.

Dom Henrique Soares Costa, bispo auxiliar de Aracaju em 2010, foi escolhido para ser o mediador da situação em que se encontrava a diocese de Palmeira dos Índios. Recebeu a incumbência do santo padre, o Papa Bento XVI, de ouvir os dois divergentes: o bispo diocesano Dom Dulcênio Fontes de Matos e o padre Sizino Lemos Teles Júnior que tinha sido suspenso das ordens sagradas. Na tentativa de voltar à unidade eclesial do presbitério, um relatório foi enviado à santa Sé em Roma para decidir essa situação que já durava três anos, o registro dessas informações está na folha 155-A do Livro de Tombo nº2. Mesmo com a transferência do bispo em 2017 para Campina Grande-PB, a suspensão⁹ do padre Sizo continua e somente o novo bispo da diocese de Palmeira dos Índios, Dom Manoel de Oliveira Soares Filho, que tomou posse em 2019, poderá ter um posicionamento diante do caso.

Ao longo do tempo, Igreja Católica Apostólica Romana usou diversos espaços e aplicou seu poder no território, e para obter maior controle dividiu seu território entre suas hierarquias que são formadas pelo vaticano, dioceses e paróquias. O sacerdote é uma autoridade e, como líder espiritual da jurisdição, tem o controle do território religioso; é o responsável pela organização, manutenção da Igreja e arrecadação das ofertas e deve obediência aos seus superiores: aos bispos e ao Papa. Dentro dessas hierarquias surgem alguns conflitos dos líderes com o pároco e também com a comunidade. Rosendahl (1996, p. 73) diz que “a presença de conflito entre fé popular, que quer se expressar espontaneamente e a hierarquia eclesiástica que tenta submeter ao seu controle”. A decisão do padre Sizino de

⁹ Cân. 538 — § 1. O pároco perde o ofício por remoção ou transferência efetuada pelo Bispo diocesano nos termos do direito, por renúncia apresentada por causa justa pelo próprio pároco e, para ser válida, aceite pelo mesmo Bispo, e bem assim pelo decurso do prazo, se, de acordo com as prescrições do direito particular referido no cân. 522 tiver sido constituído por período determinado (CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, 1983, p. 100).

não aceitar a interferência diocesana no Santuário Teresiano causou um conflito e foi considerada uma desobediência.

A instituição religiosa também exerce o papel político e econômico dentro de seu território. A posse do território religioso desperta vários conflitos e diferentes interesses entre seus membros causam divisão, pois nem sempre estão de comum acordo. O Santuário Teresiano, ao relutar a proposta de ser comandada pela diocese de Palmeira dos Índios, tornou-se um templo que não está em obediência com seus superiores. A construção do templo religioso, mesmo sendo independente do controle eclesiástico, devido a sua localização, está fixado nas terras do patrimônio. O Santuário está em um terreno particular que pertence à família do padre Sizo, além disso, a constituição¹⁰ garante a propriedade às pessoas que compraram ou residem por mais de cinco anos em determinado local, caso não seja contestado durante esse período.

As construções religiosas a Matriz de Nossa Senhora da Conceição e o Santuário Teresiano em Mata Grande são frutos das doações financeiras dos devotos e o motivo para “levantar um edifício era um ato de oração, no qual os sentimentos e os sentidos das pessoas estavam profundamente comprometidos” (TUAN, 2012, p. 132). O indivíduo busca diversas formas para construir seu objeto de desejo e para conseguir causar uma mobilização, busca a contribuição da comunidade, cria uma atmosfera de solidariedade e o desejo não é mais de uma pessoa, mas de todos. Segundo Rosendahl (2013, p. 176), “os devotos sentem que o monumento religioso também o pertence e busca zelar para manter o patrimônio contribuindo financeiramente”. Mesmo que leve muito tempo para terminar a construção e tenha alto custo financeiro, a motivação faz persistir até o final da obra. Mesmo assim, os devotos continuam a contribuir para a manutenção do templo.

Diante do que foi proposto, a próxima seção pretende explicar sobre a territorialidade religiosa da cidade de Mata grande Alagoas, através de dois atores institucionais da vida cristã: a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e o Santuário de Santa Teresinha. Esses geossímbolos estão em um lugar de destaque visíveis a todos, usados como ponto de referência na orientação espiritual e na localização espacial dentro do território.

¹⁰ Art. 183. Aquele que possuir como sua área urbana de até duzentos e cinquenta metros quadrados, por cinco anos, ininterruptamente e sem oposição, utilizando-a para sua moradia ou de sua família, adquirir-lhe-á o domínio, desde que não seja proprietário de outro imóvel urbano ou rural. (BRASIL. Constituição, 1988).

4 TERRITORIALIDADE RELIGIOSA DA CIDADE DE MATA GRANDE-AL

É constante o fluxo de pessoas que visitam esses templos religiosos, principalmente o Santuário Teresiano, onde o sagrado e o profano dividem o mesmo espaço religioso. As festas religiosas de Nossa Senhora da Conceição e de Santa Teresinha possuem características distintas e em certo ponto semelhantes, pois formam a territorialidade religiosa através das ações de fé comandadas pelos seus líderes e praticada pelos devotos.

A Igreja Matriz de Nossa da Conceição e o Santuário Teresiano são geossímbolos que fortaleceram a territorialidade religiosa da cidade de Mata Grande, no alto sertão alagoano. Devido à devoção a essas divindades, esses templos constituíram-se geossímbolos que alteraram significativamente a paisagem do território paroquial. São as ações de fé ocorridas no passado com a construção da capela em devoção a Nossa Senhora da Conceição e atualmente a edificação do Santuário Teresiano que mudaram a imagem da cidade de Mata Grande. Na (Figura 10) mostra esse geossímbolo o Santuário Teresiano.

Figura 10: Santuário Teresiano em Mata Grande-AL



Fonte: Acervo pessoal de Lima (2019).

Essa cidade conquistou um lugar de destaque nas diversas esferas da sociedade alagoana, pois tem atraído muitos visitantes e criado novos hábitos que têm mudado o cotidiano dos seus moradores. O Santuário dedicado à Santa Teresinha é o motivo dessa mudança, cujo idealizador desse projeto de fé é o padre Sizino Lemos Teles Júnior. O monumento religioso que começou a ser erguido em 2003 no terreno vizinho da sua residência e vem sendo modificado no seu interior e exterior para melhor acolher os devotos.

Alvo de elogios e também de críticas, a obra tem grande poder de atração devido a sua arquitetura como também nas demonstrações de fé dos devotos. Durante todo o ano é constante o fluxo dos devotos que se deslocam das suas residências, seja de Alagoas ou de outros Estados, vem visitar o templo religioso; os devotos não medem esforços para participar das diversas festividades organizadas pelo padre Sizo.

O grande movimento de pessoas coloca o Santuário Teresiano em uma posição de destaque no cenário religioso, cultural e social. A existência de práticas religiosas é relevante, pois conserva a convivência diária e alimenta a vida espiritual das pessoas. O comércio também está presente dentro do templo religioso; consumidores em potencial, os fiéis, buscam colaborar com a construção e compram diversos produtos na loja oficial (Figura 11) localizada no interior do Santuário.

Figura 11: Loja do Santuário Teresiano



Fonte: Acervo pessoal de Lima (2019).

Os fenômenos religiosos e o comércio têm o poder de ordenar a cidade. Desta maneira, o mercado enxerga nas aglomerações oportunidades de lucro com a comercialização das mercadorias de uso devocional. Os vendedores comercializam próximo ao Santuário Teresiano, nesse sentido, essa aproximação deixa visível o sagrado dividindo espaço com o profano; a feira tem contribuído com a subsistência da comunidade local. Na feira, a comercialização de objetos de devoção é evidente; há também o comércio gastronômico, de confecções e utilitários. Barraca de objetos devocionais (Figura 12), como imagens, quadros, terços, cruzes, livros de orações, ofícios, bíblia etc., aliados às orações, são elos que ajudam a ligar a vida terrena com o sobrenatural.

Figura 12: Comércio informal de artigos religiosos na Festa de Santa Teresinha



Fonte: Acervo pessoal de Lima (2019).

O Santuário é um espaço físico que recebe os devotos que contemplam a imagem de sua devoção: Santa Teresinha. Sendo assim, é considerado um lugar especial de habitação da divindade e também expressa uma beleza arquitetônica. De acordo com o direito canônico da Igreja Católica, Cân. 1230 (1983, p. 212), “Pelo nome de santuário entende-se a igreja ou outro lugar sagrado onde os fiéis, por motivo de piedade, em grande número acorrem em

peregrinação, com a aprovação do Ordinário do lugar”. A Igreja Católica considera um lugar como Santuário quando recebe a bênção do bispo e a peregrinação de um grande número de fiéis. Foi o que aconteceu em 2016, no Ano da Misericórdia, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição em Mata Grande-AL recebeu a bênção do bispo e, por um ano, foi nomeada Santuário Mariano.

Por outro lado, mesmo recebendo um número expressivo de fiéis, o Santuário Teresiano não recebeu a aprovação do bispo e, de acordo com o que está escrito no direito canônico, a Igreja Católica considera como Santuário o lugar sagrado que recebeu a bênção do bispo diocesano. O idealizador do monumento religioso, o padre Sizo define o lugar como um Santuário particular. Assim, por não receber a aprovação diocesana, o Santuário não é Canônico, ou seja, não segue as normas da Igreja Católica. A situação de conflito ocorrido em 2009 que vem se prolongando há dez anos, ocasionou restrições e impediu o padre Sizo (Figura 13) de exercer seu ministério sacerdotal (realizar as Missas, batizados, casamentos) e, com isso, sua função se restringiu aos trabalhos realizados no Santuário Teresiano.

Figura 13: Os devotos Teresianos em visita ao Santuário recebem a bênção do padre Sizo



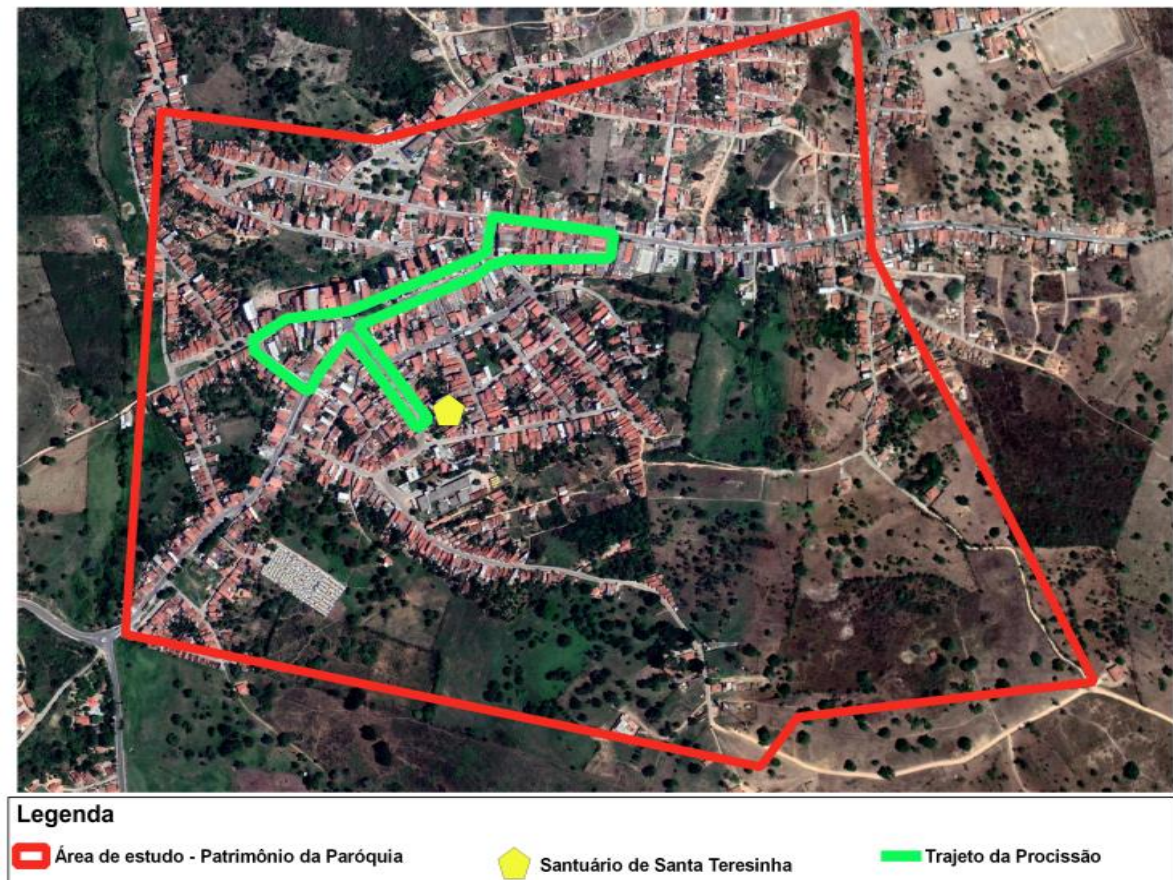
Fonte: Acervo pessoal de Lima (2019).

A comunidade de Mata Grande, em Alagoas, surgiu com o fenômeno religioso: a construção da capela de Nossa Senhora da Conceição; mas outro fenômeno religioso que mantém ativa a economia da região e o fluxo de devotos que frequentam semanalmente a cidade é a construção do Santuário Teresiano. Diante dessa realidade, é visível que, ao longo do tempo, a territorialidade religiosa tem sido modificada.

O ordenamento da cidade de Mata Grande é mudado durante as festividades religiosas por conta da procissão que é considerada uma caminhada de fé. Portanto, os devotos exibem, por meio de passos concretos, suas convicções e trilham um determinado percurso junto ao santo de sua devoção. Esse ato requer um planejamento. O padre escolhe o percurso e as ruas por onde a procissão vai passar devem estar organizadas, para que a procissão, ao passar pelas ruas, tenha o espaço livre e as pessoas consigam conduzir o andor com tranquilidade. A passagem do andor com o santo protetor não é somente um ato religioso, mas é uma forma da religião demarcar sua territorialidade diante de toda a cidade e das pessoas presentes. O poder imagético é vivido nesses espaços de celebrações. Sendo assim, as festividades religiosas promovem a religião que se apodera de determinado território.

O percurso percorrido pelos devotos durante a procissão do Santuário Teresiano é mais curto, comparado ao percurso realizado durante o cortejo de Nossa Senhora da Conceição. Os devotos saem do Santuário carregando o andor com o santo protetor, durante o percurso as diversas barracas da feira disputam espaço com o aglomerado de pessoas que estão acompanhando a procissão. O mapa do trajeto da procissão na festa de Santa Teresinha em 2019 (Figura 14). Esse cortejo percorre algumas das ruas de Mata Grande, fica restrito apenas às principais ruas localizadas mais ao centro da cidade, vai de uma extremidade na rua Cinco de Julho até a outra, na rua Cônego Gonzaga e depois retorna ao Santuário.

Figura 14: Mapa do trajeto da procissão na festa de Santa Teresinha (2019)



Fonte: GOOGLE (2019)

Elaboração Cartográfica: SANTOS, J. P.A. (2019).

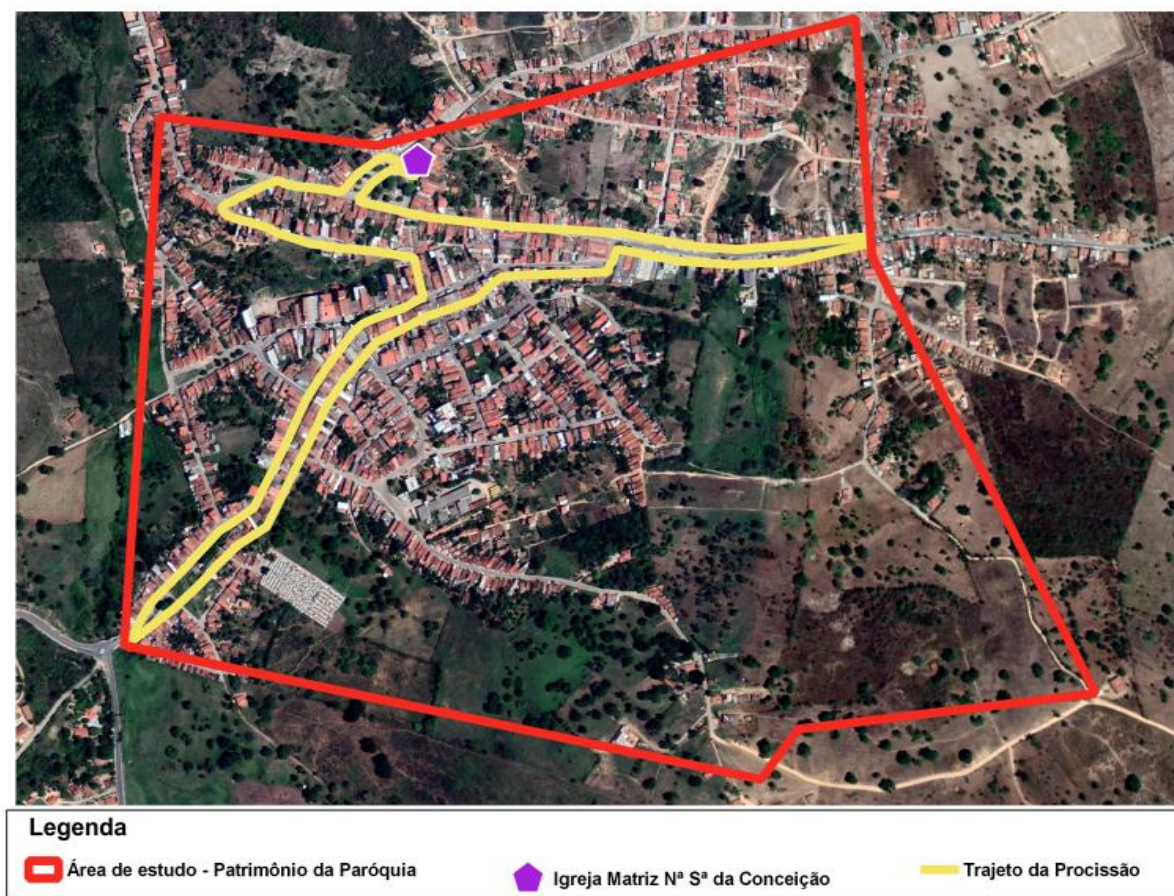
O aglomerado de devotos que saem às ruas todos os anos exclusivamente para acompanhar a procissão vivencia um ato de fé e devoção, que se caracteriza também como um momento de reafirmar suas raízes e perpetuar as tradições dos seus antepassados. Também nesse momento, os devotos expressam a sua identidade religiosa ao mesmo tempo em que demarca o território. Portanto, a territorialidade religiosa da cidade de Mata Grande pode ser percebida nessas festividades e em seus geossímbolos que são as Igrejas, as Imagens, o Santuário que todos os dias estão visíveis a todos.

O território surge, na tradicional Geografia política, como o espaço concreto em si (com seus atributos naturais e socialmente construídos), que é apropriado, ocupado por um grupo social. A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sociocultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico, “paisagem”). (SOUSA, 2011, p. 84).

No mapa do trajeto da procissão na festa de Nossa Senhora da Conceição em 2018 (Figura 15) é possível observar que o trajeto percorrido pelos devotos durante a procissão de

Nossa Senhora da Conceição é o mais longo. Pois, percorre as principais ruas da cidade de Mata Grande-AL, vai de uma extremidade a outra, ou seja, da ponte do Mandacaru até a rua do Bonsucesso e depois retorna para a Igreja Matriz. Durante o cortejo, o santo de devoção é carregado pelos devotos em um pomposo andor. No momento que a procissão está passando, os devotos se apropriam de todo esse território religioso. As pessoas que não acompanham o cortejo se situam pelas ruas do centro da cidade à espera do andor passar para admirar e expressar a sua fé.

Figura 15: Mapa do trajeto da procissão na festa de Nossa Senhora da Conceição (2018)



Fonte: GOOGLE (2019)

Elaboração Cartográfica: SANTOS, J.P.A (2019).

A religião Católica promove festejos em honra aos santos e o espaço onde são realizadas essas atividades configura-se em um território religioso. A Igreja Católica junto com seus fiéis são os responsáveis por disseminar essa cultura das procissões que percorre um determinado trajeto e por onde passa atrai olhares. Essa representação é capaz de atrair uma enorme multidão que segue o andor com a imagem do santo protetor e que, ao passar, os olhares são levados a se fixar naquela imagem. É típico da identidade do católico praticante

cumprir alguns preceitos como, por exemplo, guardar os dias santos, visitar o templo religioso e praticar os rituais devocionais.

Os santos são representações fundamentais do catolicismo popular, como seres pessoais e espirituais dotados de poderes sobrenaturais. Estando no céu, podem intervir junto a Deus em favor dos homens, graças aos méritos que adquiriram durante sua vida. Os santos, apesar de estarem no céu, se fazem presentes na terra por meio de sua imagem. É a imagem o objeto de culto e, de algum modo, o santo se identifica com a sua imagem. Desta forma, torna-se possível o contato direto entre o fiel e o santo. Os santos estão ao alcance de qualquer fiel sem a intervenção de especialistas eclesiais. (ROSENDAHL, 1996, p. 72).

Na (Figura 16) podemos observar os devotos no Santuário de Santa Terezinha em Mata Grande-AL. O devoto toca na imagem de Santa Teresinha busca através da sua oração o contato direto com a Santa.

Figura 16: Devotos no Santuário de Santa Terezinha.



Fonte: Acervo pessoal de Lima (2019).

A territorialidade religiosa é formada por ações diárias e pela interação do homem com o espaço. Os templos religiosos são lugares de refúgio, são suporte espiritual para as pessoas sedentas por algo que preencha seu íntimo. É na devoção à imagem do santo que o devoto tem essa identificação, pois desperta sentimentos que trazem alívio diante das aflições,

os sentidos também fazem perceber a estética do lugar e o ambiente ao seu redor. Concordando com Tuan (2012, p. 198), “a paisagem serve como pano de fundo para as atividades humanas”, isto é, a beleza do lugar atrai os olhares, é um convite à contemplação. A exuberância arquitetônica do Santuário e as inúmeras imagens religiosas expostas propõem aos devotos se dedicarem à oração, a exemplo do santo de devoção.

4.1 Festa de Santa Teresinha em Mata Grande-AL

As festividades do Santuário Teresiano ocorrem no início do mês de janeiro com o aniversário do Padre Sizo. Para homenagear o aniversariante os devotos vêm de vários estados: Alagoas, Bahia, Pernambuco, Sergipe, São Paulo, os devotos frequentam esse evento para prestar culto ao santo protetor. A principal festa promovida pelo Santuário que atrai inúmeros devotos acontece no mês de outubro com a homenagem à Santa Terezinha do Menino Jesus. Os devotos que não podem comparecer todos os anos à festa religiosa guardam na memória os momentos de espiritualidade vividos no Santuário matagrاندense.

Mello (2008, p. 182) menciona que “as camadas populares cultivam símbolos que lhes são transmitidos, mas elegem ou propalam a memória simbólica dos lugares”. Cada pessoa que frequenta o lugar carrega vários sentimentos à paz, acolhida, alegria e também agradecem por uma graça alcançada. Frequentar o templo religioso é um testemunho de fé nas práticas religiosas.

Rosendahl (1996) corrobora com a ideia ao afirmar que:

As duas práticas religiosas de origem ibérica, as romarias ou peregrinações e as promessas, tem como fatores fundamentais o espaço e o tempo em que elas ocorrem: o tempo sagrado e o espaço sagrado nos santuários brasileiros. As festividades religiosas marcam, ainda hoje, o tempo sagrado nas cidades santuário. Cada cidade possui seu calendário religioso, com as festas dos padroeiros locais. O culto popular nestes locais assume importância muito maior que as do ciclo litúrgico oficial. Se o tempo é assinalado pelas festas, a percepção do espaço tem no santuário o seu parâmetro sagrado: é para lá que se dirigem os romeiros. (ROSENDAHL, 1996, p. 72).

Nesse viés, observemos a (Figura 17) a pagadora de promessa na festa do Santuário de Santa Teresinha:

Figura 17: Pagadora de Promessa

Fonte: Acervo pessoal de Lima (2019).

Os devotos que frequentam o Santuário Teresiano são seguidores assíduos do padre Sizo, acompanham pelo rádio o programa comandado pelo padre, escrevem cartas relatando seus testemunhos, aguardam ansiosas as leituras das suas cartas, também fazem a colaboração financeira para a construção do Santuário. O programa chamado a Hora da Graça na rádio Delmiro aos domingos a noite não só tem o momento oracional, mas também propaga o calendário festivo do Santuário e faz o convite aos ouvintes para participarem das festas. Outras formas de divulgação usadas pelo padre é o facebook, com postagens na página oficial do Santuário. Os líderes religiosos cada vez mais estão usando a tecnologia em favor da evangelização e com isso tem uma comunicação mais próxima com os fiéis e de maneira mais rápida passam a sua mensagem de fé. No entanto, as pessoas que não estão conectadas às novas tecnologias, principalmente idosos, por sua vez recebem o aviso pelos conhecidos, como afirma Corrêa (2011):

A afetividade manifesta-se no que diz respeito ao gostar dos lugares como à movimentação espacial. Lugares e áreas longínquas tornam-se próximos em função da afetividade por eles, como se exemplifica com os lugares sagrados, objetivamente distantes. (CORRÊA, 2011, p. 33).

Assim, o domingo é o dia preferido pelos visitantes que vêm à Mata Grande, já que as festividades também são realizadas nesse dia. Os devotos em sua maioria são: aposentados, agricultores, donas de casa e estudantes, cujas condições financeiras não permitem ficar mais dias. Aqueles que têm familiares na cidade aproveitam para permanecer por mais tempo.

Na (Figura 18) podemos observar que os devotos que frequentam a festa de Santa Teresinha são agricultores, aposentados, estudantes.

Figura 18: Agricultores devotos de Santa Teresinha



Fonte: Acervo pessoal de Lima (2019).

Os transportes usados pelos devotos para seu deslocamento até Mata Grande são: van, caminhão, motocicleta e carro. Existem várias placas de sinalização nas rodovias com a imagem de Santa Teresinha, o que é uma forma de facilitar a orientação do motorista, uma vez que mostra como o devoto pode chegar à cidade de Mata Grande. No dia da festa, a movimentação é intensa, o lugar logo fica lotado com a aglomeração de pessoas no interior do Santuário. Ao sair do local, o devoto encontra muitos espaços de lazer: as barracas da feira organizadas nas ruas próximas ao Santuário.

No período da festa de Santa Teresinha, o comércio se torna bastante movimentado com a chegada de ambulantes vindos de outras regiões para comercializar os mais variados

produtos: artigos religiosos, vestuário, alimentos, plano funerário; desse modo, essas ações fortalecem a economia da cidade. O valor arrecadado com as vendas não fica somente na cidade de Mata Grande, mas prossegue para as regiões de origem dos comerciantes. Mesmo diante das dificuldades financeiras, os devotos costumam levar para casa artigos religiosos como: as imagens de santos, terços, livros de oração. Fora do contexto religioso, outras mercadorias são consumidas pelos devotos: alimentos, água, vestuário e alguns itens supérfluos. Uma opção feita pelos devotos para diminuir nas despesas é trazer a alimentação de casa ou apenas optam por trazer um lanche, que é mais barato.

Rosendahl (1996) explica que:

É no espaço profano, diretamente vinculado ao sagrado, que a distribuição das atividades não religiosas ocorre. Tais atividades apresentam uma forte articulação com o sagrado. Em sua maioria compreende a área dos comerciantes e barraqueiros. A diversidade nos tipos de mercadorias está relacionada aos produtos da região, que podem ser agrícolas e artesanais, assim como produtos industrializados de todos os tipos, procedentes de cidades próximas. Os comerciantes ou barraqueiros apresentam uma forte mobilidade espacial. Estão presentes, no decorrer do ano, em diferentes festas religiosas das cidades próximas. (ROSENDAHL, 1996, p. 74).

A (Figura 19) mostra o vendedores informais vendendo suas mercadorias durante a festa do Santuário de Santa Teresinha.

Figura 19: Vendedores informais



Fonte: Acervo pessoal de Lima (2019).

Para os devotos, é importante participar desses momentos festivos, mesmo com todas as dificuldades, não se deixa de visitar e quando não conseguem ir a todas as festas, ficam tomados pela emoção e pela saudade. Para o devoto que visita o Santuário Teresiano, o lugar indispensável para se visitar é onde está situada a imagem de Santa Terezinha, ali fazem a oração e agradecem pelos pedidos atendidos. A multidão de fiéis fica ao redor do padre Sizo aguardando o momento de falar com ele e receber a sua bênção. Ao terminar a festa religiosa, o devoto sai impressionado com as surpresas que viveu e também com a imponência do Santuário, os detalhes arquitetônicos do seu interior e exterior chamam atenção devido sua beleza.

A vivência da festa oportuniza ao homem o encontro com os anseios mais fundados do ser humano. A Festa faz a ligação do humano com o transcendente. Eleva o homem ao mais alto degrau do humano, que é o encontro com a divindade. A Festa devolve o “Paraíso Perdido”, e, por um pouco de tempo, se configura um tempo de paz e felicidade. (SANTANA, 2000, p. 146).

Como ilustrado na (Figura 20) é durante o momento de oração que o devoto sente uma ligação com o santo essa aproximação faz serem íntimos, o devoto aproveita para fazer seus pedidos e agradece pelas graças já alcançadas. A interação do devoto com o espaço sagrado ajuda a formar lembranças, os momentos vividos durante as festividades religiosas constroem uma memória afetiva com o lugar.

Figura 20: Sala de Oração no Santuário Teresiano



Fonte: Acervo pessoal de Lima (2019).

A procissão é o momento mais esperado pelos devotos que aguardam a chuva de rosas em alusão à promessa de Santa Terezinha, que disse “Depois de minha morte, farei cair uma chuva de rosas”. Durante o cortejo, um helicóptero sobrevoa algumas ruas da cidade de Mata Grande lançando sobre a multidão de devotos, água benta aromatizada com essências de rosas e também rosas confeccionadas com papel.

A multidão contrita apinha-se em volta do andor, cantando quase sempre hinos, que são um seguro documento da psicologia sertaneja, pelo seu característico acento de dolorida melancolia. Assim percorrem muitos quilômetros, através de caminhos sinuosos, erçados de pedregulho, ou cobertos de areia fina, fortemente aquecida pela irradiação solar, nesses dias de ardente bochorno. Voltam, entretanto, ao som dos mesmos hinos, sob a égide do mesmo santo, com o espírito mais alegre, banidas as apreensões que o obscureciam. Não é, porém, o motivo apontado o único que suscita tais procissões, oriundas também de diversas outras causas. (BRANDÃO, 2015, p. 230).

A (Figura 21) ilustra a multidão de devotos que durante a procissão cantam hinos e acompanham a procissão em volta do andor.

Figura 21: Procissão do Santuário Teresiano em 2019



Fonte: Acervo pessoal de Lima (2019).

O Santuário Teresiano tem uma grande influência dentro do território no qual obtém uma relação com as esferas econômicas, políticas e religiosas. Cada esfera tem sua parcela de participação no evento religioso, sendo as responsáveis por proporcionar às festividades uma estrutura capaz de receber um grande número de devotos.

4.2 Festa de Nossa Senhora da Conceição em Mata Grande-AL

A comunidade católica matagrandense participa anualmente, no mês de dezembro, da tradicional festa da padroeira da cidade: Nossa Senhora da Conceição. A festa se inicia no dia 22 de dezembro com o hasteamento da bandeira contendo a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Os devotos matagrandenses vão visitar a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, na qual a devoção à imagem foi implantada há mais de duzentos e vinte anos desde a doação de terras em 1791. A Igreja Matriz é um lugar que faz parte da história de fé dos devotos da Santa, e vivenciar esses momentos constrói a identidade do cristão católico.

Os frequentadores do templo religioso buscam no encontro com Deus fortalecer sua espiritualidade. Com isso, “a frequência ao espaço sagrado varia de intensidade é, na maioria das vezes, a escala de atuação dos devotos é maior na festa do padroeiro. Missa, quermesse, procissão e romarias são práticas religiosas na festa anual do santo protetor” (ROSENDAHL, 1996, p. 78). O sentimento de pertencimento é causado pelo que é experimentado num espaço vivido e, desse modo, quanto maior frequência e engajamento nas práticas religiosas, mais o católico afirma sua crença.

A (Figura 22) mostra a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição no encerramento da festa no dia primeiro de janeiro de 2019.

Figura 22: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Acervo pessoal de Lima (2019).

Nos dias em que ocorrem as festividades de Nossa Senhora da Conceição, aumenta o movimento do comércio local que também coincide com as vésperas do Natal e as festas de fim de ano; as ruas do centro da cidade são ocupadas pelos parques de diversões. É visível o maior fluxo de pessoas indo para a novena na Igreja Matriz, também é possível ouvir o som do alto falante convidando o povo para a celebração da missa. Os fogos de artifícios são um indício de que celebração já iniciou.

Durante o novenário, os devotos que vão à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Para se locomoverem, utilizam o carro e motocicleta. Já os que moram na zona rural têm mais dificuldade de transporte e, por isso, aproveitam para fazer a visita à Igreja Matriz na noite das comunidades rurais, reunidos em caravanas saem em procissão percorrendo as ruas da cidade. Os fiéis caminham todo o percurso conduzindo a imagem do santo padroeiro de sua capela que estão espalhadas pelo município de Mata Grande-AL. Seguindo em direção ao templo sagrado a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, os fiéis demonstram fé e devoção. Durante a homilia, o padre exorta o povo a ter coragem de caminhar junto de Cristo como os santos fizeram durante a sua vida terrena buscaram a comunhão com Deus. Nessa compreensão,

A Festa eterniza a vida, “aliena” o ser humano. Retira o homem do cotidiano da existência. Afasta-o da rotina e do agressivo da vida. De repente, o tempo para e se revela paradisíaco. Tudo se torna tão bonito e humano. Na Festa, o homem se faz amigo e irmão. A mesa da Festa é o banquete simbólico da vida. A Festa possibilita o reencontro humano. “A volta” à terrinha tem o prazer de se voltar ao nascedouro, onde tudo respira segurança e paz. (SANTANA, 2000, p. 146).

Os filhos ausentes que saíram de Mata Grande e foram morar em outras cidades costumam comparecer no período festivo. Os matagrândenses ausentes fazem visita à casa da Mãe: Nossa Senhora da Conceição, e participam da celebração religiosa. No momento em que é cantado o hino da padroeira, os sentimentos de amor por essa terra invadem os corações das pessoas presentes na celebração e traz à memória lembranças dos antepassados que já não podem estar nessa festa.

Na procissão do dia primeiro de janeiro, os devotos percorrem as principais ruas da cidade com o andor e a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Para eles, uma forma de iniciar o ano é agradecendo a Deus pelo ano que passou, pedindo a proteção do Deus Pai e a bênção da Mãe Nossa Senhora da Conceição, para que o novo ano iniciado seja de muitas realizações. Portanto,

Como parte integrante da Festa cultuada ao santo, o fenômeno procissão, na Igreja Católica Apostólica Romana é o momento, talvez, mais esperado na manifestação da religiosidade popular. Solenemente, clero, irmandades e fiéis caminham pelas ruas, recitando ou cantando preces, reanimando a esperança dos que dela participam. Pela festa, tanto no âmbito sagrado como no profano, todas as coisas se reconciliam. Celebra-se a alegria da vida. (SANTANA, 2000, p. 146).

A procissão de Nossa Senhora da Conceição no dia primeiro de janeiro de 2019 (Figura 23), os fiéis percorrem as ruas da cidade de Mata Grande-AL cantando hinos em volta do andor de Nossa Senhora da Conceição.

Figura 23: Procissão de Nossa Senhora da Conceição em 2019



Fonte: Acervo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição.

Os espaços sagrado e profano são temporariamente ocupado pelas barracas e brinquedos localizados na Praça da Matriz, principalmente no dia primeiro de janeiro, os vendedores aproveitam o movimento dos fiéis e colocam as barracas para vender água e lanches. Os devotos que frequentam a Igreja Matriz costumam comprar artigos religiosos: terços, imagens, bíblias, livros de oração. Esses objetos devocionais contribuem na construção da espiritualidade católica. Sobre essa ambivalência entre o sagrado e o profano, Santana (2000) externa que:

A religião normalmente apresenta duas faces. Uma oficial, executada pela Instituição e outra feita pelo povo. Este, de forma espontânea e livre, realiza a Festa. O tempo da Festa da Padroeira é pleno da graça do Deus da vida, que renova e reproduz os sonhos, aparentemente perdidos. Felizmente, os sonhos sobrevivem no imaginário do inconsciente humano. O ideal da Festa acontece, quando o profano e o sagrado se dão as mãos, e quando o institucional e o popular se respeitam e se fundem. (SANTANA, 2000, p. 147).

Os devotos (Figura 24) reunidos na praça em frente à Igreja Matriz no encerramento da festa religiosa, durante a festa são comercializados objetos religiosos, lanches e também alugam brinquedos para as crianças.

Figura 24: Os devotos matagrandenses na Praça da Matriz em 2019



Fonte: Acervo pessoal de Lima (2019).

O território religioso é ocupado para demarcar culto ao sagrado, no qual as pessoas creem no poder atrelado à imagem, ao olharem para o alto e elevarem seu olhar ao céu sentem a superioridade divina em relação à humanidade. A imagem de bronze de Nossa Senhora da Conceição chegou à Mata Grande em 09 de novembro de 1976; a folha 124 -B do Livro de Tombo nº 2, no dia 25 de janeiro de 1977, cita que foi inaugurada a Praça de Nossa Senhora da Conceição pelo prefeito Cristiniano Fontes Nunes e a efígie da santa foi fixada na praça e abençoada. A imagem religiosa ocupa um espaço de destaque e fica perceptível ao olhar de todos, mesmo que esteja distante ou próxima, a imagem é elevada a determinado nível de importância ao ser deslumbrada por aqueles que a cultuam.

Diante do que foi proposto, a próxima seção pretende abordar sobre a imagem que representa Mata Grande de acordo com a escolha dos devotos que visitam essa cidade. Portanto, foi realizada uma pesquisa comparativa com os devotos que participam das duas festividades religiosas: a de Nossa Senhora da Conceição e a de Santa Teresinha. A partir da análise destas informações, obtêm-se um resultado sobre a imagem escolhida pelos devotos. Nisso, as respostas aos questionamentos da pesquisa de campo estão inseridas em tabelas e gráficos para ilustrar os dados obtidos com a pesquisa e facilitar a compreensão dos resultados. Os dois monumentos religiosos, Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e o Santuário Teresiano, foram construídos em épocas distintas, porém suas edificações possuem motivos parecidos: a devoção a uma imagem.

5 A IMAGEM QUE REPRESENTA A CIDADE DE MATA GRANDE-AL A PARTIR DA CONCEPÇÃO DOS DEVOTOS

A cidade de Mata Grande, no alto sertão alagoano, possui dois monumentos religiosos ligados à fé católica: a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e o Santuário Teresiano. Nesta seção, verificaremos qual desses lugares está mais presente na memória do devoto.

Para os devotos que visitam Mata Grande, ou apenas ouvem falar, reconhecem a cidade pela edificação do Santuário Teresiano, mas os moradores católicos da cidade e do município de Mata Grande reconhecem essa cidade ao ver a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição. Durante o ano, a cidade recebe uma estimativa de quarenta mil visitantes que frequentam as festividades religiosas. No entanto, os eventos que mais têm a participação de pessoas de outras cidades são as três principais festas promovidas pelo Santuário Teresiano.

Para a afirmação dessas conclusões foi realizada uma pesquisa com devotos católicos na cidade de Mata Grande-AL, durante a festa religiosa de Nossa Senhora da Conceição, no mês de dezembro de 2018 e na festa de Santa Teresinha no mês de janeiro de 2019. Na aplicação do questionário, foi constatada a escolha dos devotos que frequentam as duas festas religiosas: a realizada pelo Santuário Teresiano e pela Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

Na (Tabela 1), foram aplicados os dados que demonstram que a frequência de participantes na festa do Santuário Teresiano é superior ao número dos que participam festa da Igreja Matriz; contudo, os devotos matagrândenses frequentam as duas festas religiosas.

Tabela 01: Demonstrativo da participação dos devotos nas festas religiosas

Qual a festa religiosa que você participa em Mata Grande-AL?	
Festa de Santa Teresinha	18
Festa de Nossa Senhora da Conceição	9
As duas festas religiosas	4
Outras festas religiosas	0
Total	31

Para os devotos que frequentam a cidade de Mata Grande, o lugar que faz lembrar fortemente a cidade é o Santuário Teresiano. A constatação dessa afirmativa está na (Tabela 2), ao revelar que a cidade é conhecida em outros estados devido ao templo religioso. Os devotos vindos de outras regiões não conhecem todos os pontos da cidade, apenas as ruas do centro que percorrem durante a procissão. Esses visitantes não têm conhecimento das ruas que são referência para os matagrandenses, pois ficam restritos ao espaço ao redor do Santuário.

Tabela 02: Demonstrativo do lugar que faz os devotos lembrarem de Mata Grande-AL

Qual o lugar que te faz lembrar fortemente de Mata Grande-AL ?	
Santuário Teresiano	17
Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição	10
Serra da Onça	4
Comércio	0
Total	31

Fonte: Dados da pesquisa (LIMA, 2019).

Os devotos que frequentam a festa de Nossa Senhora da Conceição escolheram a Igreja Matriz como o lugar que lembra a cidade de Mata Grande-AL. A serra da Onça também foi escolhida é um local muito frequentado durante a semana Santa; para os matagrandenses, as lembranças da cidade não se restringem apenas aos templos religiosos. De acordo com Rafael (2000):

Os devotos são aqueles que se dedicaram a determinados santos e que, quando comemoram suas datas, consagram votos a eles. As ocasiões em que se prestam homenagens aos mesmos, têm como foco principal as procissões, completada pelas novenas, tríduos e peregrinações, vivenciadas, sobretudo pelos moradores das áreas rurais. (RAFAEL, 2000, p. 142).

Sendo assim, os motivos que fazem vários devotos frequentarem as festividades religiosas da cidade de Mata Grande todos os anos é por ser uma festa tradicional, pela devoção, para pagar promessas e também receber a graça do santo. Como ilustra a (Figura 25) durante a procissão de Nossa Senhora da Conceição, alguns fiéis percorrem todo o trajeto fazendo penitência.

Figura 25: Fiéis percorrendo a procissão de Nossa Senhora da Conceição em 2019

Fonte: Acervo pessoal de Lima (2019).

A (Tabela 3) demonstra que é por devoção à padroeira da cidade que os devotos frequentam no mês de dezembro: as novenas na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Com a intenção de fazer um pedido, o devoto busca se aproximar da imagem, conta com o auxílio da Santa para alcançar uma graça. Para fiéis, já é uma tradição participarem todos os anos das novenas e durante a procissão do dia primeiro de janeiro, algumas pessoas saem vestidas de branco e descalças para receber uma graça em sinal de penitência.

Tabela 03 – Demonstrativo sobre o motivo dos devotos frequentarem as festas religiosas

Qual o motivo de frequentar as festas religiosas em Mata Grande-AL ?	
Devoção	13
Pagar Promessa	4
Tradição	2
Receber algum Santo	7
Todas as opções	5
Total	31

Fonte : Dados da pesquisa (LIMA, 2019).

Para os devotos que frequentam as festividades religiosas promovidas pelo Santuário Teresiano há um motivo de que seria para pagar as promessas dos pedidos atendidos por

Santa Terezinha. No Santuário Teresiano, os devotos fazem pedidos olhando para a imagem confiante na sua intercessão e acreditam que os pedidos serão atendidos devido à relação do santo com Deus. Também já é uma tradição para muitos devotos teresianos virem todos os anos às festividades religiosas do Santuário, logo, a festa se tornou uma tradição da cidade de Mata Grande.

A sala das promessas (Figura 26) é repleta de objetos os membros do corpo e animais esculpidos na madeira, vestuário, fotos de pessoas e também animais que representam as graças alcançadas pelos devotos. Ainda na (Figura 26) podemos ver a imagem de Frei Damião, um missionário que percorreu o Nordeste, inclusive Mata Grande realizando missões evangelizadoras, como citado anteriormente.

Figura 26: Sala das Promessas no Santuário Teresiano



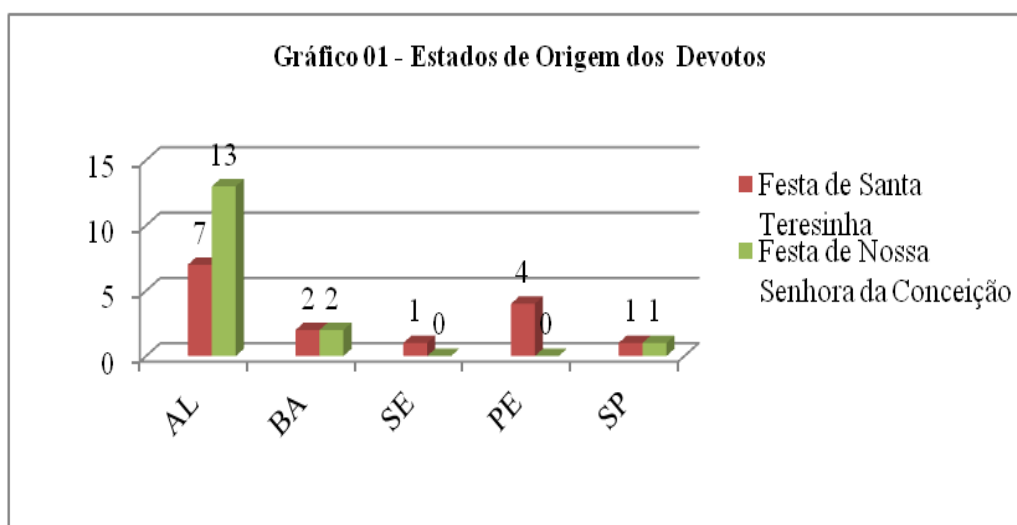
Fonte: Acervo pessoal de Lima (2019).

Na sala das promessas é possível constatar que a devoção à Santa Terezinha é fortalecida pelas ações de fé, como os diversos objetos das pessoas que alcançaram graças, também outra demonstração é que várias crianças recebem dos pais devotos o mesmo nome

da Santa. Há pessoas que pagam promessas vestidas com vestes parecidas com a da Santa Terezinha, como também fazem altar para colocar as imagens.

5.1 A identidade dos devotos frequentadores das festividades religiosas em Mata Grande-AL

Através da pesquisa foi constatado que vindos de vários estados, Alagoas, Pernambuco, Bahia, Sergipe e de São Paulo, os devotos católicos participam das festividades religiosas do Santuário Teresiano e da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição na cidade de Mata Grande. O (Gráfico 1) demonstra que os frequentadores das festas de Santa Terezinha, em sua maioria são dos estados de Alagoas, Pernambuco, Bahia, Sergipe e de São Paulo. Na festa de Nossa Senhora da Conceição, os frequentadores são dos estados de Alagoas, Bahia, São Paulo.

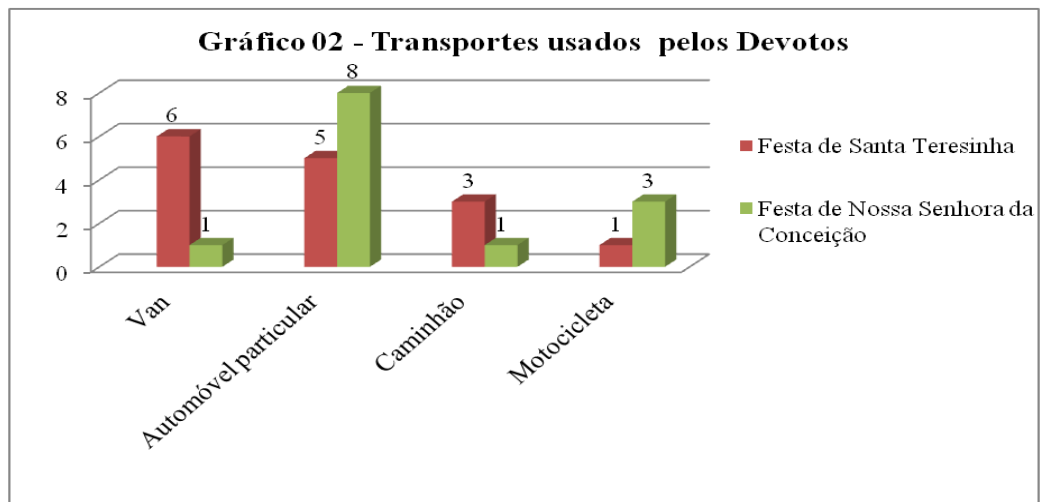


Fonte: Dados da pesquisa (LIMA, 2019).

A explicação para esses resultados é que muitos devotos nesse período das festividades religiosas em Mata Grande estão de férias e saem de São Paulo até Alagoas para rever a família e parentes. Com isso, aproveitam para visitar a Igreja Matriz e o Santuário Teresiano. Concordando com Rafael (2000), a respeito dos participantes das festividades religiosas:

Quanto ao perfil social dos participantes das romarias, a grande maioria deles parte mesmo é da região Nordeste. Os romeiros alagoanos são os que compõem as caravanas mais animadas. Insistem na manutenção de certas tradições referentes ao vestuário e ao meio de transporte. (RAFAEL, 2000, p. 142).

As informações colhidas sobre os transportes usados pelos devotos na locomoção até as festividades religiosas na cidade de Mata Grande são resultado dos dados colhidos pela pesquisa e são ilustrados no (Gráfico 2). Com isso constata-se que a van é o transporte mais usado pelos devotos Teresianos, esse tipo de transporte consegue levar uma grande quantidade de pessoas, mais de quinze pessoas de uma só vez. As pessoas que usam o automóvel como opção de transporte superou o caminhão “pau de arara”, este que por décadas foi usado pelos devotos e tornou-se um símbolo da romaria nordestina. Os matagrandenses devotos marianos afirmaram que, para se locomover durante as novenas realizadas na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, usam mais o automóvel e a motocicleta.



Fonte: Dados da pesquisa (LIMA, 2019).

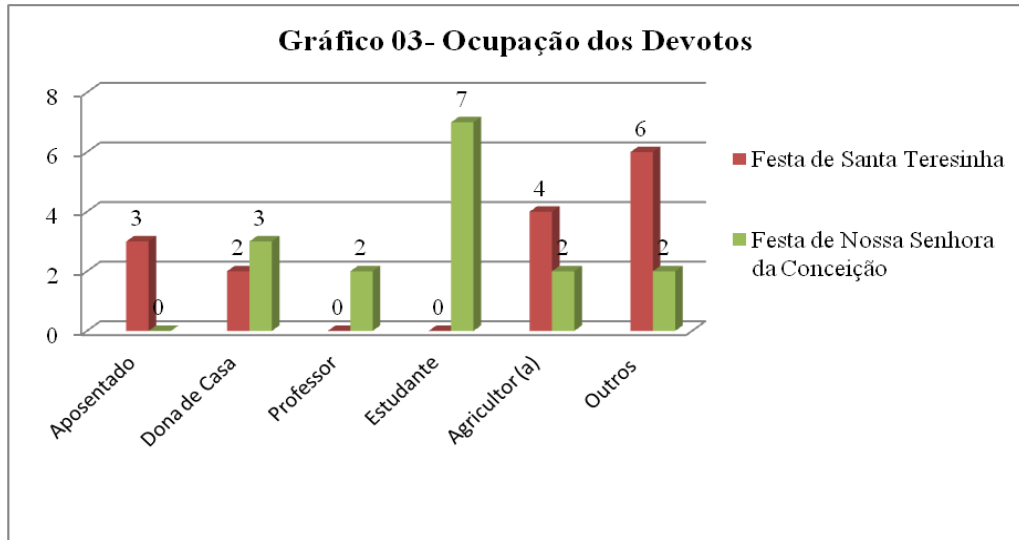
Visitar o templo religioso não se destina apenas a pessoas idosas, mas sim para todos que estão em busca de contato com o sagrado. Sendo assim, na (Figura 27) os devotos costumam ir ao Santuário Teresiano acompanhados de alguns familiares: crianças, jovens, adultos e idosos.

Figura 27: Pessoas de diversas faixas etárias visitam o Santuário Teresiano



Fonte: Acervo pessoal de Lima (2019).

Com os dados coletados pela pesquisa, foi possível identificar a ocupação dos devotos que frequentam os templos religiosos de Nossa Senhora da Conceição e o Santuário Teresiano. Através do (Gráfico 3), foi possível constatar a opção feita pelos devotos frequentadores do Santuário Teresiano foram: aposentados, donas de casa, agricultores e outros.



Fonte: Dados da pesquisa (LIMA, 2019).

Os devotos que frequentam o novenário na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, escolheram as opções dona de casa, estudantes, professores, agricultores e outras ocupações. Com esses dados pode ser constatado que existe uma diversidade de frequentadores dos templos religiosos de Mata Grande-AL que são devotos de Santa Teresinha e Nossa Senhora da Conceição.

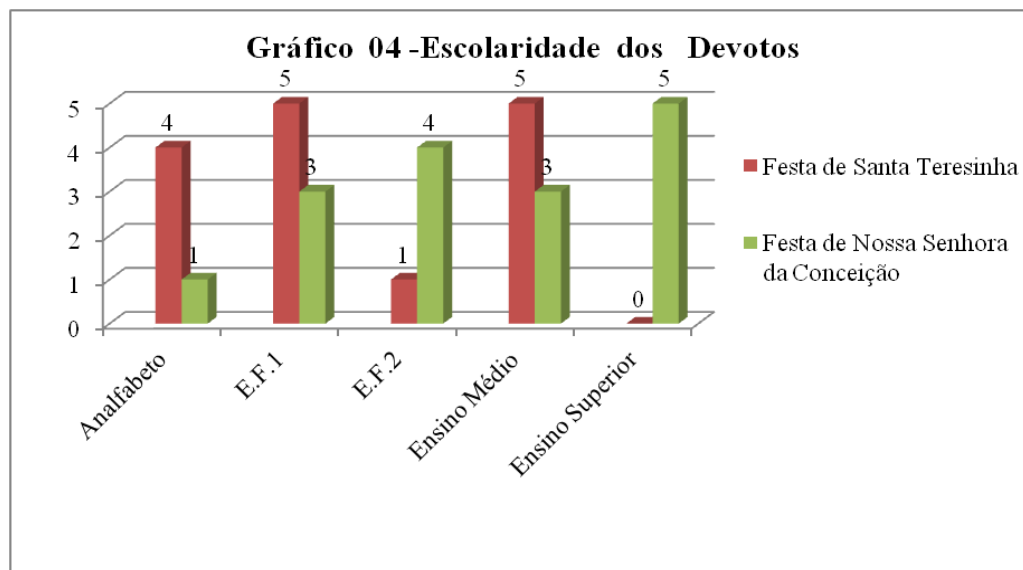
Como explanado na seção dois, no passado o uso de imagens pela Igreja Católica tinha a função pedagógica de catequizar seus fiéis não alfabetizados. A pedagogia catequética que se utilizou das imagens foi uma escolha da Igreja Católica durante a reforma protestante, e essa escolha refletiu na prática de atos religiosos que são realizados até os dias atuais como, as procissões, as novenas, os terços realizados com uso das imagens. Seguindo os ensinamentos do catolicismo, os devotos fazem novenas, constroem oratórios para as imagens (Figura 28) e rezam o terço dentre outras práticas devocionais.

Figura 28: Imagem de Santa Teresinha no Santuário



Fonte: Acervo pessoal de Lima (2019).

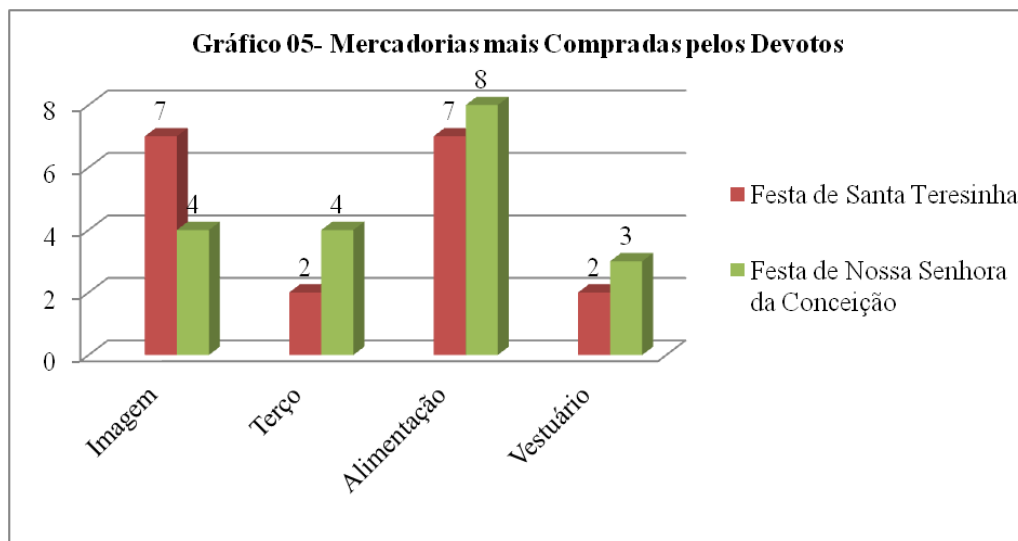
As informações colhidas durante as festividades religiosas, na cidade de Mata Grande, demonstram nos dados expostos no (Gráfico 4) o nível de escolaridade dos devotos. Por mais que existam esforços do Estado laico em ofertar educação, os estados de residência da maioria dos devotos são Alagoas, Bahia, Sergipe, Pernambuco e São Paulo, que ainda possuem índices de analfabetismo.



Fonte: Dados da pesquisa (LIMA, 2019).

Ainda no (Gráfico 4), expõe-se a escolaridade dos devotos teresianos, nas quais a maioria possui o ensino fundamental 1 e o ensino médio, porém o número de devotos que não são alfabetizados é alto. A pesquisa realizada durante o novenário com os devotos marianos que frequentam a Igreja Matriz em Mata Grande demonstra um número maior de devotos que fizeram o ensino fundamental 2, o ensino médio e o ensino superior. Os devotos que frequentam o templo religioso são alfabetizados na fé do catolicismo, principalmente com uso das imagens e símbolos devocionais e os ensinamentos bíblicos. Se no passado a imagem era usada para evangelizar as pessoas que não possuía leitura, hoje mesmo as pessoas que já possui um nível mais elevado de escolaridade, continuam usando a imagem por diversas finalidades como devoção, tradição ou alcançar uma graça .

Os objetos devocionais usados nas práticas de fé dos católicos são comercializados nas festas religiosas de Mata Grande-AL, principalmente na festa do Santuário Teresiano e movimentam a economia da cidade. No (Gráfico 5), são demonstradas as mercadorias mais compradas pelos devotos Teresianos, os dados revelam que a escolha na maioria das vezes é por imagens de santos e alimentação. Nas festas realizadas na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, os devotos marianos compram objetos religiosos e imagens, porém a maioria costuma comprar lanche e água, principalmente no dia da procissão primeiro de janeiro.



Fonte: Dados da pesquisa (LIMA, 2019).

Reforçando os dados da pesquisa foi elaborado (Quadro 1) com o depoimento dos devotos que frequentam as festividades religiosas na cidade de Mata Grande-AL. Ao serem perguntados sobre qual lugar o devoto considera indispensável à visita e onde permanecem durante as festas religiosas do Santuário Teresiano e da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Os devotos que frequentam a festa de Nossa Senhora da Conceição responderam que vão a casa de Deus, a Igreja Matriz ver a Santa assistem a missa visitam o Sacrário. Os devotos que frequentam a festa de Santa Teresinha responderam vão visitar o Santuário fazem uma oração aos pés da santa, não deixam de ir ao interior do Santuário onde se encontra a sala das promessas.

Quadro 1 : Fala dos Devotos

Qual lugar que você considera indispensável à visita e a permanência durante as festividades?

Devoto 1- *Vou ver a santa.*

Devoto 2- *O sacrário.*

Devoto 3- *A Igreja Matriz.*

Devoto 4- *Onde está a imagem da santa.*

Devoto 5- *Sala das Promessas.*

Devoto 6- *Rezar um Pai Nosso aos pés da santa.*

Devoto 7- *Na casa de Deus.*

Devoto 8- *Ir a igreja assistir a missa.*

Devoto 9- *A procissão.*

Devoto 10- *O interior do Santuário.*

Fonte : Dados da pesquisa (LIMA, 2019).

O motivo de o devoto mariano frequentar a festa religiosa da paróquia de Mata Grande é por devoção à virgem da Conceição e o devoto Teresiano não se restringe a um motivo, mas se caracteriza por vários: a devoção, pagar promessa, receber uma graça e a tradição de ir sempre ao Santuário. Os devotos possuem um perfil social: não são apenas os agricultores, aposentados, dona de casa, professores e estudantes que frequentam as festas religiosas na cidade de Mata Grande. Vindos principalmente da região Nordeste, transportados por van ou outro tipo de automóvel, fazem uma visita ao Santuário Teresiano; os devotos matagrândenses participam da festa dedicada à virgem da Conceição usando a motocicleta.

Os devotos sempre sofrem algum tipo de intolerância pela sua devoção à imagem de santos; essa visão também foi relacionada ao fato de possuírem um baixo nível de escolaridade. Porém, a pesquisa revelou que ser devoto de um santo não é sinônimo de falta de conhecimento, pois pessoas com mais escolaridade frequentam as festas religiosas e compram objetos devocionais: imagens, terços, bíblias. Ser devoto representa continuar a propagar as tradições católicas e essas ações de fé contribuem para a afirmação da territorialidade religiosa.

5.2 O espaço da cidade de Mata Grande-AL é um centro de significados

Os espaços ocupados pelas construções religiosas revelam a formação e o desenvolvimento do território matagrândense. A cultura que os primeiros ocupantes trouxeram para essa terra criou uma identidade baseada na religiosidade Católica. De acordo com Mello (2008 p. 184), “O caráter simbólico dos lugares estabelece conexões, decodificando e traduzindo um passado e o conectando ao presente, seja no âmbito dos símbolos oficiais, seja com a simbólica memória vernacular”. Essa cultura religiosa foi formada pela devoção a Nossa Senhora da Conceição e continua sendo transmitida por gerações, porém uma nova devoção foi implantada na cidade com a construção do Santuário Teresiano.

Nesse sentido, os geossímbolos de Mata Grande são a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e o Santuário Teresiano que, juntos, expressam características culturais e religiosas do catolicismo. Cada monumento religioso possui um padroeiro, os devotos visitam os monumentos religiosos preferidos e prestam culto no templo dedicado a divindade. A identificação com o santo de devoção impulsiona o devoto a ocupar o território religioso, para ouvir a mensagem de fé.

As construções religiosas têm tido um papel importante para a cidade de Mata Grande, pois impõem um poder ocupando espaços valiosos de grande visibilidade, criando uma

paisagem cultural em homenagem ao santo de devoção. É no cotidiano da comunidade que as imagens e os símbolos têm valor e significado. Nesse espaço geográfico, o homem religioso constrói os seus costumes e transmite a sua cultura. Nessa compreensão, Corrêa (2011, p. 191) explica que “No catolicismo popular brasileiro há um conjunto de bens simbólicos imagens, velas, ex-votos, terços, medalhas, santinhos e outros objetos que suscitam um processo produtivo envolvendo mecanismos de mercado”. Os objetos religiosos estão presentes no cotidiano dos devotos, os símbolos usados pelos devotos contribuem na espiritualidade, com isso, a compra e a venda movimentam a economia.

Concordando com o que Corrêa (2011) afirma, “as práticas espaciais, isto é, um conjunto de ações espacialmente localizadas que impactam diretamente sobre o espaço, alterando-o no todo ou em parte ou preescrevendo-o em suas formas e interações espaciais” (CORRÊA, 2011, p. 35). Desta maneira, os exercícios de fé realizados no espaço fizeram surgir as povoações; o homem tem a facilidade de criar lugares justificados pela fé, as cidades são formadas e legitimadas pelo poder da ação religiosa, cultural, política e econômica. As cidades possuem símbolos que as diferenciam uma das outras.

Para Tuan (2013, p. 211), “a cidade é um lugar, um centro de significados, por excelência. Possui muitos símbolos bem visíveis, mais ainda, a própria cidade é um símbolo”. O apreço pela divindade motiva o devoto a ter o desejo de construir algo concreto, baseado em um sentimento de fé em algo no qual acredita. Assim, as construções religiosas ajudam na formação de uma cidade, em que o monumento religioso é um sinal de fé apreciado pelos conterrâneos e devotos que visitam o lugar, portanto, a obra é um símbolo da religião e da fé do devoto que a construiu.

A devoção à divindade contribuiu para que os devotos doassem terras a Nossa Senhora da Conceição para a edificação de uma capela. Para Deffontaines (1948), citado Rosendahl (2013, p. 105), “As ideias religiosas, antes da geografia, fizeram com que se decidisse o arranjo das habitações, desde a simples aglomeração até a grande cidade”. Tal realidade é constatada visto que, próximo ao lugar de habitação da divindade, formou-se o povoamento da futura Mata Grande e o espaço geográfico passou a ser ocupado por várias famílias.

A fundação da cidade de Mata Grande é baseada na religiosidade. Para tanto, Tuan (2012, p. 215) afirma que “A história de sua fundação resume certos passos na transição de vilas para cidades ideais: é um modelo da interpretação não econômico da origem da cidade”. O processo historiográfico de Mata Grande relata a forma de apropriação do território e as condições propiciadas pelo lugar permitiram o desenvolvimento das estruturas religiosas, sociais, econômicas, políticas e culturais.

A presença da Igreja Católica no território garantia o atendimento espiritual, assegurava a convivência pacífica dentro da comunidade que estava surgindo. Portanto, os indivíduos precisavam garantir a sua permanência dentro do território. Os recursos naturais inicialmente deram condições aos indivíduos de permanecer nesse lugar, posteriormente, o comércio surge como um meio de garantir a sobrevivência dos indivíduos. A cidade ergueu-se e foi crescendo, muitas vezes, de forma desordenada e sem planejamento e os espaços foram sendo preenchidos sem as mínimas condições de conforto. Ao mesmo tempo, também estava ocorrendo a formação da identidade cultural e religiosa da comunidade e os indivíduos vivenciavam as ações educacionais e sacramentais.

A cidade é um reflexo da cultura religiosa que exerce uma forte influência dentro da comunidade, pois os moradores também imprimem na cidade em que reside, sua personalidade e o seu estilo de vida. As pessoas têm a satisfação de viver em uma cidade que possui algum atributo e que se sobressai diante de outras. Por isso, a construção de lugares sociais e comerciais contribuiu com o desenvolvimento de Mata Grande.

Podemos entender que os símbolos são estruturas visuais espalhadas pelas ruas da cidade que ajudam na valorização e no reconhecimento do lugar. Os visitantes não conhecem toda a realidade da cidade, ficam apenas com o que conseguem perceber de imediato, assim o lugar ideal muda de pessoa para pessoa, elas podem viver no mesmo local, mas o percebe diferentemente.

Os devotos que visitam semanalmente o Santuário Teresiano e os devotos de Nossa Senhora da Conceição que frequentam a Igreja Matriz, através de suas ações de fé, formam a territorialidade religiosa na cidade de Mata Grande em Alagoas. Rosendahl (1999, p. 90) argumenta que a “territorialidade é um dos ingredientes essenciais das identidades, mas ela não tem sempre a mesma capacidade de reprodução nem a mesma forma”.

Nessa leitura, a identidade religiosa do devoto teresiano é diferente do devoto mariano, mesmo fazendo parte de uma única denominação religiosa: o catolicismo. Cada santo possui uma personalidade diferente, também viveu em tempos diferentes, a espiritualidade foi vivenciada de forma pública ou na clausura e as semelhanças estão nas práticas devocionais exercidas pelo catolicismo através das procissões, missas, as orações, etc.

Portanto, a territorialidade religiosa em Mata Grande teve início em 1791 com devoção à imagem de Nossa Senhora da Conceição e essas raízes do Catolicismo permanecem. Porém, em 2003, surge a devoção à Santa Terezinha do Menino Jesus. As terras doadas a Nossa Senhora da Conceição foi um grande sinal de devoção. A construção da capela em homenagem à Santa influenciou no processo de ocupação do território. Contudo, a

construção do Santuário Teresiano tem atraído visitantes de vários estados do Brasil, o que popularizou a cidade. Nesse sentido, as considerações finais abordam sobre a imagem escolhida pelos devotos e expõe sobre os principais assuntos vistos nos capítulos precedentes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou compreender a Territorialidade Religiosa e a Representação Imagética na cidade de Mata Grande, em Alagoas, a partir da concepção dos devotos que frequentam as festividades católicas da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e do Santuário Teresiano. Através da análise bibliográfica e documental, relata-se resumidamente a Geo-historiografia da territorialidade religiosa desse município alagoano e, a partir disso, as leituras tiveram o intuito de proporcionar o entendimento dos acontecimentos ocorridos nesse território. Buscou-se descrever a motivação que levou o casal Francisco Gonçalves Teixeira e Luiza Maria a escolher uma divindade para fazer a doação de grande extensão de terras, como também a falta de organização eclesial da Igreja Católica deixou por muito tempo sem demarcação as terras do patrimônio de Nossa Senhora da Conceição.

Muitas pessoas foram ocupando indevidamente as terras. Com isso, o povoamento foi crescendo dentro desse território. A Igreja percebia que grande parte de suas terras estava sendo ocupada, porém apenas cem anos depois foi realizada a demarcação na tentativa de solucionar as situações de conflitos entre a Igreja e os ocupantes. A demarcação das terras paroquiais foi registrada com a autorização dos vizinhos com o termo amigável. A paróquia teve que aceitar essa condição, caso contrário, não teria como registrar as terras e podia perdê-las. Foi verificado que, além de passar mais de cem anos para demarcar as terras, a Igreja não possuía o documento de doação, tampouco as terras estavam registradas em cartório, mas conseguiu adquirir uma cópia do documento de doação com um vizinho das terras.

O território paroquial denominado Mata Grande e administrado pela Igreja Católica abrangia grande extensão territorial no sertão alagoano, com o crescimento das vilas e a criação de novas paróquias: Pão de Açúcar, Água Branca e, por último, Inhapi. Ocorreu o desmembramento desse território religioso e essa separação deixou o território Mata Grande com a configuração atual. A paróquia matagrاندense é uma das mais antigas e fez parte das três dioceses criadas no estado de Alagoas: Maceió, Penedo e, atualmente, pertence à diocese de Palmeira dos Índios.

Administrada pelo padre, o território paroquial é uma área delimitada da Igreja Católica; a função do padre é realizar as atividades pastorais dentro desse território. A Igreja Católica tem o poder apenas de administrar a área municipal no âmbito religioso, existe uma diferença entre o território paroquial e o território municipal. O território paroquial é administrado pelo pároco e o municipal é administrado pelo prefeito do município de Mata Grande; atualmente ambos ocupam o mesmo espaço e tem o mesmo tamanho em extensão.

Grande parte do perímetro da cidade de Mata Grande está localizada em terras doadas para o patrimônio de Nossa Senhora da Conceição, porém a igreja tem a posse das terras apenas no sentido simbólico, caso necessite, terá que comprar as próprias terras ou receber como doação.

A religião católica foi a responsável pelo estabelecimento da territorialidade religiosa de Mata Grande. Foram à devoção a Nossa Senhora da Conceição e a construção da capela que propagaram a semente de fé na vida cotidiana da comunidade. O templo religioso dedicado ao sagrado possibilitou a criação da paróquia e tornou Mata Grande importante, promovendo a habitação do lugar. A construção do santuário dedicado à outra santidade, Santa Teresinha, novamente colocou Mata Grande em evidência. A cidade é um dos lugares de fé mais procurados do Sertão Alagoano. É uma nova rota de fé para os devotos que vêm semanalmente visitar o Santuário Teresiano. Desta forma, a cidade vive uma nova realidade: o constante fluxo turístico.

As adequações feitas na cidade para receber esses visitantes foram através da iniciativa privada: os comerciantes construíram restaurantes, lanchonetes, pousadas. Com a visão empreendedora, passaram a investir no comércio local e enxergaram nessa nova realidade uma oportunidade de lucro com os devotos que fazem visita ao Santuário. Sendo assim, alguns estabelecimentos comerciais funcionam aos domingos. Na festa de Santa Teresinha, as ruas do centro da cidade ficam ocupadas pelas barracas, os vendedores vêm de diversos lugares e tal espaço passa a ter outra organização. O Santuário Teresiano construído em 2003 para abrigar a divindade também passou a vender artigos religiosos, desta maneira, o sagrado e o profano estão estruturados em um mesmo espaço.

Assim, a cidade de Mata Grande passou a ser conhecida pelos devotos de vários estados do Brasil, através da festa religiosa realizada pelo Santuário Teresiano. Para obter essa e outras confirmações, foi realizada uma pesquisa no qual os devotos responderam às perguntas e através das suas escolhas, os dados foram mostrados em tabelas e gráficos. O lugar que mais faz o devoto Teresiano lembrar da cidade de Mata Grande é o Santuário de Santa Teresinha, porém, para os devotos que frequentam a festa de Nossa Senhora da Conceição, o lugar que lembra a cidade de Mata Grande é a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Os resultados demonstraram que o devoto teresiano e o devoto mariano escolhem a imagem que representa a cidade de Mata Grande-AL de acordo com a festa religiosa da qual participa.

Com base no que foi exposto nesse trabalho, quero que sirva de inspiração para outros pesquisadores, que visam dar continuidade em estudos e pesquisas relacionadas à

territorialidade religiosa e à representação imagética. Este trabalho possui uma grande importância, pois é um resgate geohistóricográfico da territorialidade religiosa de Mata Grande- Alagoas; é também um registro da vivência de fé dos devotos da comunidade católica de Mata Grande e dos devotos de vários estados do Brasil. Essa pesquisa permitiu adquirir diversos conhecimentos, trouxe também experiências para minha vida acadêmica e um crescimento enquanto pesquisadora. Espero que essa iniciativa em pesquisar esse território religioso, que possui geossímbolos devido a práticas de devoção, motive a produção de mais trabalhos, pois, muitas vezes, apenas é necessário um olhar atento para dar visibilidade à sua trajetória no cenário religioso e social, o que muitas vezes não é citado e tão pouco valorizado.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cícera Cecília Esmeraldo. **Territorialidades religiosas em irradiação: um olhar geoturístico sobre a devoção alagoana às representações de padre Cícero e Juazeiro do Norte/Ceará**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2013.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRANDÃO, Moreno. **História de Alagoas seguido de o baixo São Francisco: o rio e o vale**. Maceió: EDUFAL, 2015.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 13 fev. 2019.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Tradução de Centro Bíblico Católico. 188. ed. São Paulo: Ave Maria, 2009.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Geografia cultural uma ontologia**. EdUERJ, 2012.

BLOG DA DIOCESE DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS-AL. Disponível em: <<http://diocesedepalmeiradosindios.blogspot.com/>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

CARVALHO, Cícero Péricles. **Formação histórica de Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2016.

CARVALHO, José Rodrigues de. **Território da religiosidade [manuscrito]: fé, mobilidade e símbolos na construção do espaço sagrado da Romaria do Senhor do Bonfim em Araguacema, Tocantins/José Rodrigues de Carvalho**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás: Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, 2014.

CASTRO, Iná Elias de; CORRÊA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo César da Costa (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CATALÀ Domènech, Josep M. **A forma do real**. Tradução: Lizandra Magon de Almeida. São Paulo: Summus, 2011.

CLAVAL, Paul. **Terras dos homens: a geografia**. Tradução: Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, promulgado por João Paulo II, Papa. **Conferência Episcopal Portuguesa**. 4. ed. Editorial Apostolado da Oração: BRAGA, 2007.

CORRÊA, R. L. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A.; SILVEIRA, M. L. **Território: globalização e fragmentação**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1996 (p. 251-256).

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço e cultura: pluralidade e temática**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.

_____. **Introdução à geografia cultural**. CORRÊA, Roberto e ROSENDAHL, Z.L. (orgs.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

COSTA, Craveiro; CABRAL, Torquato. **Indicador geral do estado de Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2016.

COSTA, João Craveiro. **Instrução pública e instruções culturais de Alagoas & outros ensaios**. Maceió: EDUFAL, 2011. (Coleção Nordestina; v. 74).

CURVELO, Arthur Almeida Santos de Carvalho. **Conflitos na Comarca**: Disputas por jurisdição e controle político em Alagoas Colonial (1711-1758). Maceió: EDUFAL, 2011.

DIÉGUES JÚNIOR, Manoel. **População e açúcar no Nordeste do Brasil**. 2. ed. Maceió: EDUFAL, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GIL FILHO, S. F. Geografia da Religião: Reconstrução Teórica sob o idealismo crítico. In: **Anais I Colóquio Nacional do Núcleo de Estudo em Espaço e Representações NEER**. Curitiba: UFPR-NEER, 2004.

GOVERNO DE ALAGOAS. **Perfil Municipal Ano 2014, n.2 (2014)**. Maceió: Secretaria de Estado do Planejamento e do Desenvolvimento Econômico, 2013. Disponível em: <<http://www.seplande.al.gov.br>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

GRUZINSKI, Serge. **A guerra das imagens**: de Cristovão Colombo a Blade Runner (1492-2019). Tradução: Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

HERCULANO, Edgleide de Oliveira. SANTOS, Ivanildo Gomes dos. In: MADEIRA, Maria das Graças de Loiola; SAMPAIO, Wilson Correia (orgs.). **Capuchinhos Italianos no Nordeste Brasileiro**: Uma trajetória de Sócio-Religiosa (Séculos XVIII-XIX) Missionários e beatos nos Sertões Nordestinos: Ações socializadoras e formativas (séculos XVIII-XX). Maceió: EDUAL, 2011.

IGREJA CATÓLICA. **Código de Direito Canônico**. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2019.

LEGROS, Patrick et ai. **Sociologia do imaginário**. Frédéric Monneyron, Jean-Bruno Renard, Patrick Legros e Patrick Tacussel; tradução de Eduardo Portanova Barros. - Porto Alegre: Sulina, 2014 - 2ª ed. (Coleção Imaginário Cotidiano) 287 p.

LIRA, Fernando José de. **Formação da riqueza e da pobreza de Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2007.

LYNCH, Kevin. **A imagem da Cidade**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. (Coleção cidades).

MELLO, João Batista Ferreira de. In.: ROSENDAHL, Zenny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.) **O Rio dos Símbolos Oficiais e Vernaculares**. Espaço e Cultura: Pluralidade temática. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MENEZES, Catarina Agudo. **A escrita no chão**: a formação do território de Alagoas por meio de fontes coloniais. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Alagoas: Maceió, 2011.

NUNES, Márcio Manuel Machado. **Dom Antônio Manoel de Castilho Brandão**: Um bandeirante nas terras das Alagoas. Maceió 2010.

_____. **A criação do Bispado das Alagoas**: Religião e Política nos primeiros anos da Republica dos Estados Unidos do Brazil. (1889-1910). Dissertação (Mestrado em História) UFAL, 2016.

_____. **Presença da Igreja Católica em Alagoas**: o primeiro bispo e a nova diocese. Maceió: EDUFAL, 2013.

PANORAMA ESTATÍSTICO DE MATA GRANDE-AL. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/mata-grande/panorama>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

PARAHYBA, Rua da B. V.; LEITE, A. P. **Solos do Município de Mata Grande**. Estado de Alagoas. Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2007. (Embrapa Solos. Circular técnica, 39).

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE MATA GRANDE-AL. **Livro de tomo nº 1(1884-1938)**. Arquivo paroquial de Mata Grande-AL.

_____. **Livro de tomo nº 2 (1938-2011)**. Arquivo paroquial de Mata Grande-AL.

_____. **Registro Paroquial (2010)**. Arquivo paroquial de Mata Grande-AL.

RAFAEL, Ulisses Neves. In: PEDROSA, Tânia de Maya (org.). **Campo Religioso Alagoano**. ARTE popular de Alagoas. Maceió: Grafitex, 2000.

_____. **O papel das Romarias**. In: PEDROSA, Tânia de Maya (org.). ARTE popular de Alagoas. Maceió: Grafitex, 2000. 217 p.

RAFFESTIN, CLAUDE. **Por uma Geografia do poder**. Tradução: Maria Cecília França. São Paulo. Editora Ártica, 1993.

ROSENDAHL, Zenny. **Espaço e religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro:Ed UERJ, 1996.

ROSENDAHL, Zenny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). MANIFESTAÇÕES da cultura no espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. (Coleção geografia cultural).

ROSENDAHL, Zenny. CORRÊA, Roberto Lobato (org.).**Geografia cultural**: uma antologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

SAMPAIO, Wilson Correia. In: MADEIRA, Maria das Graças de Loiola; SAMPAIO, Wilson Correia (orgs.). **O Caldeirão de Zé Lourenço** Missionários e beatos nos Sertões Nordestinos: Ações socializadoras e formativas (séculos XVIII-XX). Maceió: EDUAL, 2011, p. 160.

SANTOS, Maria da Graça M. Poças. **Espiritualidade, turismo e território**: estudo geográfico de Fátima. Portugal: Principia, 2006.

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia; SILVEIRA, Maria Laura. **Território Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTANA, Pe. Manoel Henrique. In: PEDROSA, Tânia de Maya (org.). **Festa à Vista**. ARTE popular de Alagoas. Maceió: Grafitex, 2000. 217 p.

TRECCANI, Girolamo. **Violência e grilagem**: instrumentos de aquisição da propriedade da terra no Pará. Belém: UFPA, ITERPA, 2001.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, YI-FU. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. 1930. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

_____. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

VERÇOSA, Elcio de Gusmão. **Cultura e educação nas Alagoas**: histórias, histórias. 4. ed. Maceió: EDUFAL, 2006.

APÊNDICE

Questionário de pesquisa com romeiros:

UFAL - CAMPUS DO SERTÃO – GEOGRAFIA	
Pesquisa: Festa de Nossa Senhora da Conceição 2018 e Festa de Santa Teresinha 2019 em Mata Grande –AL	
Nome: _____	Sexo: Homem () Mulher ()
Faixa de Idade: Jovem () Adulto () Maior idade () Ocupação _____	
Município de origem _____	Povoado? _____
Sim () Não) Qual? _____	
1-Qual a sua Religião: Católica () evangélica () Não tem religião () Outra: _____	
2-Escolaridade: Analfabeto () Ensino fundamental () Médio () Superior: _____	
3-Qual lugar que te faz lembrar mais fortemente de Mata Grande-AL?	
a) Serra da Onça () b) Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição () c) Santuário Teresiano () d) Comércio Outro: _____	
4- Qual a Festa Religiosa que você mais participa em Mata Grande-AL?	
a) Festa de São Sebastião () b) Festa de Nossa Senhora do Rosário () c) Festa de Nossa Senhora da Conceição () d) Festa de Santa Teresinha ()	
e) Outra: _____	
5- Qual o motivo de frequentar esse evento religioso?	
a) Pagar promessa () b) Tradição () c) Devoção () d) Receber alguma graça do Santo ()	
6) Quais ambientes você mais vivencia durante o evento? _____	
7 – Qual o significado desses lugares frequentados para a sua história pessoal?	

8 – Quanto tempo você permanece em Mata Grande durante as festividades?	

9- Você faz compra de algum objeto sagrado ou algo ligado à festa?	

a) Sim () b) Não ()

10-Qual objeto você mais compra?

a)Terço () b) Imagem () c) Vela () d) Fogos () e) Bíblia () f) Livros de Orações ()

11 – Você consome outras mercadorias ou serviços fora do contexto religioso? Sim () Não ()

11.1- O quê? _____

12-Como você toma conhecimento do calendário de festividades?

a) Rádio () b) Televisão () c) Internet () d) Carro de som () e) Cartaz ()

13-O que mais fica na sua memória ao participar das festividades?

14-O que você considera mais importante na festa?

a) Participar da festa junto à Igreja ()

b) Participar da festa na cidade ou no espaço público ()

c) Outro

15-Qual lugar que você considera indispensável a visita e a permanência durante as festividades?

16-Qual tipo de transporte você utiliza para chegar às festividades de Mata Grande?
